

# **DIÁLOGO INTERGERACIONAL E EDUCAÇÃO: UMA PRÁTICA COMPARTILHADA**

---

por

**Marivana Giovelli**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Área de concentração Ciência do Movimento Humano, Sub-Área Pedagogia do Movimento Humano da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Especialista em Ciência do Movimento Humano.**

**CEFD  
PPCMH**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2004**



**UFSM**

**Monografia de especialização**

**DIÁLOGO INTERGERACIONAL E EDUCAÇÃO: UMA PRÁTICA  
COMPARTILHADA**

---

**Marivana Giovelli**

**CEFD  
PPCMH**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2004**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Física e Desportos  
Programa de Pós – Graduação em Ciência do Movimento Humano**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de  
Especialização

**DIÁLOGO INTERGERACIONAL E EDUCAÇÃO: UMA  
PRÁTICA COMPARTILHADA**

**elaborada por  
MARIVANA GIOVELLI**

**como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em  
Ciência do Movimento Humano – Sub-Área Pedagogia do Movimento  
Humano**

---

**Prof. Ms. Marco Aurélio de Figueiredo Acosta  
(Presidente/Orientador)**

---

**Prof. Dr. José Francisco Silva Dias**

---

**Prof. Dr. Agostinho Both**

Santa Maria, 08 de Junho de 2004.

“Programados para aprender” e impossibilitados de viver  
sem referência de um amanhã, onde quer que haja  
mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o  
que ensinar, há sempre o que aprender.

Paulo Freire

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Federal de Santa Maria, ao Centro de Educação Física e Desportos e ao Núcleo Integrado de estudos e Apoio a Terceira Idade, que possibilitaram a realização desse trabalho.

Aos funcionários do Departamento de Registro e Controle Acadêmico (DERCA), pela prestatividade e atenção disponibilizados durante a análise de documentos do Projeto Aluno Especial II.

A todos os professores e alunos, que fizeram parte da pesquisa, prestando as entrevistas e informações valiosas, que construíram esse trabalho. São pessoas especiais e de muito valor, sem a boa vontade de vocês nada seria possível. Muito Obrigado!

Aos colegas do NIEATI, que participaram auxiliando tecnicamente e afetivamente, impulsionado meu trabalho, pra que se concretiza-se mais esse sonho. Em especial ao Alan, pelo carinho e auxílio na redação final.

Ao professor Juca, por acreditar e construir um mundo melhor, através do envelhecimento. Nossos trabalhos são alguns frutos do seu exemplo!

Um obrigado muito especial ao professor orientador Marco Aurélio, pela atenção, compreensão, orientação e carinho, dispensados por todos esses anos de amizade e trabalho em conjunto no NIEATI. Cresci e aprendi muito nesse período de convivência maior.

Aos idosos de minha vida, grupo Mexe Coração, Grupo Emoções e Alunos Especiais II. Vocês fazem parte de meu trabalho e de minha caminhada. Obrigado!

Aos colegas de apartamento que conviveram dia-a-dia, com o estresse, mau humor, luz acesa no quarto, folhas de monografia por todos os lados, que serviram de cobaias testando algumas questões nas entrevistas. Sem o apoio de todos vocês, a alegria e o companheirismo, não conseguiria chegar até

aqui! Um obrigado especial “às gurias” do quarto: Mariel e Cristiane. Valeu a ajuda com o português e com as normas! E a Andréia fiel “escudeira” do 175!

Às minhas grandes Amigas, Ana Raquel e Maria Angélica. Vocês são Especiais!

Aos meus pais, Cleci e Oscar, os meus irmãos Rodrigo e Alexandre, que constituem base de tudo que sou hoje. Obrigado sempre!

A todos que torceram e de alguma forma auxiliaram para que esse sonho se concretizasse, principalmente “Aquele”, que ilumina meus passos e está sempre ao meu lado. Obrigado!

E como não podia deixar de ser: Obrigado Nico, em mais essa etapa tua presença foi fundamental! Obrigado por iluminar os meus dias, 1m e 74 cm de sol!

## SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	vii
LISTA DE GRÁFICOS.....	viii
LISTA DE FIGURAS.....	ix
LISTA DE ANEXOS.....	x
LISTA DE REDUÇÕES.....	xi
RESUMO.....	xii
ABSTRACT.....	xiii
<b><u>1-INTRODUÇÃO: O VELHO E O NOVO UM OLHAR PARA A MESMA DIREÇÃO.....</u></b>	<b><u>1</u></b>
“AS DIREÇÕES DO OLHAR”	
1.1-Objetivo Geral.....	8
1.2-Objetivos Específicos.....	8
1.3-Justificativa Do Olhar E Suas Direções.....	9
1.4- Limitações da Pesquisa.....	10
<b><u>2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: “O OLHAR”</u></b>	<b><u>12</u></b>
<b>CAPÍTULO 1- Observando O Envelhecer.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1- ENVELHECIMENTO E SOCIEDADE.....</b>	<b>12</b>
1.1.1- A população envelhece.....	12
1.1.2- O envelhecer através da História.....	13
1.1.3- Os rótulos do envelhecimento.....	17
<b>1.2- AS MUITAS FACES DO ENVELHECER.....</b>	<b>21</b>
1.2.1- Envelhecimento Biológico.....	23
1.2.2- Envelhecimento psicológico.....	25
1.2.3- Envelhecimento Social.....	27
<b>CAPÍTULO 2- Observando A Educação.....</b>	<b>29</b>
<b>2.1- EM BUSCA DE UM DIÁLOGO ENTRE AS GERAÇÕES.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2- A EDUCAÇÃO COMO MEDIADORA DESSE DIÁLOGO.....</b>	<b>31</b>

2.3- EDUCAÇÃO UMA PRÁTICA COMPARTILHADA.....	37
2.4- AS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE: DIFERENTES CAMINHOS E INTENÇÕES.....	39
<b><u>3-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A DIREÇÃO.....</u></b>	<b><u>44</u></b>
<b>“PREPARANDO A INVESTIGAÇÃO”</b>	
3.1- PROCEDIMENTO E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	45
3.1.1-ETAPA I .....	46
3.1.2-ETAPA II .....	46
<b><u>4- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: “A APROXIMAÇÃO” .....</u></b>	<b><u>52</u></b>
4.1- APRESENTANDO O PROJETO ALUNO ESPECIAL II.....	52
4.1.1- Levantando a poeira.....	53
4.1.2- As mais procuradas.....	55
4.2- APRESENTANDO OS DIFERENTES CENÁRIOS.....	61
1º Cenário CESH.....	61
2º Cenário CAL.....	73
3º Cenário CCS.....	81
4º Cenário CCR.....	86
5º Cenário CEFD.....	93
<b><u>5-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u></b>	<b><u>101</u></b>
<b><u>6-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u></b>	<b><u>111</u></b>
<b><u>7- ANEXOS.....</u></b>	<b><u>116</u></b>

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01- CENTROS E CURSOS DA UFSM.....	47
QUADRO 02- AMOSTRA.....	48
QUADRO 03- LISTAGEM DERCA.....	53

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01- Nº DE ALUNOS POR SEXO, QUE REALIZARAM MATRÍCULA DURANTE OS SEMESTRES RELACIONADOS.....	54
--	----

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01- nº de matrícula- disciplinas mais procuradas- 1996.....	56
FIGURA 02- nº de matrícula- disciplinas mais procuradas- 1997.....	56
FIGURA 03- nº de matrícula- disciplinas mais procuradas- 1998.....	57
FIGURA 04- nº de matrícula- disciplinas mais procuradas- 1999.....	58
FIGURA 05- nº de matrícula- disciplinas mais procuradas- 2000.....	58
FIGURA 06- nº de matrícula- disciplinas mais procuradas- 2001.....	59
FIGURA 07- nº de matrícula- disciplinas mais procuradas- 2002.....	59
FIGURA 08 - nº de matrícula- disciplinas mais procuradas- 2003.....	60

## **LISTA DE ANEXOS**

ANEXO 01- CÓPIA RESOLUÇÃO DO ALUNO ESPECIAL II

ANEXO 02- CÓPIA LISTA DE MATRÍCULA DO ALUNO ESPECIAL II, DO SEGUNDO SEMESTRE DE 2003

ANEXO 03- QUESTÕES NORTEADORAS PARA ENTREVISTA COM ALUNO REGULAR

ANEXO 04 – QUESTÕES NORTEADORAS PARA ENTREVISTA COM ALUNO ESPECIAL II

ANEXO 05- QUESTÕES NORTEADORAS PARA ENTREVISTA COM PROFESSOR

ANEXO 06- INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO

## **LISTA DE REDUÇÕES**

DERCA- Departamento de Registro e Controle Acadêmico

UFSM- Universidade Federal de Santa Maria

NIEATI- Núcleo Integrado de Estudos e Apoio a Terceira Idade

AE II- Aluno Especial II

AR- Aluno Regular

## RESUMO

Monografia de Especialização  
Centro De Educação Física E Desportos  
Universidade Federal De Santa Maria, RS, Brasil  
Programa De Pós-Graduação Em Ciência Do Movimento Humano  
Sub-Área Pedagogia Do Movimento Humano  
TITULO: **DIÁLOGO INTERGERACIONAL E EDUCAÇÃO: UMA PRÁTICA COMPARTILHADA**

Autora: MARIVANA GIOVELLI  
Orientador: MARCO AURÉLIO DE FIGUEIREDO ACOSTA  
Local e Data da Defesa: Santa Maria, 08 de junho de 2004

Este trabalho é resultado final do curso de Especialização em Ciência do Movimento Humano, sub-área Pedagogia do Movimento Humano, e apresenta um olhar sobre o “Projeto Universidade e Idosos/Voltando a Estudar- Aluno Especial II”, da Universidade Federal de Santa Maria, ligado ao Núcleo Integrado de Estudo e Apoio à Terceira Idade (NIEATI). A pesquisa caracteriza-se por um Estudo de Caso, onde foram analisados cinco centros de ensino, com a presença de idosos matriculados em disciplinas de cursos desses centros. Foram entrevistados cinco professores, quatro idosos (alunos especiais II), cinco acadêmicos regulares e foram feitas observações das aulas. Procurou-se compreender como acontece o processo de educação diante de um relacionamento intergeracional entre idosos, acadêmicos jovens e professores, em uma mesma sala de aula, dentro da universidade. Entendendo educação como uma prática compartilhada, tentamos observar os frutos do projeto, através da presença do velho em sala de aula. Concluiu-se que o professor tem papel fundamental e, através de sua formação e da forma como ministra suas aulas, pode permitir um perfeito relacionamento entre as gerações. Com relação aos acadêmicos regulares, eles aceitam, elogiam e acreditam na contribuição do idoso para as disciplinas dos cursos, pois através da partilha de suas experiências de vida, há um enriquecimento dos assuntos abordados nas aulas. O Aluno Especial II (idoso), busca as disciplinas de interesse, a realização de sonhos, o auxílio na profissão, a vontade de aprender e se relacionar. Os professores compreendem suas limitações em trabalhar com os idosos e apostam no projeto. Pedem também, mais informações e divulgação acreditando que o principal foco é o caráter humanizador que o projeto apresenta. Os saberes de cada um e a comunhão desses através do diálogo e do relacionamento é que caracteriza a educação para a liberdade e a autonomia. O texto apresenta também, tópicos sobre o envelhecimento humano, sobre diálogo intergeracional e sobre educação.

## **ABSTRACT**

Monografia de Especialização  
Centro De Educação Física E Desportos  
Universidade Federal De Santa Maria, RS, Brasil  
Programa De Pós-Graduação Em Ciência Do Movimento Humano  
Sub-Área Pedagogia Do Movimento Humano

### **TITULO: INTER-GENERATION DIALOG AND EDUCATION: A PARTAKEN PRACTICE**

Author : MARIVANA GIOVELLI  
Major professor: MARCO AURÉLIO DE FIGUEIREDO ACOSTA  
Date and Place of Defense: Santa Maria, 08.de june de 2004.

This study is a final result of the Specialization Course in Human Movement Science, sub-area Pedagogy of the Human Movement, and it shows a look about the Project "University and Oldies – Turning to Study – Special Student II", from the Federal University of Santa Maria, connected to the Integrated nucleus of Study and Support to the Third Age (NIEATI). The study characteristic was a Study Case, where it was analyzed five UFSM Learn Centers with the presences of the oldies matriculated in some disciplines of this Centers. It was searched to understand how the education process happens in front of an inter-generation relationship, the oldies, students, the young and the teachers, in a same study room, into the University. Looking to the education like a partaken practice, we tried to observe the results of this project, of the presence of the ancient in the study room. Concluding, the teacher has a fundamental position, by your formation and by the form that they teach, in to permit a perfect relationship between the generations. The regular students accept, exalt and believe in the contribution of the oldies in the disciplines, with the partition of them lives experiences. The Special Student II (ancient) takes disciplines of your own interest, search dreams realizations, help in his profession, the need for to learn and make relations. Teachers understand the limitations of them; they wait it from the project, they ever want more information and divulgation, and they believe that the principal look is the character of humanization that the project shows, the wisdom of all and the union of this by the dialog and by the relationship are what to characterize the education for freedom and the autonomy. The present text shows too, topics about the human ageing, about inter-generation and dialog and about education.

# 1-INTRODUÇÃO

## O VELHO E O NOVO : UM OLHAR PARA A MESMA DIREÇÃO !

*A cada dia que passa, perpassa  
A distancia da ânsia,  
De mais longe chegar*

*(Ubirajara Anchieta Rodrigues)*

*“7:15- Centro de Educação Física. Dois acadêmicos circulam pelo hall olhando os murais. Nesse instante é impossível não lembrar das recomendações dos professores na graduação, os quais diziam que o mundo é rápido e egoísta, e é preciso estar atento aos bilhetes e avisos que passam pelos murais, pois aí podem estar as oportunidades com data e hora marcadas.*

*O bar está abrindo..... silêncio...*

*Dos bancos em frente às janelas de vidro, é possível ver a chegada dos alunos na parada do ônibus.*

*7:24 min- Parece que lá vem a turma.*

*Entre cores, mochilas, muitos gestos e risos, uma figura se destaca pela discrição e roupa cinza. Pode-se observar que é um pouco calvo por estar com a cabeça inclinada, e segura uma pasta de couro preta. Acho que é o Aluno Especial II.”*

Sem dúvida, as características físicas seriam as identificações para saber qual era o idoso em sala de aula, sem conhecer nenhum dos indivíduos a serem observados, sabia apenas seus nomes e as disciplinas que

freqüentavam, mas não conhecia seus rostos. Claro que geralmente eram únicos em uma sala repleta de jovens, sendo impossível não identificá-los. Desta forma as observações seguiram esta característica na identificação do Aluno Especial II.

Isso nos mostra que uma simples constatação: aspecto da pele, estrutura corporal e cabelos grisalhos, são indicadores de idade, e sobressaem-se na identificação de uma pessoa idosa.

Abordaremos esta questão ao longo deste trabalho, mas também não podemos deixar de fazer outra constatação: será que esta proporção será sempre assim? Muitos jovens e um velho em direção a sala de aula?

**O primeiro ponto a observar é nossa primeira cena: *um idoso entre os jovens*.** Segundo estatísticas e muitos autores, a população de velhos tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. De acordo com Stuart-Hamilton (2002), em 1900, apenas 25% da população teria alguma esperança de comemorar seus 65 anos, e hoje cerca de 70% da população ocidental, viverá mais de 65 anos e 30% - 40% mais de 80 anos.

Entre os inúmeros dados, podemos ainda afirmar que o envelhecimento populacional vem ocorrendo mais rapidamente nos países em desenvolvimento, que em relação aos países desenvolvidos. As razões que estão levando à alteração demográfica no mundo são: redução da mortalidade, redução da fecundidade e migração. O crescimento da população idosa (pessoas com 60 anos ou mais) nas regiões menos desenvolvidas do planeta fará com que, possivelmente no ano 2025, dos 11 países detentores das maiores populações de idosos em números absolutos (todas acima de 16 milhões), a maioria pertença ao Terceiro Mundo. O Brasil será o sétimo país em números absolutos, com mais de 30 milhões de idosos (Mazo, *et al*, 2001).

Observamos que um panorama desenha-se progressivamente em nosso dia a dia, a população de velhos aumenta progressivamente e aos poucos vamos percebendo um número crescente de profissionais ligados à qualidade de vida e ao envelhecimento humano, crescendo também os bens e produtos de consumo para esse fim.

As academias e clubes disponibilizam horários exclusivos para a Terceira Idade, as agências de viagens montam pacotes e excursões para os idosos... parece que a sociedade desperta e descobre um grande mercado lucrativo: a Terceira Idade. Felizes os que podem pagar,... sem falar nos Bingos!

Percebemos que toda estrutura social terá de mudar, na economia teremos menos trabalhadores ativos e contribuintes, e mais profissionais com idade avançada. A mão de obra jovem, com o passar dos anos, será mais escassa, e mudanças na idade da aposentadoria talvez seja a principal estratégia dos governos. Também, programas de lazer e educação tendem a crescer com o aumento da população idosa.

Para tanto, torna-se urgente um novo redimensionamento do papel do idoso na nossa sociedade. Alguns autores apontam que apesar das mudanças, nossa sociedade é “culturalmente juvenil” (Trevisan, 2000), estando despreparada para conviver com o contingente da população idosa que está se formando.

Porém; o fato do envelhecimento da população, implica diretamente nas ações práticas da sociedade, e aos poucos, esta toma consciência que o ser humano passou a viver mais, e como já mencionado, surgem a cada dia, profissionais qualificados, programas de Universidades para a Terceira Idade, grupos de atividades físicas e de convivência, ações sociais, e inúmeras pesquisas sobre como manter a qualidade de vida com o avanço da idade.

**O segundo ponto interessante a observar é a educação, o importante contexto onde se desenha a nossa cena: *um grupo de jovens e um idoso, em direção a sala de aula de uma universidade.*** A educação pode ser vista como um processo amplo que nos acompanha ao longo da vida e que talvez ainda não saibamos defini-lo mas, ao pensar em educação, pensamos em construção do conhecimento, sala de aula, professor/aluno, provas, testes... etc, será essa a educação que nossos velhos precisam? É importante aprimorar-se profissionalmente! É importante reciclar-se! Voltar a trabalhar após se aposentar, estudar mais para se atualizar, conhecer os

segredos da Internet, do computador, aprender a ler a escrever depois dos 60, tudo isso é muito importante!

No entanto, como educadores, acreditamos que dentro de todos esses importantes aspectos existe algo muito mais singular que permeia a educação do futuro: as relações, a construção do humano, de sua condição, a valorização da palavra dos mais velhos, a riqueza de um diálogo entre gerações.

Para Palma & Cachioni (2002), orientar a aprendizagem de idosos deve ter a finalidade de permitir que o idoso cresça e dê solidez às perspectivas resultantes da experiência; que melhore a auto-estima, a qualidade de vida e as suas relações sociais, que se torne mais flexível e aberto a mudanças, porém, isso é assunto para posterior discussão ainda neste trabalho, pois o que nos parece relevante no momento, é salientar a importância que tem a educação para o indivíduo que envelhece, e por isso iniciamos falando da preparação para o envelhecer.

Não sabemos se o “homem”, inserido em determinado meio social prepara-se para envelhecer ou sequer pensa sobre o assunto. Em uma pesquisa realizada com idosos aposentados, Giovelli (2002) constatou que aqueles que amavam o trabalho e não esperavam ou não se prepararam para a aposentadoria, sofreram mais de crises de depressão e dificuldade de relacionamento, após perderem o vínculo social que o trabalho (emprego) proporcionava. Stuart-Hamilton (2002) apresenta estudos onde foi observado que as pessoas que se aproximam da aposentadoria, tendem a um estado de maior apreensão e autodepreciação, mas na maioria dos casos, depois de parar de trabalhar, a experiência torna-se agradável. Dessa forma, fazemos uma relação com a educação, indagando-nos sobre o seu papel, referindo-se a todo tipo de educação, seja com crianças, jovens, adultos ou idosos; na preparação para o envelhecimento, nas descobertas de transformação do corpo, nas formas de conviver e tratar o idoso nas ruas, no cotidiano, na consciência de construir o conhecimento junto com os avós e pessoas mais

velhas, em um relacionamento harmonioso. **Não será esse também o papel da educação?**

Dias (1997), em sua Tese, apresenta uma proposta para a educação com relação ao ensino sobre o envelhecimento humano, apontando às crianças e jovens um conhecimento antecipado daquilo que a vida naturalmente lhes reserva, e mostrando ao mesmo tempo, o convívio com os avós, instituindo dentro da escola a integração multigeracional.

Essa proposta abre precedentes para um importante fenômeno social: o conflito entre as gerações, onde de acordo com Ribeiro (1999), o contato entre jovens e adultos em nossa sociedade, evidencia que os jovens estão sendo moldados para apenas tolerar o idoso, não para respeitá-lo e ouvi-lo com interesse. A imagem que se pode construir da velhice nesses casos, é uma imagem resultante da discriminação e da segregação.

Todos que conviveram e convivem com seus pais e avós, sabem e entendem as preocupações do autor. Por mais amoroso e carinhoso que seja o relacionamento entre pessoas da mesma família de diferentes idades e gerações, em algum período a convivência sofre crises, que podem ser agravadas pelas diferenças de valores e de cultura.

A lentidão do caminhar não acompanha os passos rápidos dos jovens e a capacidade de raciocínio também não é mais a mesma. O idoso exige cuidado, atenção e tempo; o mundo muda muito rápido e os conceitos dos jovens são sempre os mais atuais, e muitas vezes a pessoa idosa concorda com isso isolando-se do mundo como se não mais fizesse parte dele, como se em nada mais contribuísse. Percebendo este aspecto, é que educadores e os próprios idosos sentiram a necessidade de estar aprendendo e se educando, continuando a busca por conhecimento e convívio social.

Precisamos assim, redimensionar nossas propostas, enquanto educadores, a fim de que possamos suprir o conflito entre as gerações através da educação, buscando a construção de um diálogo intergeracional e a educação permanente.

Podemos então falar de educação, que segundo Furter (1987):

... a educação deve ser entendida como uma tarefa que contínua e constantemente o homem deve realizar em todas as situações que está vivendo. O aspecto de generalização da educação deve ser implementado a fim de que todos os membros da sociedade estejam em condições de participar de uma educação para todos (p.127).

Dias (1997) salienta a importância da educação permanente, como viabilizadora da autoconfiança e da própria liberdade.

... a educação permanente, ou melhor, a aprendizagem permanente para as pessoas idosas torna-se vital porque emana das pessoas a vontade de aprender a descobrir, assimilar novos valores, idéias e convicções sociais, ideológicas, participação, ultrapassando os limites da idade (p.03).

Para tanto, percebemos e entendemos dois aspectos importantes:

**Primeiro-** é preciso educar a sociedade, e preparar o homem para envelhecer, educá-lo frente às dificuldades e benefícios que surgirão, e talvez seja papel da escola mostrar o valor dos mais velhos aos mais jovens. **Segundo-** é preciso inserir o velho no processo educacional, criar projetos e despertar positivamente a sociedade para o desenvolvimento integral do ser humano velho, proporcionando possibilidades de relações intergeracionais impregnadas dos fatores que geram educação.

É nesse segundo aspecto que se baseia este trabalho. A análise do processo educacional do projeto da UFSM, Universidade e Idosos – Voltando a Estudar/Aluno Especial II, que leva às salas da universidade, três diferentes gerações: o acadêmico regular, o professor e aluno especial II (pessoas acima de 55 anos).

É nessa colcha de idades, culturas e saberes que mergulhamos, buscado perceber como se desenvolve o processo educacional; que contribuições o diálogo de diferentes gerações pode trazer? Que tipo de relacionamento estas populações apresentam, “simbiose ou comensalismo” ?

Minhas interrogações, demonstram a curiosidade, e a curiosidade é o reflexo de uma grande experiência pessoal. Convivendo 19 anos com meus avós, desde o meu nascimento até a morte deles, desfrutando de tudo que eles

podiam me oferecer, cresci ouvindo suas histórias e seus “causos”, tive muito colo, vivi o conflito geracional ou a “aborrescência”, que afeta a todos, indiscutivelmente, e apesar de todos os anos de convivência, os choques se estabeleceram e só percebi o quanto me amaram, e o quanto os amava, quando os perdi. Junto com eles perdi a chance de retribuir tudo que construíram na minha infância, foi preciso perdê-los, amadurecer e estudar, para entender a maravilha do envelhecimento e quanto uma pessoa velha pode encher nossa vida de significados.

Na universidade, através do NIEATI (Núcleo Integrado de Estudo e Apoio a Terceira Idade), corremos atrás de respostas. Trabalhando em vários projetos, conheci muitos envelhecimentos. Pesquisando e estudando, senti necessidade de entender melhor como a sociedade vem preparando-se no âmbito educacional para o envelhecimento. Assim fomos buscar um exemplo de nossa Universidade, o projeto de extensão ALUNO ESPECIAL II- Universidade e idosos- Voltando a Estudar.

Esse projeto busca um despertar da consciência do papel do idoso, diante da necessidade que apresenta a sociedade; é o resgate de valores antigos e de novos conhecimentos, é uma construção mútua, entre jovens e velhos e é também um diálogo intergeracional, onde surge uma dinâmica de dois eixos, conforme Both (1999, p. 46): “de um lado, aqueles que sabem de sua história e querem dizê-la e, de outro, aqueles que estão a caminho para continuá-la.” O jovem e o idoso olhando para a mesma direção: o futuro. E a construção de uma educação que se compartilha com gestos, olhares e diálogos, levando em consideração a condição humana.

Então como já mencionado, o interesse desperta partindo de uma situação que denominamos problema: **Como se desenvolve o processo educacional, levando em consideração as relações intergeracionais que ocorrem no Projeto Aluno Especial II?**

# "AS DIREÇÕES DO OLHAR!"

## 1.1-Objetivo Geral

Compreender o desenvolvimento do processo educacional, levando em consideração as relações intergeracionais que ocorrem no Projeto Aluno Especial II.

## 1.2- Objetivos Específicos

Para olharmos na mesma direção e percebermos todos os aspectos, estabelecemos alguns pontos a serem observados neste projeto, ressaltando o interesse do pesquisador e o seu desejo de esclarecer e tornar esse trabalho fonte de saber.

1- Verificar quais as disciplinas de maior interesse do ALUNO ESPECIAL II;

2- Identificar fatos de relacionamento e participação em aula do ALUNO ESPECIAL II, bem como sua contribuição para o relacionamento intergeracional;

3- Verificar a participação dos acadêmicos jovens na construção de um diálogo entre gerações;

4- Verificar a participação e a contribuição do professor no processo intergeracional em sala de aula;

5- Verificar a existência de diálogo ente as gerações (relatos de fatos, histórias, posicionamentos, trocas de experiências...);

6- Analisar como os sujeitos (idosos, acadêmicos e professores), compreendem o processo de educação diante de uma perspectiva atual e indispensável;

### **1.3- Justificativa do olhar e suas direções**

As razões para esse estudo, esse olhar sobre o processo educacional que acontece no Projeto Aluno Especial II, podem ser formuladas de diversos argumentos, cuja finalidade é dar consistência aos esforços de uma educação capaz de atingir todos os níveis e estágios sociais.

Justifica-se assim, a necessidade de conhecer, após 10 anos de andamento, quais são os reflexos do projeto ALUNO ESPECIAL II. Existe uma ânsia em entender e conhecer como se dá a prática desse diálogo, as relações intergeracionais, e também como pode a educação ser uma prática compartilhada .

Segundo Both (1999), o diálogo entre as gerações é meritório e dá garantias das diferenças e da multiplicidade inventiva da humanidade. O diálogo entre as culturas, trazidas pelas gerações, faz parte da humanização e trás o benefício da melhoria da consciência comunitária, da consciência pessoal dos narradores da cultura e até dos mais jovens, que se descobrem na revelação do universo existencial do passado.

A educação ainda é concebida como um processo de desenvolvimento pessoal e individual, herança da educação tradicional e da educação nova. Porém, o traço mais original deste século, segundo Gadotti (2002), é o deslocamento da formação puramente individual do homem para o social, político e ideológico, e ainda que as tendências universais consideram conquista deste século, a idéia de que não existe idade para a educação, que ela se estende pela vida e não é neutra.

A argumentação sobre o porquê, e a importância desse projeto se completa com mais alguns pontos fundamentais que tornam o trabalho importante para o meio acadêmico. Através dessa pesquisa, podemos estimular os alunos acadêmicos a interagir com o ALUNO ESPECIAL II, o velho que é seu colega, no sentido de gerar conhecimento através das experiências de vida, e do desejo de aprender. Podemos mostrar que a educação, pode usufruir as pessoas mais velhas tornando-as fonte e meio da

construção do saber e, conseqüentemente, transformando o tempo dos velhos mais útil e virtuoso.

Podemos também criar uma consciência universitária, mostrando os novos rumos da sociedade quanto ao envelhecimento humano, estimulando para ações sócio-educativas dentro do meio acadêmico e, com certeza, estimular um olhar diferente sobre educação, que sempre foi pensada em bancos e carteiras, professores falando e alunos escutando. Embora muito já se tenha escrito e pensado em formas de educar para a sociedade que temos e a sociedades que queremos, nossos olhos parecem direcionados a observar somente esse sistema tradicional. Por isso, esse trabalho tem a pretensão de contribuir com as discussões em torno das novas formas de educar, tendo como foco principal o ser humano velho compartilhando suas experiências com os mais novos.

#### **1.4- Limitações da Pesquisa**

Este trabalho apresenta algumas limitações, que foram relevantes:

NA ETAPA I:

1º- não foi possível apresentar as disciplinas mais procuradas de 1992 a 1995, pois as listas não existiam, existia somente a cópia da matrícula de cada um. Por ser um trabalho muito desgastante e que levaria muito tempo, optamos por aqueles que tivessem uma listagem com nome e a disciplina, o que encontramos a partir de 1996. Da mesma forma os dados arquivados no Departamento de Registro e Controle Acadêmico encontravam-se fora de ordem, muitas listas desencontradas, a contagem do número de pessoas em algumas listas não fechava com o número real de matriculados, sendo necessário levar em consideração que em alguns semestres o número final pode variar de 1 a 2 indivíduos para mais ou para menos;

2º-O sexo dos Alunos Especiais II, não pode ser determinado com precisão, pois na matrícula não temos nada que faça essa identificação,

somente o nome, e eventualmente podemos nos enganar alterando o número de homens e mulheres.

#### NA ETAPA II:

1º- As observações e entrevistas foram realizadas na segunda quinzena de dezembro, e por isso, muitas disciplinas estavam encerrando seu ano letivo. A exemplo da disciplina de Primeiros Socorros, da Enfermagem. Na primeira visita a aula foi substituída pela participação na semana acadêmica, a segunda visita era a prova final, as AE II não apareceram e portanto não tivemos observação e nem entrevista com AE II. Já na segunda observação de Ornitopatologia, o AE II, não apareceu já que era dia de apresentação de trabalho final.

## **2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **“O OLHAR...”**

Neste tópico, traremos pontos importantes da literatura existente diante dos assuntos que se tornam relevantes para estruturar este trabalho. Abordaremos os diversos aspectos do envelhecimento humano, e a relação que a educação pode ter com o mesmo, analisando como o idoso pode contribuir no processo educacional.

#### ***CAPÍTULO 1 - Observando O Envelhecer***

##### **1.1- ENVELHECIMENTO E SOCIEDADE**

###### **1.1.1- A população Envelhece**

Para entendermos o “processo educacional no envelhecimento”, primeiro é preciso entender o “processo do envelhecimento.” Nunca as questões relevantes a terceira idade ganharam tanto espaço em pesquisas, artigos e programas de televisão, quanto nas últimas décadas. Isso se deve a preocupação em descobrir como agir diante do aumento da expectativa de vida e, conseqüente, do envelhecimento populacional.

Quando observamos e comparamos a expectativa de vida em diferentes países do mundo, podemos ressaltar que, em décadas passadas, a população morria antes dos 50 anos, mas atualmente, a média de expectativa de vida é de 64 anos e, segundo a OMS (Matsudo, 2001), estima-se que atingirá os 71 anos até 2020. Não é preciso ser pesquisador nem escritor para

compreender os fatos que um bom observador pode relatar. Os avanços da medicina no tratamento e prevenção de doenças, tem auxiliado muito a longevidade humana, bem como a evolução dos meios de comunicação e de transporte proporcionam uma melhor qualidade de vida, permitindo ao indivíduo viver mais e com mais qualidade. Outro fator que afeta o processo de envelhecimento populacional é a migração. Segundo Paschoal (1996), a migração é provocada pelas pessoas mais jovens que, à procura de melhores condições de vida, migram para as regiões e países mais ricos e deixam para trás os familiares mais velhos, aumentando a proporção desses em relação aos demais.

Stuart-Hamilton (2002), alerta para uma importante preocupação da sociedade em relação ao aumento da população envelhecida. São os aspectos econômicos e sociais, já que, se a proporção de adultos velhos aumenta, então a proporção de adultos mais jovens diminui. Isso significa que uma parcela menor da população está trabalhando e pagando impostos diretos (previdência social, imposto de renda...). Esses impostos são a principal fonte de fundos para as políticas de assistência social, pensões, saúde..., enfim, para o autor tudo isso é exemplo de uma bomba de tempo demográfica, isto é, aumenta a demanda de serviços financiados por uma força de trabalho que esta diminuindo, “a maior e potencialmente catastrófica carga financeira sobre as economias nas décadas vindouras, criada por uma população que vai ficando grisalha” (p.17).

### **1.1.2- O Envelhecer através da História**

Faremos um resgate da passagem do envelhecimento através da História, as diferentes culturas, e as diferentes formas de tratamento do idoso pela sociedade.

Segundo Stuart-Hamilton (2002), o envelhecimento não é exclusividade dos tempos modernos, mas foi só nos últimos cem anos que se tornou algo comum. Calcula-se que nos tempos pré-históricos a velhice era

extremamente rara, mesmo no século XVII, provavelmente apenas 1% da população vivia mais de 65 anos.

Mesmo assim, vários autores destacam essa época, onde costumes e culturas diferenciadas tinham seu modo de tratar a velhice. Leme (1996), nos coloca que podemos observar importantíssimos testemunhos históricos de diversas culturas, não apenas da preocupação com os problemas médicos do envelhecimento, mas, e principalmente, com todo o seu perfil sócio cultural que de alguma maneira, permeia o enfoque filosófico da História como um todo e em suas diversas partes.

Parecem existir evidências antropológicas de que a idade máxima da vida humana não se tenha alterado substancialmente nos últimos 100 séculos ou 10.000 anos. Não obstante, a expectativa de vida humana nas sociedades antigas era extremamente reduzida em relação à atualidade, mercê o problema de saúde pública, de doenças endêmicas e epidêmicas e a violência, sendo extremamente raro que as pessoas sobrevivessem até a senectude (Leme, 1996, p. 13).

Nas sociedades primitivas, a valorização pessoal parece ter estado ligada diretamente à capacidade física. Homens que se mantinham vigorosos mesmo na senectude parecem ter tido mais consideração social aqueles os quais apresentavam as fraquezas e malesas peculiares do envelhecimento.

O mesmo autor afirma que valores religiosos e filosóficos certamente desempenharam importante papel na valorização dos indivíduos idosos nas diferentes sociedades. O respeito do povo Judeu pelos idosos, fica claro na Bíblia. Podemos observar conselhos sobre o cuidado com os idosos, e referências aos cuidados necessários à pacientes com dificuldades: *“Meu filho, cuide de seu pai na velhice, e não o abandone enquanto ele viver. Mesmo que ele fique caduco, seja compreensivo e não o despreze, enquanto você está em pleno vigor, pois a caridade feita ao pai não será esquecida” (Eclo 3,12-14).*

Ainda em Eclesiástico capítulo 8, versículo 9: *“Não rejeites o ensinamento dos anciãos, porque eles também aprenderam dos próprios pais. É deles que você também aprenderá a pensar e a responder no momento oportuno.”* O livro dos provérbios, na Bíblia, é um resumo da sabedoria de

Israel e expressa os ensinamentos produzidos pela experiência que o povo tem da vida. Em Pr 23,22, aparecem citações sobre ouvir os pais e respeitar a velhice das mães.

Segundo Lorda (1998), os hebreus conhecidos historicamente por suas experiências em ambientes hostis, e por sua luta para encontrar um lugar estável e aceitável, demonstravam um grande respeito por seus patriarcas. Na época do nomadismo, os anciãos desempenhavam um papel muito importante e eram considerados os chefes naturais do povo aos quais se consultava quando era necessário. Por exemplo: Moisés, no livro do Êxodo, reúne os anciãos de Israel a pedido de Deus quando se encontrava na sarça ardente (*Êxo, 3,16*). Já no livro dos Números da Bíblia se relata a criação do conselho de Anciãos como uma iniciativa de Deus (*Num 11,16-17*), e na época de Josué os anciãos formavam parte de um conselho de sábios (*Jos 23,2*).

O autor coloca ainda, que no sistema de estratificação por idade de cada sociedade, estava implícito o fato de que a idade era um determinante básico do que os indivíduos deviam e podiam fazer. Em termos gerais, o período do Cristianismo oferece uma imagem negativa da velhice. Ela era mencionada em relação a moral e se associava à decrepitude e a feiúra da velhice como imagem do pecado.

De acordo com Leme (1996), o envelhecimento também era odioso para os Gregos, pois representava um declínio na juventude e vigor, altamente valorizados pela cultura helênica. No entanto, havia geralmente demonstrações de respeito pelos antigos vencedores e suas passadas históricas, bem como por seus velhos estadistas e filósofos. Na antiga Roma, os idosos parecem ter recebido o respeito, ao menos nominal, pois inclusive a mais importante instituição de poder, o Senado, deriva seu nome do *senex* (idoso), valorizando a experiência desses cidadãos.

Como afirma Paschoal (1996, p. 26), “a longevidade hoje é desejada pela maioria dos indivíduos desde que sob certas condições, como a de não ficar dependente e, de preferência, não ficar velho”,. Em certos aspectos pode-se atenuar e até evitar a dependência e a doença levando uma vida de forma

saudável, mas o “envelhecer”, não pode ser escondido com cremes e poções mágicas.

No século VI, de acordo com Lorda (1998), a velhice é identificada como cessar da atividade, iniciando-se assim uma concepção moderna de isolamento do ancião mediante retiro. Por outro lado, o homem medieval, longe de ser indiferente à velhice, temia-a e buscava meios de escapar dela, quer seja por fantasia ou por meio da ciência:

Na Idade Média, os mais débeis entre eles os anciãos, estavam submetidos aos mais fortes, sendo parte da população escrava. Já no século XVI a característica é a violência e o ataque contra a velhice, resultado da adoração e culto a beleza e a juventude; faz-se uso de todos os meios disponíveis para prolongar a juventude e a vida e eliminar ou atrasar a velhice: a medicina, a magia e a bruxaria (p.10).

Simone de Beauvoir *apud* Lorda (1998,p.12), afirma que “os séculos XX e XXI herdariam estereótipos dos séculos anteriores, apesar de que ao longo do tempo, a noção de velhice nos planos sociais, biológicos e psicológicos se enriqueceram. A sociedade não mudou substancialmente e o ancião continua marginalizado, só que de uma maneira mais sutil”.

Debert (1998), ressalta que em cada sociedade e época, o declínio biológico do ser humano é visto distintamente. O contexto da sociedade industrial capitalista tem deixado a velhice à margem de seus interesses produtivos, rejeitando o idoso, não oferecendo infraestrutura para sua sobrevivência, privilegiando aqueles que apresentam prestígio social, de classes favorecidas, que podem se esquivar da marginalidade social através de seus bens acumulados.

Recentemente Palma (2000) analisou que no século XIX, a industrialização começou a apresentar seus efeitos entre as massas populacionais que se deslocam dos campos para a cidade. O crescimento da população se faz sentir em poucos anos, em todos os países da Europa. Um surto aparente de crescimento da população idosa se deveu muito mais à fuga do campo para a cidade, que aos avanços da Medicina. Nas cidades o número

de idosos desamparados acaba engrossando o número de indigentes que mendigam pelas ruas.

Segundo o autor:

Entre os ricos, o ancião rural se mantinha chefe quando conservava o vigor ou podia contratar empregado agrícola. Seu domínio muitas vezes conservava a tirania encontrada ao longo da história, em que o fruto da discórdia não tardava a nascer entre pais e filhos. Quando não havia condições, os velhos acabavam ficando na dependência dos filhos. Muitas vezes o asilo era o destino dos velhos (p.45).

Complementando, o século XX é uma continuação da urbanização e do desaparecimento das famílias proprietárias. A industrialização dissipou o núcleo familiar e a sociedade acaba assumindo o lugar da família no auxílio aos idosos os quais se tornam cada vez mais numerosos, não podendo mais fechar os olhos para eles.

Com o crescimento da população idosa surgem problemas que influem de maneira decisiva nesse fenômeno: alguns aspectos, em nível de mudanças sociais, que têm como conseqüência uma verdadeira alteração nas estruturas familiares e comunitárias: problemas de modernização, industrialização, comunicação, educação, conflito de gerações ..., afetam a vida humana e a qualidade de vida desta Terceira Idade, na sociedade contemporânea (Dias,1986,p.11).

Pessoas idosas sempre existiram na história da humanidade, tratadas ou valorizadas pela sabedoria e conhecimento, ou temidas e desprezadas pela feiúra e perda do vigor. O velho faz parte de um contexto cultural dentro das sociedades, assim torna-se importante conhecer como reage e o que pensa a sociedade diante da pessoa idosa.

### **1.1.3- Os rótulos do envelhecimento**

A discriminação aos velhos é o resultado dos valores típicos de uma sociedade de consumo e de mercantilização das relações sociais. O exagerado enaltecimento do jovem, do novo e do

descartável além do descrédito sobre o saber adquirido com a experiência da vida, são as inevitáveis conseqüências desses valores. Talvez, o estímulo ao convívio entre as gerações seja um caminho frutífero. Possivelmente a aproximação física e afetiva dos “normais” com o “diferente”, no nosso caso o idoso, possam paulatinamente enfraquecer discriminações de todos os tipos. Assim esperamos e creio que com essa perspectiva devemos agir (Ferrigno,2002. p.49).

No âmbito social, o conceito sobre envelhecimento assume um papel importante, uma vez que a população idosa cresce. E, analisando a nossa realidade, percebemos no Brasil uma forte tendência de valorizar o que é novo e desprezar o que é velho. A própria educação (Oliveira, 2002), faz o velho se sentir um objeto fora de uso.

Velhice, envelhecimento, ancianidade, processos vitais ou rótulos temíveis que podem converter um adulto ativo num inútil passivo? De acordo com Moragas (1997,p.44), “dependendo da pessoa que os utiliza, os termos são relativos, bem como as circunstâncias e a forma de aplicação. O envelhecimento não se manifesta biologicamente homogêneo devido à variabilidade genética original e a diferença das experiências vitais”.

Lorda (1998), mostra a importância de analisar as crenças e estereótipos que prevalecem atualmente sobre essa etapa da vida e esse grupo populacional como parte dessa conscientização, além de poder resistir a seus prováveis efeitos negativos.

O ditado popular é que uma vez que se chega a idade de 60 anos, o caminho é, “morro a baixo,” e em qualquer momento, a pessoa decai e adocece. Considera-se a maioria da população anciã como incapacitada por uma saúde pobre. Associa-se velhice com senilidade ou deterioração mental (p.14).

Segundo Moragas (1997,p.44), “através dos rótulos a totalidade das pessoas idosas se enquadra como fisicamente limitada, visualmente pouco agradáveis e funcionalmente dependentes”.

A identidade se constrói, na sociedade, pela contraposição à identidade de jovem e, como conseqüência, se tem também a contraposição das qualidades: atividade, força, memória, beleza, potência e produtividade

como características típicas aos jovens e as qualidades opostas a estas últimas, presentes nos idosos (Mercadante 1996). Okuma (1998,p.10), reafirma esta posição na qual, se concebe “como corpo bonito – o dos jovens, e corpo feio é o dos velhos”.

Como conseguir que a opinião pública aceite parâmetros de beleza mais amplos? Trata-se de mudar o estereótipo da beleza juvenil por um conceito de beleza que reconheça a harmonia do organismo em todas as idades, com características diferentes. Para isso, é preciso que se considere o envelhecimento como um processo universal, com manifestações no organismo diferentes das de outras etapas da vida. Nessa perspectiva, a velhice pode ser bela como a juventude, visto que beleza e feiúra não constituem parâmetros universais estáticos (Moragas, 1997).

De acordo com Mercadante (1996), percorrer toda a estrada para mudar a concepção negativa de velhice, supõe-se como fundamental, mais que diálogos, mais que troca de significados, criar a possibilidade de o velho, concretamente, tornar-se sujeito do seu próprio destino.

O aspecto mais importante dos estigmas e estereótipos da velhice é seu caráter negativo e incapacitante. Devido à idade, as pessoas mais idosas são muitas vezes injustamente relegadas e consideradas pouco importantes para a sociedade (Lorda, 1998).

Dias (1997, p.42) acrescenta:

*É um velho, é uma velha, constitui explicação suficiente para justificar a mudança na maneira de tratar, quando nos referimos às pessoas idosas. Pode significar respeito, desprezo, compaixão, porém, é certo, que será sempre ou quase sempre uma atitude diferente daquela que notamos com jovens e adultos.*

Os preconceitos sobre mulheres, negros, índios, homossexuais, velhos, pobres, sobre o corpo e sobre a alma, constituem-se em padrões aceitos e vistos como legais e legitimados pelas escolas, tradição, e pelas religiões. Segundo Both (1999), os significados dados às populações forjaram marcas de inferiorização, justificando assim, o poder de explorar e de excluí-las do processo de uma identidade dignificada.

Os valores juvenis pregados na atualidade têm feito com que os idosos sintam-se inúteis e indesejados, tornando-se depressivos, ansiosos, introspectivos, reflexivos e pensando no tempo que sobra para viver, pois passam a encarar a velhice como ruína, uma vez que não podem conservar os padrões da juventude eternamente. Além disso, a exaltação da beleza, com base no modelo jovem, enfatizada pela mídia, produz uma visão corporal limitada, fazendo com que a velhice seja detectada primeiramente pelo corpo através das mudanças físicas (Mazo, 1991).

Canôas (1983), coloca que os velhos, por serem discriminados, muitas vezes tentam negar a própria velhice, como forma de afastá-la. Enfatizando que essa atitude se torna perigosa já que pode aproximá-los do ridículo, pois, para igualar-se ao jovem, frente ao mercado, vestem-se ou penteiam-se sem querer mostrar que são mais moços, mas, nas atitudes diante dos que tem menos idade, esforçam-se para mostrar uma alegria e dinamismo que não lhes são próprios. Quanto à juventude, o autor mencionou que, por receber informações pré-concebidas sobre a velhice, assume valores em relação aos velhos como sendo fracos, aborrecidos e incapazes, mas que devem receber proteção por seus cabelos brancos.

Para Goffman (1961), a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados naturais e comuns a determinada categoria, o que permite que seja feito um juízo prévio de cada indivíduo nela inserido. Para o autor, baseadas inconscientemente em pré-concepções, as expectativas são transformadas em exigências, fazendo com que sejam criados estereótipos acerca de determinados indivíduos. Afirma ainda que com o passar do tempo, o próprio indivíduo começa a basear suas reivindicações não no que acredita ser, mas de acordo com a categoria na qual está inserido, acabando por acreditar, nos atributos impostos pela sociedade.

Stuart-hamilton (2002), acredita que a estereotipificação também parece afetar a confiança das pessoas mais velhas e , geralmente, quanto mais a pessoa acredita nos estereótipos, mais baixa sua auto-estima. Entretanto, sabe-se que algumas pessoas mais velhas são mais introspectivas, porém,

isso não é motivo para pensarem que todos da sua idade são como ela, ou seja, quanto pior sua opinião acerca dos outros, pior a opinião sobre si mesmas? Além disso, talvez a auto-imagem e os estereótipos, sejam auto-reforçadores, criando um círculo vicioso.

Dias (1997), reforça esta posição afirmando que é freqüente idosos dizendo: *Já estou muito velho para aprender!* E, desse modo, preferem deixar que os jovens os substituam. Observa-se que os jovens captam com maior rapidez novos conhecimentos e dados, logo começando a obter resultados, enquanto que os velhos geralmente ficam para trás. O que é preciso perceber, é que, com a idade, instala-se uma certa lentidão na corrente dos processos neuropsíquicos, e, portanto, as pessoas de idade consomem mais tempo e precisam de outros métodos para obter eficiência em novos hábitos.

Matsudo (2001), acredita que o envelhecimento faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano, e não pode ser associado somente a fatores negativos, mas também a uma série de aspectos positivos que enriquecem a vida do indivíduo em diversas áreas. Na verdade, uma pessoa, que ultrapassa os 60 anos, é um ser humano vivenciando mais uma etapa de sua vida.

## **1.2- AS MUITAS FACES DO ENVELHECER**

***A vida sentida cada dia valida***

***Augúrio pretenso***

***De aumentar a distancia do início da vida***

***(Ubirajara A.Rodrigues)***

A existência de inúmeros conceitos por si só deixa clara a dificuldade de entender o processo de envelhecimento. Entre todas as definições

existentes para Netto & Borgonovi (1996), a que melhor satisfaz é aquela que conceitua o envelhecimento como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações, morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas, as quais determinam perda progressiva da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos, que terminam por levá-lo a morte.

Netto & Ponte (1996), fazem importantes abordagens quando falam que o organismo humano, desde sua concepção até a morte, passa por diversas fases: *desenvolvimento, puberdade, maturidade ou estabilização e envelhecimento*. É possível identificar entre as três primeiras fases marcadores físicos e fisiológicos de transição entre elas. O envelhecimento manifesta-se por declínio das funções dos diversos órgãos que caracteristicamente tende a ser linear em função do tempo, não se conseguindo definir um ponto exato de transição, como nas demais fases. Tem início relativamente precoce, ao final da segunda década da vida, perdurando por longo tempo pouco perceptível, até que surjam, no final da terceira década, as primeiras alterações funcionais e/ou estruturais atribuídas ao envelhecimento.

A velhice é a última idade da vida. Trata-se, pois de uma irreversível evolução de um organismo que atingiu a maturidade, sendo também o conjunto de processos que fazem com que, para determinada idade, em certos grupos, as chances de morte aumentem rapidamente. Não é pois, a idade, mas a causa da morte, a velhice não é uma doença, é uma evolução normal (Brouwer apud Dias, 1986).

Dias (1997), afirma que no entendimento sobre o envelhecimento humano, é preciso distinguir o envelhecimento normal das doenças associadas à velhice. O envelhecimento normal, na verdade, é o simples envelhecimento. Não se pode dizer que uma pessoa com mais rugas ou cabelos brancos, que outra, com mesma idade, está envelhecendo de forma anormal. Mesmo que não tenhamos cabelos brancos, nem rugas, envelhecemos normalmente.

A talvez eterna discussão em torno do envelhecimento, como, porquê e quando começa a sua manifestação no ser humano, nos renderá ainda

muitas teorias e conceitos que talvez surjam do desejo de auxiliar para um envelhecimento de forma natural e saudável, ou então no desejo de criar uma fórmula e um produto anti-envelhecimento.

### **1.2.1- Envelhecimento biológico**

A dimensão biológica do envelhecimento segundo Vieira (1996), é descrita genericamente, como uma perturbação da homeostase orgânica havendo várias teorias que tentam explicá-la. Weineck (1991,p.320), cita: “a idade biológica ou individual que está relacionada às condições biológicas do organismo depende do processo de maturação e de influências do meio ambiente”. O estudo do envelhecimento biológico se caracteriza pelo estudo do declínio e das perdas de potencialidades morfofuncionais do homem (Okuma, 1998).

Independente da causa biológica do envelhecimento observa-se no idoso uma perda gradual da elasticidade do tecido conjuntivo, um aumento da quantidade de gordura no organismo, uma diminuição no consumo de oxigênio e da quantidade de água e diminuição da força muscular (Vieira, 1996).

Weineck (1991) acrescenta que um sinal característico do envelhecimento é a diminuição da altura, devido à diminuição da altura dos discos vertebrais, e um aumento da curvatura. Ocorre também atrofia dos aparelhos locomotores ativo e passivo, o que prejudica a função de apoio, e um aumento dos tecidos conjuntivos e adiposo. Outra característica, é a diminuição contínua da capacidade funcional dos órgãos do sentido, relacionada ao envelhecimento do sistema nervoso.

Nas modificações internas, Sinésio (1999,p.39), afirma que o peso aumenta até aproximadamente os 55 anos, após, começa a diminuir devido principalmente, à perda de massa muscular, água e massa óssea. A partir dos 30 anos, o consumo anual de calorias pelo organismo diminui aproximadamente 12 calorias por dia. Aos 40, por exemplo, seu corpo precisa de menos 120 calorias por dia do que aos 30 anos.

O envelhecimento envolve mudanças na estrutura e na fisiologia cardiovascular, que não levam, necessariamente, a ocorrência de patologias. No entanto, observa-se uma diminuição da capacidade do coração com o aumento da idade. Estudos indicam a ocorrência de alterações na função ventricular com o envelhecimento, constatando uma redução na duração da contração do músculo miocárdio (Weineck, 1991). Fatores de risco, como fumo, hipertensão, níveis elevados de colesterol plasmático e lipoproteínas de baixa densidade (LDL), diabetes, obesidade e baixa capacidade vital, aumentam a probabilidade de desenvolver doença coronariana.

Para desvendar os processos biológicos do envelhecimento tentado entender as suas causas, alguns estudiosos desenvolveram teorias. Leonard Hayflick (1996), em seu livro ***Como e por que envelhecemos***, faz alguns agrupamentos de teorias e aponta as principais que circulam no meio científico.

Para o autor, várias teorias modernas sobre as causas do envelhecimento têm suas raízes em antigas idéias, sendo que as teorias modernas, ainda necessitam de fatos experimentais e confirmações, pois algumas baseiam-se nas emoções e pensamentos de seus pesquisadores. Para evitar que isso ocorra, e diminuir o número de teorias fracas e desconexas, Bernard Strehler citado por Hayflick (1996) propôs um conjunto de exigências a serem satisfeitas antes de qualquer teoria de envelhecimento ser considerada sustentável. Para ser aceitável uma teoria sobre envelhecimento deve explicar por que o fenômeno é (a) *deletério*, por que ocorrem as perdas da função fisiológica, (b) *progressivo*, por que as mudanças são graduais, (c) *intrínseco*, por que as perdas não podem ser corrigidas, e (d) *universal*, por que as perdas ocorrem em todos os membros de uma espécie, dada a oportunidade.

Sabemos que, biologicamente, o envelhecimento trás perdas, mas ainda tentamos entender por que envelhecemos. Uma das principais teorias, não menos questionável e polêmica e a da maturação sexual. O que acontece após o sucesso reprodutivo e a criação dos descendentes até sua independência, não é mais importante para a sobrevivência da espécie (Hayflick, 1996). Assim,

o organismo envelhece e morre, lembrando que não necessariamente o organismo tenha gerado filhos, mas a maturação acontece para todos os seres vivos, de forma natural, independente de darem continuidade à espécie.

O autor aponta ainda, que faltam estudos e informações, e que as visões se modificam com as novas descobertas, levando em consideração que a longevidade aumentou e pode aumentar ainda mais.

### **1.2.2- Envelhecimento Psicológico**

Sabemos que o envelhecimento, é uma experiência heterogênea, podendo portanto, ocorrer de modo diferente para indivíduos e coortes que vivem em contextos históricos e sociais distintos. Esses contextos influenciam diretamente o aspecto psicológico do envelhecimento, como também as modificações físicas, as quais, muitas vezes, limitam os espaços e papéis dos mais velhos.

Além das alterações no corpo, o envelhecimento traz ao ser humano uma série de mudanças psicológicas, que podem resultar em dificuldade de se adaptar a novos papéis. Dificuldade de se adaptar às mudanças rápidas e estas tem reflexos dramáticos nas pessoas mais velhas. A mudanças de casa, de amigos, a mudança de cidade, causam efeitos devastadores nos velhos, como falta de motivação e dificuldade de planejar o futuro, alterações psíquicas que exigem tratamento, necessidade de trabalhar as perdas orgânicas, afetivas e sociais, depressão, hipocondria, somatização, paranóia, suicídios; baixas auto-imagem e auto-estima (Zimerman, 2000,p.25).

Segundo Okuma (1997), distintamente do estudo do envelhecimento biológico, o estudo do envelhecimento psicológico atual, tem como foco de atenção, não as perdas, mas as mudanças que podem ser descritas em termos de ganhos e perdas.

O envelhecimento psicológico caracteriza-se por um aumento na exatidão da percepção e diminuição de sua rapidez, por uma diminuição da memória mecânica, uma maior vulnerabilidade das funções mentais ligadas ao

envelhecimento cerebral, aumento da habilidade para desenvolver trabalhos que exigem precisão e paciência, aumento da ponderação, e da espiritualidade (Vieira, 1996).

No entanto, Gatto (1996), afirma que as condições físicas exercem enorme influência sobre o estado mental. E ainda, o fato de que cada pessoa percebe seu estado físico de maneira diferenciada podendo desencadear um grave desequilíbrio na manutenção de sua saúde mental. Com o avanço dos anos nos deparamos com uma série de perdas significativas, o surgimento das doenças, a viuvez, morte de amigos e parentes próximos, ausência de papéis sociais valorizados, isolamento crescente dificuldades financeiras decorrentes da aposentadoria, afetam de tal forma a nossa auto-estima que culminam na maioria das vezes, com uma crise.

Segundo estudos internacionais, 15% dos velhos necessitam de atendimento em saúde mental e 2% das pessoas com mais de 65 anos apresentam quadros de depressão, que, muitas vezes, não são percebidos pelos familiares e cuidadores, sendo encarados como características naturais do envelhecimento. A experiência mostra que, assim como as características físicas do envelhecimento, as de caráter psicológico também estão relacionadas com a hereditariedade, com a história e com a atitude de cada indivíduo (Zimerman, 2000).

Alguns autores defendem que as questões psicológicas ligadas ao envelhecimento ainda são desconhecidas e mal estudadas. O homem passa a maior parte de sua vida como adulto. Assim, parece estranho que conheçamos muito menos sobre o desenvolvimento psicológico na vida adulta e na velhice do que nas outras fases da vida (Néri, 1995).

### 1.2.3- Envelhecimento social

Segundo Junqueira (1998), o envelhecimento social é marcado por alterações do papel social do indivíduo e como resultado das mudanças biopsicológicas relacionadas com o aumento da idade.

Motta *apud* Cancian & Dias (2000), fala sobre relacionamento social no envelhecimento e chama de “morte social”, esse caminho percorrido com total isolamento e completa ausência de relacionamentos interpessoais, é a impossibilidade ou a incapacidade de estabelecer relações com os outros. O envelhecimento social da população traz uma modificação no *status* do velho e no relacionamento dele com outras pessoas em função de aspectos como:

**Crise de identidade**, provocada pela falta de papel social, o que leva o velho a uma perda da auto-estima.

**Mudanças de papéis na família**, no trabalho e na sociedade. Com o aumento do seu tempo de vida, ele deve se adequar a novos papéis.

**Aposentadoria**, já que hoje ao se aposentar, ainda restam à maioria das pessoas muitos anos de vida, portanto, elas devem estar preparadas para não acabarem isoladas, deprimidas e sem rumo.

**Perdas diversas**, que vão desde condição econômica ao poder de decisão, perda de parentes e amigos, a independência e a autonomia.

**Diminuição dos contatos sociais**, que se tornam reduzidos em função de suas possibilidades, distâncias, vida agitada, falta de tempo, circunstâncias financeiras e a realidade da violência nas ruas (Zimmerman, 2000).

O envelhecimento na sua dimensão social é vinculado a questões político-econômicas. Diz-se que o passaporte para o envelhecimento social é a aposentadoria. Mas parece que esta só se torna fonte de conflitos quando não é desejada e quando compromete o *status* financeiro do indivíduo. Por outro lado o poder instituído e a sociedade têm dificuldade em aceitar uma pessoa que não mais faz parte do sistema produtivo (Vieira, 1996, p.54).

Stuart-Hamilton (2002), enfatiza que os processos de envelhecimento social, biológico e psicológico, não ocorrem independentemente um do outro. O envelhecimento é constituído por uma combinação desses três fatores. No entanto, os aspectos sociais do envelhecimento, muitas vezes são reforçados por uma sociedade que não apresenta condições para a re-inserção do idoso na vida social, uma das formas de mudar essa condição acreditamos, seja apostar na educação.

Dias (1997), aponta que um dos fatores para viver bem a velhice é encará-la plenamente, absorvendo as mudanças sociais que ocorrem também no transcorrer do tempo. A velhice decrépita é, na realidade, quer por motivo de saúde, falta de oportunidade, ou de iniciativa, ficar sentado à beira do caminho, vendo os outros viverem e não ter a opção para seguir adiante, ocorrendo o que os gerontólogos chamam de *morte social* e que teimamos em chamar de velhice precoce.

## **CAPÍTULO 2 - Observando A Educação**

***E vejo, sem pejo, o saudável desejo de longo viver.  
(Ubirajara A . Rodrigues)***

### **2.1- EM BUSCA DE DIÁLOGO ENTRE AS GERAÇÕES**

***“...reduzir um jovem ou um idoso apenas à sua idade ou geração é  
deixar de nele descobrir sua humanidade.”  
(Maria Helena Kühner)***

Para construir este capítulo, precisamos retomar a questão do comportamento da sociedade perante o “velho”. Sabe-se que a base de toda sociedade começa ou passa pela família, e entender o que acontece nos núcleos familiares é um desafio que muito bem coloca Agostinho Both e que posso testemunhar através de minha experiência familiar.

Both (1999), fala que as famílias não sabem o que fazer com a vida que se estende por anos, nem os mais velhos sabem o que fazer de si mesmos. Isso faz com que surjam dificuldades em constituir-se expressivamente o envelhecimento, e faz surgirem os preconceitos. Por não entenderem essa nova realidade, que se apresenta cheia de dúvidas, a fantasia, por razões obscuras, cria conceitos falsos e maldosos sobre os mais velhos. Uns dizem que devem descansar, outros, que seu corpo já não tem condição de amar, outros dizem que caducam, outros ainda, que a qualquer hora podem morrer.

Nesse contexto Both (1999), fala sobre o conflito entre as gerações:

Os filhos adultos não sabem ao certo como se comportar e aceitam os preconceitos como se tudo fosse uma fatalidade. E

por sua vez, quando começam a envelhecer, assumem para si mesmos essa lição e bem cedo ficam desiludidos com a vida, pensando que tudo deve ser assim mesmo. E os filhos de seus filhos, repetem os mesmos preconceitos, fazendo surgir comportamentos e palavras pouco recomendáveis para a dignidade humana (p. 14).

Mas é preciso criar possibilidades para que se mude essa visão , e crie-se um verdadeiro diálogo. Por isso Oliveira (1996), afirma que nenhum ser humano se humaniza sozinho, sempre precisa de outro, aquele que testemunha seu inacabamento.

Já Both (1999), coloca que só se ama o que se conhece e só se conhece o que se ama, para tanto é necessária uma concepção pedagógica proposital, para que as gerações mais jovens possam se apropriar do universo dos mais velhos. É preciso entender para respeitar, e quando adultos, organizar significativas políticas sociais para a educação, saúde e lazer. Nesse diálogo das gerações, inclui-se também a virtude da tolerância. É possível que nesse período de aumento da população idosa, os mais jovens não tenham a compreensão de um novo tempo. Se as narrações dos mais velhos não são entendidas como importantes, entenderão os jovens que sua sabedoria já se esgotou e que suas presenças não possuem qualquer significado.

O diálogo coloca os sujeitos do processo como seres pensantes e criadores, com direito de dizer sua palavra e dever de ouvir o outro. Estabelece uma relação horizontal, onde todos os envolvidos são sujeitos do ato de aprender, numa posição de igualdade e estão mediatizados pelo objeto a ser conhecido (Nicola, 2002, p. 73-85).

Kühner (2001), aponta que na busca de um diálogo intergeracional, essa relação dialógica, esse convívio e a união, são possíveis e cada vez mais necessários. Dirigir o olhar não só para o futuro como também para o passado, revalorizar o prazer e o desejo, e uni-los à razão e à intuição para a unificação de perspectivas parciais. Mais que uma alternativa possível, uma outra atitude, que busca estabelecer relações, em uma posição que leva a redescobrir que a

vida só se reinventa dando espaço ao *novo*, ao *imprevisto*, ao *acaso*, ao *desmonte das certezas*, à *recriação*.

A partir do universo psicossocial dos mais velhos, podem ser elaboradas tarefas para a aprendizagem formal da personalidade. Os mais jovens podem usar a palavra, os sons, as cenas e os ritmos para buscar o auto-desenvolvimento. Por sua vez os mais velhos emprestarão sua consciência, que muitas vezes foi ação e palavra silenciada, não permitindo que seus filhos caiam nos mesmos erros. “Nesse sentido, a palavra dos mais velhos pode tornar-se arte, serviço e fazer parte de um projeto crítico da educação” (Both, 1999, p. 47).

O diálogo intergeracional não é, portanto, um ato de compaixão para com os mais velhos, mas um elo anunciador que aponta para onde os esforços humanos dos mais jovens devem ser dirigidos. Assim como o tecido orgânico é gerado, assim o tecido histórico é gerado. A consciência também tem sua história: aquele que gera pode orgulhar-se do que gerou, e o que é gerado orgulhar-se de quem o gerou (Both, 1999, p. 47).

Nesse vai e vem, o autor apresenta as possíveis intervenções dos mais velhos na construção histórica dos mais novos, como uma atividade que se complementa e não que se desgasta.

## **2.2- A EDUCAÇÃO COMO MEDIADORA DESSE DIÁLOGO**

Vale aqui reforçar o enfoque deste trabalho para que se possa compreender porque se falar de educação, e porque se mencionar as universidades e programas para Terceira Idade. Toda a discussão ocorre pois o meio onde se estabelece o diálogo intergeracional é dentro de uma instituição formal de ensino: a Universidade Federal de Santa Maria. E a intenção é justamente perceber os aspectos educacionais que surgem dessa interação “*jovem x velho*.” Ilustrando esse fato temos as falas de Eclea Bosi *apud*

Oliveira (1996, p.07), “quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação”.

Muitas são hoje as Universidades e Escolas para Adultos e Idosos. No mundo inteiro, a educação segundo Oliveira (2002), constitui um processo em que cada ser humano aprende a se formar, a se informar a fim de transformar-se e transformar o mundo. O homem é um ser inacabado que tende a perfeição, em consequência, a educação se torna um processo contínuo que só termina com a morte. A educação não é apenas conservadora porque assim aceitaria que a situação atual fosse a ideal, porém ela traz o germe da mudança, tornando-se por isso o instrumento de realização das utopias.

A sociedade toda deve também tomar consciência da urgente necessidade de superar a fragmentação da vida da pessoa, como uma perda de sua unidade, uma quebra ligada ao arco evolutivo da existência humana, no seu componente biológico. A superação dessa classificação é rápida de sugerir, mas lenta de impor-se, pois nos leva à questão da formação permanente. Seriadamente colocada, essa fará desaparecer a distinção – separação entre adolescência, idade adulta e velhice, e a formação deixará de ser uma tarefa exclusiva da fase que antecede a idade adulta, tida como idade produtiva, seguida pela idade do repouso (Odorizzi, 1996).

Freire (1996), relata que nós, mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de *aprender*. Por isso, somos os únicos em que *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e a aventura do espírito.

Ainda Cortelletti (2002), nos fala que sendo a educação um processo constante de aprimoramento da condição humana, de viver e conviver na sociedade, no mundo, educar o idoso é dar-lhe um caminho para alcançar novos níveis de percepção, de conhecimento e ação. É uma possibilidade de manter a capacidade de reflexão, de decidir e de agir com independência e

autonomia como forma de promoção pessoal e social do idoso no processo de desenvolvimento, garantindo o exercício de uma cidadania ativa. A educação com os idosos caracteriza-se pela interatividade, onde os idosos nesse processo, são agentes ativos capazes de cooperar para o desenvolvimento sócio-histórico com a bagagem que trazem, a qual não pode ser encontrada em nenhum manual de texto, a não ser no texto de sua própria existência (Cortelletti, 2002).

Através da gerontologia, podemos perceber enfoques direcionados a educação de pessoas idosas:

A gerontologia tem numerosos argumentos em favor da educação e da promoção da interação e da participação dos idosos à vida social. O principal deles é que as novas aprendizagens promovidas pela educação formal e informal são um importante recurso para manter a funcionalidade, a flexibilidade e a possibilidade da adaptação dos idosos, condições estas associadas ao conceito de velhice bem sucedida. As oportunidades educacionais são apontadas como importantes antecedentes de ganhos evolutivos na velhice, porque, acredita-se, elas intensificam os contatos sociais, a troca de vivências e de conhecimentos e o aperfeiçoamento pessoal (Néri & Cachioni, 1999,115).

Em um relatório da UNESCO, elaborado sobre a educação do século XXI, quatro pilares fundamentais voltados desde a educação básica à universidade, foram destacados, baseados essencialmente no desenvolvimento humano e entendendo educação como uma experiência global que se desenvolve ao longo de toda vida.

E aqui estão, de acordo com Palma & Cachioni (2002):

*Aprender a conhecer:* é necessário tornar prazeroso o ato de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento(...).

*Aprender a fazer:* não basta preparar-se profissionalmente para o trabalho. Como as profissões evoluem muito rapidamente, vale mais a competência pessoal, que torna a pessoa apta a enfrentar situações de emprego e a trabalhar em equipe(...).

*Aprender a viver juntos:* no mundo atual, a tendência é a valorização de quem aprende a viver com os outros, a compreender os outros (...). *Aprender a ser:* é importante desenvolver a sensibilidade, sentido ético e estético,

responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa e desenvolvimento integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo (p. 1101).

Para essas autoras, a educação de adultos e idosos pode ser definida como um processo de comunicação no qual os participantes podem decidir “o quê” dará sentido ao processo de interação, e “como” farão para atingir os objetivos comuns e pessoais. O processo de interação é definido pelo intercâmbio dos significados acerca do que é objeto da comunicação: identificar um problema, adquirir informação sobre uma questão, aumentar conhecimento, ampliar a compreensão que tem de uma situação e tentar resolver um conflito.

Palma & Cachioni (2002) apontam que dada à experiência acumulada ao longo de sua vida, o idoso tem uma situação privilegiada para aprender, mas é importante conhecer que as oportunidades comunicativas vão se restringindo por limitações físicas, coerções externas e autocríticas. Esses problemas são contornáveis segundo as autoras :

- 1) Se o educador for competente e, através de um programa interativo, conseguir aproveitar as possibilidades da experiência acumulada pelos idosos;
- 2) Se promover processos e implementar estratégias que estimulem a qualidade da participação e da comunicação;
- 3) Se oferecer aos idosos oportunidades de conhecimento através da reflexão, do autodidatismo e da ampliação de sua própria capacidade de explicitar, elaborar, contextualizar e de atuar sobre seus princípios, crenças e perspectivas (p. 1108).

Ao se analisar a educação para idosos, suas possibilidades, limites e seus caminhos, é preciso entrar no mundo das pedagogias, entender as intenções de diversos autores, permear os caminhos da educação formal e universitária.

O termo educação sugere uma série de situações que dependem dos enfoques nos quais os indivíduos estão posicionados. Tradicionalmente, se pensava ser a educação uma poderosa arma para a estrutura, desenvolvimento e maturidade da personalidade humana. Também durante

esse tempo, a preocupação se salientava na procura do desenvolvimento de um modelo integral de homem que atingisse os aspectos mais extremados da sua pura maturidade individual e social. Podemos entender que este é um modelo ideal humanista, fundamentado na cultura greco-romana que atinge o nível humano com possibilidades de vida total e harmônica (Mosquera, 1980,p. 11).

Para Fonsar *apud* Hurtado (1993), em sua obra *Educação: Natureza e circunstância*, admite a complexidade de que se reveste o conceito de educação, no entanto, aceita um ponto de convergência comum entre a maioria dos estudiosos do passado e do presente, que é o homem. Esse ponto de vista também é por nós compartilhado, pois apresenta, além disso, profundas raízes na cultura greco-romana, permitindo ao homem, conforme a realidade em que vive, adequar, estruturar e desenvolver suas potencialidades bio-psico-fisiológicas e sociais, num contexto de vida justa, plena, livre e democrática.

Para Sacristán (2003), o “mundo da educação” é um amálgama complexo de materiais muito diversos que entrelaçam-se: “o que sabemos fazer, o que sabemos que os outros fazem ou fizeram,o que pensamos sobre esse mundo e o que os outros pensaram porque deixaram registro disso”(p. 15). Fazem parte desse mundo também as intencionalidades (pretensões, projetos, utopias, etc.),que são como mundos imaginados que nos abrem caminhos e nos fazem buscar realidades que acreditamos melhores daquilo que temos a nossa volta. E ainda segundo o mesmo autor existem três componentes básicos: *saberes a cerca de, saber fazer e intencionalidades*, que configuram o acervo cultural da educação.

Um dos papéis da educação pode ser a “construção de uma nova sociedade”, que segundo acredita Paulo Freire, pode acontecer também através do diálogo, a fala e a vivência. O diálogo é uma relação horizontal, oposta ao elitismo. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança. Na relação dialógico-educadora parte-se sempre da realidade do educando, dos conhecimentos e da experiência dele, para construir, a partir daí, o

conhecimento novo, uma cultura vinculada aos interesses e não a cultura das elites (Gadotti, 1998, p. 27).

Sabemos que os mais velhos possuem conhecimento e sabedoria. E em outras culturas, o velho é presença e respeito por aquilo que pode vir a ensinar. Dentro de uma educação que se compartilha, que para acontecer deve ser permeada de utopias, sonhos, e que pode ser construtora de uma nova sociedade, temos os velhos.

Freire (1996), descreve a ação de ensinar, ação docente nos mínimos detalhes, dentro de uma exigência da ação educativo-crítica por ele defendida, e nos auxilia na compreensão do processo educativo:

É esta percepção do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. Como prática estritamente humana jamais pude entender educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (p.164-165).

As escolas, faculdades e cursos, podem fazer uma intermediação. Então, os velhos podem contar sua história construída, e os mais jovens iniciarão o caminho conhecendo o conteúdo de uma lição já feita. Um velho já passou por diversas situações de vida e teve que aplicar todo o seu conhecimento, ou pelo menos o conhecimento utilizável para sua vida, portanto entendemos que sua contribuição pode ser muito profunda, na educação de jovens e crianças.

]

### 2.3- EDUCAÇÃO uma prática COMPARTILHADA

Levando em consideração tudo até então discutido, seguindo a linha de pensamento de alguns autores, que enfocam uma educação para a vida, libertadora de cidadãos conscientes, de uma educação humanitária; faz-se necessário conhecer esse processo educacional como prática compartilhada.

Para Freire a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade:

Por isso o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 1987,p. 79).

A educação pode ter inúmeras funções: prática para a liberdade ou para a opressão, prática compartilhada ou monopólio do diálogo em sala de aula. Para que a educação seja algo que se compartilha (construída através do diálogo por todos os componentes, professores,velhos e jovens) e que constrói consciência de libertação, é necessário permitir a expressão de cada um dentro da sala de aula, e aí o professor torna-se o condutor de grande responsabilidade.

Segundo Sacristán (2003), “educação é uma *prática compartilhada*, assim como sua compreensão” (p. 16)

Todos sabemos algo a respeito dela, todos, de alguma forma, podemos ensinar algo aos outros, podemos conduzir orientar.(...) ao focar a sabedoria acerca da educação como algo que se compartilha, podemos tentar compreender sua evolução como o resultado de uma dinâmica cultural na qual intervêm múltiplos agentes e forças (p.16).

Dessa forma, percebemos ser necessário conhecer os processos educacionais que acontecem na troca de conhecimentos entre duas ou mais gerações, o encontro de três gerações: o que já viveu muito e ainda vive, o que viveu um pouco e ainda vive, o que viveu muito pouco e viverá muito mais.

Diferentes infâncias, diferentes corporeidades, diferentes conceitos, retratos de tempos vividos. Tudo isso dentro de uma sala de aula, debatendo teorias e conceitos acadêmicos, pertinentes ao curso profissionalizante. O foco principal é o jovem, sem dúvida, pela instituição, pelo ensino do professor, pelo mercado de trabalho, mas o velho está presente, possui um desejo e uma história de vida a ser contada, que pode contribuir no processo de ensino.

Será que a dialogicidade pode existir em tempos vividos tão diferentemente? A educação na universidade é libertadora? A educação que os idosos tiveram foi libertadora? O velho pode compartilhar algo com o jovem, suas falas tem valor? Os gestos os sentimentos, os olhares são valorizados na educação universitária de hoje?

Compreendemos que alunos de uma universidade, vindos de diferentes culturas, expressando-se corporalmente de forma diferente, com linguagens diferentes, sedentos pelo conhecimento, constroem entre colegas e entre professores uma forma de educação. As diferentes compreensões sobre determinado assunto acadêmico, com certeza enriquecem o conceito de livros e pensadores e a realidade vivida de cada um constrói o diferencial no processo de educação. Acrescentamos a isso, uma pessoa idosa, que viveu em outra época, que possui uma bagagem cultural impregnada por um sistema em constante mudança que vai marcando suas mudanças no ser de cada indivíduo e teremos um enriquecimento cultural imenso.

Importante compreender que o diálogo intergeracional só poderá acontecer se houver *confiança* e *humildade* (Both, 1999), nenhum autor do diálogo poderá se sobrepor ao outro, é preciso perceber a presença de todos em sala de aula e perceber seus mundos. Como escreve Both:

É preciso ter uma visão emancipadora das narrativas dos mais velhos, sob pena de apenas ficar numa linguagem contemplativa, como se fossem naturais os constrangimentos que se fazem sobre os corpos e sobre as mentes de todos. Dessa forma, a presença dos mais velhos faz parte do processo de alfabetização, o que nada mais é que o processo de conscientização, isto é, o caminho do homem para assumir sua palavra e determinar seu destino (Both, 1999, p.46).

O autor fala da presença dos velhos desde o início da vida escolar, na alfabetização de crianças, o velho como construtor de identidades, contador de histórias, partilhando ensinamentos, misturando culturas, libertando e mostrando caminhos.

O Projeto Aluno Especial II, coloca o velho em contato com o jovem em uma sala universitária, dessa forma temos um diferencial, o idoso procura a disciplina para um aperfeiçoamento profissional ou aprendizado. Nesse contexto é que o diálogo acontece e que a educação torna-se algo compartilhado.

#### **2.4- AS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE NO MUNDO: DIFERENTES CAMINHOS E INTENÇÕES**

Existe a necessidade de um diálogo intergeracional e uma necessidade de educar, preparar os adultos para a velhice e aprender enquanto se vive. Segundo Bourgeois (2002,p. 13) “aprender enquanto se vive é aprender melhor a duração da vida; é , desde logo evidenciar ainda mais o fato de que nós vivemos diversas etapas como se vivêssemos várias vidas sucessivas”. Assim, precisamos entender o envelhecimento como o curso da vida, vida essa que se molda de planos, experiências, sonhos, desejos e necessidades políticas, psicológicas e sociais.

Essa “nova” velhice nos pede uma educação que transforme, estimule e liberte o idoso, que lhe permita participar e exercer sua cidadania. Para tanto, surgiram e surgem inúmeras universidades no mundo todo, e é de suma importância conhecer os diversos objetivos e finalidades, para assim, visualizarmos o panorama mundial da educação para a Terceira Idade.

De acordo com os professores espanhóis, Clavijo & Portero (1999, p.34); Osório (2002, p.178), as universidades/aulas da 3ª Idade tem sua origem na França criadas pelo Professor Pierre Vellas, em 1973, na

Universidade de Toulouse. Dessa forma, nasce então um movimento de criação de Universidades para a Terceira Idade, começando na Europa e espalhando-se pelo mundo todo.

Nos anos 80, as Universidades da Terceira Idade no mundo foram as seguintes: França (50), Brasil (2), Espanha (19), Portugal (1), Bélgica (12), E.E.U.U. (1), Polônia (7), Argentina (1), Canadá (3), México (1), Suíça (2). (...) Mais tarde, a partir de 1980, abrem-se novas Universidades da Terceira Idade na: Itália, Suécia, Suíça, E.E.U.U., Canadá e Argentina (Clavijo & Portero 1999, p. 34).

Na Espanha, com o nome de *Aulas*, (criadas em 1978, pelo Ministério da Cultura) essas universidades são consideradas como *Centros Socioculturales*. São chamadas de *Aulas* e não de *Universidades* para não confundi-las com os Centros Universitários de Nível Superior que expedem títulos acadêmicos.

Na Espanha, as *Aulas de la Tercera edad*, desenvolvem-se dentro de um programa específico adaptado e adequado às necessidades de cada centro e se concretiza em caráter geral, segundo Osório (1999, p. 178-180), nos seguintes temas: a) Área de Medicina Preventiva e Higiene mental, Dietética e Gerontologia; b) Área Científica e Tecnológica; c) Área de Ciências Humanas, de Pensamento, de literatura, Arte e Musica; d) Área Dinâmica Ocupacional; e) Área de Ócio, tempo livre e viagens culturais.

Quanto à organização e funcionamento essas aulas desenvolvem-se nos espaços universitários, os professores na maioria são os mesmos, as áreas de circulação são as mesmas, a mesma biblioteca, a mesma cantina, mas os programas são diferenciados para os jovens e os de maior idade, em função das diferenças e interesses de cada coletivo.

Podemos citar alguns exemplos como a Universidade de Santiago, que inaugurou em 1997-98, uma área própria destinada à pessoas de maior idade com a denominação de *IV Ciclo Universitario*. O que caracteriza particularmente o ciclo, é que se trata de um programa universitário pensado e adaptado para as pessoas “maiores”. Desse programa podem participar as pessoas adultas a partir de uma determinada idade (55 anos) com

independência da formação acadêmica que possuem. O IV Ciclo da Universidade de Santiago de Compostela aparece estruturado em três ciclos. O primeiro ciclo compõe-se de três cursos de caráter geral, e o aluno deve matricular-se dentro das áreas as quais se ofertam. Ao final do primeiro ciclo depois de aprovar, em todos, 27 créditos (1 crédito é igual a 10 horas letivas), a universidade lhe outorga o título de *Diplomado Sênior*. O aluno pode concluir aqui sua formação ou continuar o segundo ciclo, cursando outros nove créditos de caráter mais setorial e especializado, cuja superação lhe outorgará o título próprio de *Licenciado Sênior*. Finalmente, depois da Licenciatura poderão acender ao grau de “Excelsor” equivalente aos cursos de doutorado para o qual devem realizar trabalhos de investigação sobre a supervisão de um tutor (Osório 2002, p.181-182). O autor coloca ainda, que o preço do curso está fixado (2001-2002) em 15.000 pesetas (90,15 Euros) sendo este valor, porque parte é subsidiado pela Universidade.

Já em Sevilla, segundo Clavijo & Portero (1999), criou-se a Aula da Experiência na Universidade, um programa de desenvolvimento científico-cultural e social dirigido à pessoas maiores de 55 anos. Esse programa tem a finalidade de promover a ciência, a cultura, as relações intergeracionais, e melhorar a qualidade de vida das pessoas de maior idade. Não há necessidade de titulação prévia, e o programa consta de três cursos: Primeiro, Segundo e Terceiro.

Os elementos básicos do currículo *de la Aula de la Experiência*, seguem quatro aspectos fundamentais: o que ensinar (conteúdos), como ensinar (metodologia), quando ensinar (seqüência) e o que, como e quando avaliar (avaliação). Além das disciplinas preparadas para esse curso existem atividades complementares como: expressão cultural, atividades culturais, idiomas, informática, esportes, teatro, ginástica, yoga..., podem participar os alunos matriculados na “*Aula de la Experiência*”.

No Brasil, as primeiras iniciativas surgiram no SESC/SP, em meados dos anos sessenta, na cidade de Campinas, com a criação da “Escola Aberta da Terceira Idade”, uma adaptação da Universidade Aberta da Terceira Idade

existente na França. A partir de então, projetos baseados em moldes das escolas Européias foram implantados em diversas universidades públicas e privadas.

Segundo Doll (2002, p. 48), o contexto social e universitário levaram no Brasil, a um desenvolvimento diferenciado e particular das UNITIs. Enquanto na Europa, a clientela dessas instituições é constituída grande parte por pessoas com formação superior, encontramos no Brasil, nas UNITIs, mais pessoas de classes menos favorecidas.

Enquanto na Alemanha, o número continua estável, desde 70 - em torno de 35 universidades - no Brasil, pode-se observar um número cada vez maior de UNITIs, estimando-se hoje em torno de 200 instituições.

Encontramos diferenças no tipo de trabalho realizado na Europa, onde tudo se orienta basicamente no ensino universitário, seja com modelos integradores, onde as pessoas idosas freqüentam as mesmas disciplinas dos alunos regulares, seja com módulos separados. Comparando, no Brasil as Experiências são bem mais variadas. Abrangendo desde cursos de alfabetização, passando por grupos que lembram mais grupos de convivência, até UNITIs com disciplinas e currículos bem definidos.

Podemos agora falar da experiência que vive a Universidade Federal de Santa Maria, com o Projeto Universidade e Idosos – Voltando a Estudar-ALUNO ESPECIAL II, (resolução nº 0011/92 da Universidade Federal de Santa Maria. Anexo 01), projeto esse que caracteriza como “Aluno Especial II”, aquele que comprove idade mínima de 55 anos, na data da matrícula, sem comprovação de escolaridade. Esse projeto destina as vagas excedentes em disciplinas dos diversos cursos da UFSM, ao Aluno Especial II, sendo que ele pode requerer no máximo três (3) disciplinas, desse saldo de vagas, por semestre letivo.

Dentro do meio acadêmico, os idosos podem escolher qualquer disciplina que possua vaga, e então, participam da aula juntamente com os jovens acadêmicos regulares. Os Alunos Especiais II, não estão sujeitos a avaliação e obrigatoriedade de freqüência, porém só terão direito, a certificado

de participação nas disciplinas, os alunos que tiverem 75% de assistência nas aulas.

Este projeto da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) proporciona uma troca de experiência muito grande. Dentro de uma sala universitária, temos idosos interessados em conhecer e saber mais sobre determinado assunto, pois escolhe a disciplina que deseja fazer. Por exemplo: temos casos em que senhoras gostariam de aprender a nadar em **Esporte Aquático I**, ou aprender os cuidados com ferimentos em **Primeiros Socorros**, compreender o Ser Humano em **Psicologia das Relações Humanas**, entender as leis nas várias disciplinas do **Direito**, compreender Filosofia, Desenho, como cultivar o solo, como criar gado confinado, fazer **Paisagismo e Floricultura, Dança, Atividade Física na Terceira Idade, Administração Financeira, Marketing, Direito penal, História da Arte, Radiojornalismo I, Circuitos Elétricos.....**, e tantas outras disciplinas que os diversos cursos da Universidade podem oferecer.

Juntamente com esse projeto surgiu o Diretório Acadêmico do Aluno Especial II, com representantes escolhidos em assembléia pelos próprios idosos, o Diretório funciona em uma das salas do Prédio da Reitoria da Universidade. O diretório do AE II, é uma conquista para a representatividade dos idosos diante de toda a universidade, é um ponto de apoio onde o AE II, pode buscar informações, fazer reclamações ou apresentar sugestões para a melhoria do projeto. É o Aluno Especial II cuidando de si mesmo.

Entendemos que o processo utilizado pela UFSM, através do Projeto AE II, além de proporcionar aos idosos continuar a estudar e freqüentar uma universidade pública que para a maioria é novidade, pode trazer frutos riquíssimos à educação, ou pelo menos despertar uma consciência educacional universitária pra atender a um novo tempo que se apresenta, onde a população de idosos cresce a cada dia e a sociedade se reorganiza para tornar sua vida mais digna. Nada melhor que buscar dignidade através da educação!

## 3-PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### A DIREÇÃO...

*Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 1996, p.32).*

Assim, Paulo freire coloca a importância da pesquisa em nosso fazer de educadores, da busca do conhecimento, dos desvelamentos e da clareza que só ela pode nos proporcionar. Desta forma, apresentamos nesse capítulo, os passos para desenvolver este trabalho, procurando demonstrar de forma clara os processos construídos.

Essa pesquisa nasceu de muita discussão, amadurecimento de idéias, reaproveitamento de algumas e muito papel amassado jogado no lixo e novamente construídos. Desejávamos voltar nossas atenções para os aspectos educacionais do envelhecimento, e sem dúvida não poderíamos deixar de afirmar o fascínio que o projeto Aluno Especial II do NIEATI, exerce sobre todos, achando-o instigante, grandioso e ao mesmo tempo, com algumas falhas.

Portanto, direcionando nossos passos, chegamos até aqui, esperamos e acreditamos que o caminho que aqui será descrito nos levará ao objetivo.

## Preparando A Investigação...

*“As idéias, as situações e os instrumentos do meu trabalho podem ser pensados, criados e vividos; dentro deste tipo de proposta existem mais perguntas do que respostas”(Brandão,1990,p.9).*

### 3.1- PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Muitas são as perguntas, portanto, faz-se necessário esclarecer alguns passos que gradativamente nos levaram à conclusão do trabalho, assim essa investigação seguirá em 2 etapas:

Na **I etapa**, no período de março a maio de 2003, foi executado um estudo exploratório. Esse estudo foi realizado através de uma busca de informações no DERCA, (Departamento de Registro e Controle Acadêmico) da Universidade Federal de Santa Maria, através da análise de documentos pertinentes que apresentavam dados demonstrativos e estatísticos sobre o Projeto Aluno Especial II, e nos mostrando seu andamento, permitindo fazer uma adequação a realidade.

Na **II etapa**, entramos em contato com o meio e com os sujeitos envolvidos no projeto. Nessa etapa, vários são os instrumentos utilizados para a percepção das relações intergeracionais na construção de educação:

**1- Entrevista com um Aluno Regular (5)-(Anexo 03).**

**2- Entrevista com Aluno Especial II (4)-(Anexo 04)<**

**3-Entrevista com o professor (5)-(Anexo 05)**

**4-Observação estruturada (4)-(Anexo 06)**

Também contatamos com algumas disciplinas, e com autorização dos professores envolvidos, assistimos algumas aulas, entrevistamos alunos, professores e idosos, observamos e anotamos. Essa etapa foi desenvolvida no período de novembro a dezembro de 2003.

### **3.1.1- ETAPA I:**

Na primeira etapa, efetuamos um **estudo exploratório** com solicitação de dados através dos documentos sobre o projeto Aluno Especial II no Departamento de Registro e Controle Acadêmico (DERCA), da Pró-reitoria de Graduação da UFSM. A finalidade deste estudo foi conhecer como andou o Projeto Aluno Especial II, quantos e quais (gênero) foram os idosos que freqüentaram os bancos da UFSM, e quais as disciplinas mais procuradas. Enfim, traçar um perfil do andamento do Projeto.

A fase exploratória de uma pesquisa qualitativa, tem algumas características, segundo Lüdke & André (1986), podem existir inicialmente algumas questões ou pontos críticos, os quais vão sendo explicitados, reformulados ou abandonados na medida em que se mostrem mais ou menos relevantes. Esses pontos podem ter origem no exame da literatura pertinente, podem ser frutos de observações e depoimentos feitos por especialista sobre o problema, podem surgir de um contato inicial com a documentação existente e com as pessoas ligadas ao fenômeno estudado, ou ainda, podem ser derivadas de especulações baseadas na experiência pessoal do pesquisador.

Os dados/documentos explorados constituíam-se de fichas de matrículas, listagens de alunos matriculados em suas respectivas disciplinas, caixas desordenadas contendo o nome do idoso e a disciplina em que conseguiu matricular-se. Esse estudo nos permitiu obter um panorama inicial do Projeto Aluno Especial II.

### **3.1.2- ETAPA II**

Neste momento, de posse da listagem de alunos do segundo semestre de 2003, optamos por selecionar uma amostra de cada Centro da Universidade, cursos agrupados por áreas do conhecimento, como podemos observar, no quadro a seguir:

**QUADRO 01:** Centros e cursos da UFSM

<b>Centros de Ensino</b>	<b>Cursos</b>
Centro de Artes e Letras- CAL	Curso de musica; Artes Cênicas; Desenho e plástica; Desenho Industrial; Letras
Centro de Ciências Naturais e Exatas- CCNE	Matemática; Química; Química Industrial; Física; Ciências Biológicas; Geografia;
Centro de Ciências Rurais- CCR	Agronomia; Engenharia Florestal; Medicina Veterinária; Zootecnia;
Centro de Ciências da Saúde- CCS	Enfermagem; Farmácia; Fisioterapia; Fonoaudiologia; Medicina; Odontologia;
Centro de ciências sociais e humanas- CCSH	Administração; Arquivologia; Ciências Contábeis; Ciências Econômicas; Ciências sociais; Comunicação social; Direito; Filosofia; História; Psicologia;
Centro de Educação- CE	Educação Especial: Deficientes Mentais, Deficientes em Audiocomunicação. Pedagogia: Magistério (2º grau e Pré-escola),Magistério (2º grau e Séries Iniciais),
Centro de Educação Física e Desporto- CEFD	Curso de Educação física
Centro de Tecnologia- CT	Arquitetura e Urbanismo; Engenharia:Civil/Elétrica/Mecânica/Química; Ciência da Computação

ORGANIZAÇÃO: Giovelli, M., 2004.

A escolha das disciplinas deu-se, observando alguns pontos como compatibilidade de horário do pesquisador para a coleta dos dados. Ainda para definição da amostra, foi necessário entrar em contato com a

coordenação dos cursos para conhecer o horário das aulas e certificar-se da presença do Idoso matriculado, pois a disciplina e seu código muitas vezes repete-se em mais de um curso.

O contato foi feito por telefone, as ligações foram feitas do NIEATI, localizado no prédio do curso de Educação Física, em horário de expediente da Universidade, inicialmente com as coordenações que posterior forneciam o telefone do professor(a) responsável pela disciplina.

Assim obtivemos o seguinte quadro, correspondente a amostra:

**QUADRO 02:** Amostra

<b>CENTRO</b>	<b>CURSO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>HORÁRIO</b>	<b>PROFESSOR</b>
<b>1-CAL</b>	<b>MÚSICA</b> Fone: 220-8443	MSC 194- Educação musical na infância	Sexta: 10:30 às 12:30	<b>Professor-2**</b>
<b>2-CCR</b>	<b>MÉD. VETERINÁRIA</b> Fone:220-8162 Prédio 44	MVP 501-Ornitopatologia	Teórica: seg. 7:30 Sala: 5300 <b>Prática:</b> seg. 10:30 Quin. 8:30/ 10:30 sala: 5154	<b>Professor-4**</b>
<b>3-CCSH</b>	<b>DIREITO</b> Fone:222-3444 ram:250 Campus Centro	JUR 401-Direito das Obrigações	Quinta: 7:30 Sala 103	<b>Professor-1**</b>
<b>4-CEFD</b>	<b>EDUCAÇÃO FÍSICA</b> Fone: 220-Piscina	DEC- 207 Esporte Aquático I	<b>Quarta:8:30</b> Quinta:8:30	<b>Professor-5**</b>
<b>5-CCS</b>	<b>ENFERMAGEM</b> Fone:220-8473 Prédio 26	EFM-606 Primeiros Socorros	Quar. :15:30 às 17:30 Sala:1430	<b>Professor-3**</b>
<b>6-CCNE*</b>				
<b>7-CT*</b>				
<b>8-CE*</b>				

Organização: Giovelli, M., 2004.

\*Centros que não apresentaram cursos com AE II, matriculado em disciplinas.

\*\*Os números identificam os professores em ordem de apresentação na análise e discussão dos dados.

Alguns centros não tiveram nenhuma disciplina de algum curso correspondente, com AE II matriculado, como é o caso do CCNE, CT, CE.

O quadro acima define a amostra da seguinte forma:

Para cada uma das disciplinas apresentadas no quadro, foi feita a observação das aulas, e entrevistado um acadêmico regular, e o AE II que freqüentava a disciplina, além do professor da disciplina que se apresenta no quadro com nome fictício.

Definida a amostra, partimos a campo onde os cursos com suas disciplinas selecionadas foram contatados, através da abordagem direta ao professor antes da aula, ou com telefonema prévio. Em ambas situações, foi feito um esclarecimento sobre a pesquisa e a solicitação para assistir às aulas sem ser anunciada aos alunos, já agendando um horário com o professor para entrevista, podendo ser antes ou depois da aula.

Para conhecer os fatos como realmente são, nada mais pertinente que se aproximar da realidade, perceber gestos, olhares, conviver com a realidade do objeto a ser estudado. Para Ludke & André (1986, p. 26) “ a experiência direta é sem dúvida o melhor teste para verificação da ocorrência de um determinado fenômeno (... ). A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas”.

Quanto à flexibilidade, as observações podem ser estruturadas e não estruturadas. De acordo com Mazzoti & Gewandsznajder (1998), nas observações estruturadas, as formas de registro são preestabelecidas, usadas geralmente quando o pesquisador trabalha com um quadro teórico *a priori* que lhe permite propor questões mais precisas, bem como identificar categorias de observação relevantes para respondê-las.

Dessa forma, foram feitas as testagens que serviram tanto para verificar a validade do instrumento quanto para que o observador estivesse de frente com a situação real, percebendo suas limitações e dificuldades.

Foi feita uma observação em cada “ambiente”. No anexo 06 encontra-se uma cópia do modelo utilizado para observação. Além dessa estrutura foram feitas anotações. Sempre o contato inicial era feito com o professor, onde acontecia a explicação do objetivo do estudo e solicitação para assistir a aula, sem ser anunciada para a turma.

Foram usadas as fichas de observação, com registro de frequência, e observação do ambiente. Também foi feito um registro gráfico da disposição do ambiente (sala de aula), e acrescentamos anotações em folhas anexadas ao instrumento de observação. Após a observação foram feitas as entrevistas. Elas agendadas para uma próxima data ou, de acordo com a disponibilidade do colaborador, no mesmo dia .

“Ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para coleta de dados” (Ludke & André, 1986,p. 33), com um roteiro de perguntas, caracteriza-se como semi estruturada, apresentado assim um eixo pelo qual circulam as falas dos entrevistados e entrevistador.

As três entrevistas seguem o mesmo padrão semi-estruturada, com questões abertas, e não necessariamente foram realizadas na ordem apresentada, mas sim de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Para os três sujeitos, professor, acadêmico regular e AE II, o procedimento de abordagem foi o mesmo. Separadamente, explicava-se o projeto e a finalidade da entrevista.

As entrevistas foram realizadas com os professores das disciplinas, o aluno idoso (quando mais que um, escolhia-se aleatoriamente um colaborador) e um acadêmico escolhido aleatoriamente. Caso o primeiro escolhido não quisesse colaborar, pedia-se a sugestão para indicar um colega. Os professores, em sua maioria, agendaram para outros horários que não o posterior a aula.

Para realização da entrevista, escolhemos um ambiente mais tranquilo, onde seguindo um roteiro semi-estruturado, os entrevistado deram seu consentimento, para gravação, transcrição e publicação de suas falas. Para isso foi utilizado um gravador portátil Sony TCM – 323, com fitas cassette de 60 minutos .

De acordo com a metodologia utilizada, esse estudo apresenta abordagem qualitativa e caracteriza-se por pesquisa do tipo Estudo de Caso, que no plano geral, pode ser representado como um funil, onde o começo do estudo pode ser representado pela parte mais larga do funil, o pesquisador

organiza seu estudo de forma ampla, explorando e revendo a recolha dos dados (...). à medida que vão conhecendo melhor o tema em estudo, os planos são modificados e as estratégias selecionadas (Bogdan e Biklen, 1994).

# **4- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

## **"A APROXIMAÇÃO!"**

### **4.1- APRESENTANDO O PROJETO ALUNO ESPECIAL II**

#### **ETAPA I**

Em 1991, nasceu a proposta: Universidade e Idosos – Voltando a Estudar, de autoria do Professor Dr. José Francisco Silva Dias.

Mais uma vez o Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI), apresenta seus projetos ao meio acadêmico da Universidade Federal de Santa Maria. Esse projeto teve como objetivo específico: proporcionar às pessoas de mais de 55 anos em diante, independente de sexo, cor ou credo religioso, acesso às disciplinas de todos os cursos de graduação da UFSM, bem como, pós-graduação, na condição de Alunos Especiais, sem vestibular, e isentos de avaliação. Além disso a proposta inicial objetivava oferecer, com essa ação, condições de atualização, convívio cultural, político e social com as novas gerações, buscando impedir a involução característica desta faixa etária através da busca de novos conhecimentos e da troca de experiências.

A atividade do ALUNO ESPECIAL II, foi regulamentada pela resolução nº 11 de 1992, aprovada no dia 25 de março de 92, na seção 399 do CEPE, iniciando as atividades com 214 alunos (de acordo com dados no DERCA).

### 4.1.1-Levantando a poeira...

Ao fazer o levantamento dos dados no Departamento de Registro e Controle Acadêmico (DERCA), da UFSM, encontramos as matrículas arquivadas desde 1992, juntamente com os pedidos de matrícula, mas não encontramos listas com o número de alunos. Levando em consideração o tempo disponível para a pesquisa, e que o material não sai da instituição restringindo ainda mais a investigação dos dados por causa do horário do expediente, seria então inviável apresentar os dados das disciplinas mais procuradas, desde 1992, ano de início do projeto.

Após tentar encontrar os dados nas caixas e papéis desorganizados, um funcionário apresentou-me uma lista com o número de pessoas matriculadas desde 1992 até 2003. De 1992 até 1995 era inviável a contagem e busca na desorganização dos papéis e no tempo disponível para análise, portanto não foi possível conferir os números.

Assim temos apenas o número de pessoas matriculadas:

**QUADRO 03:** Listagem DERCA

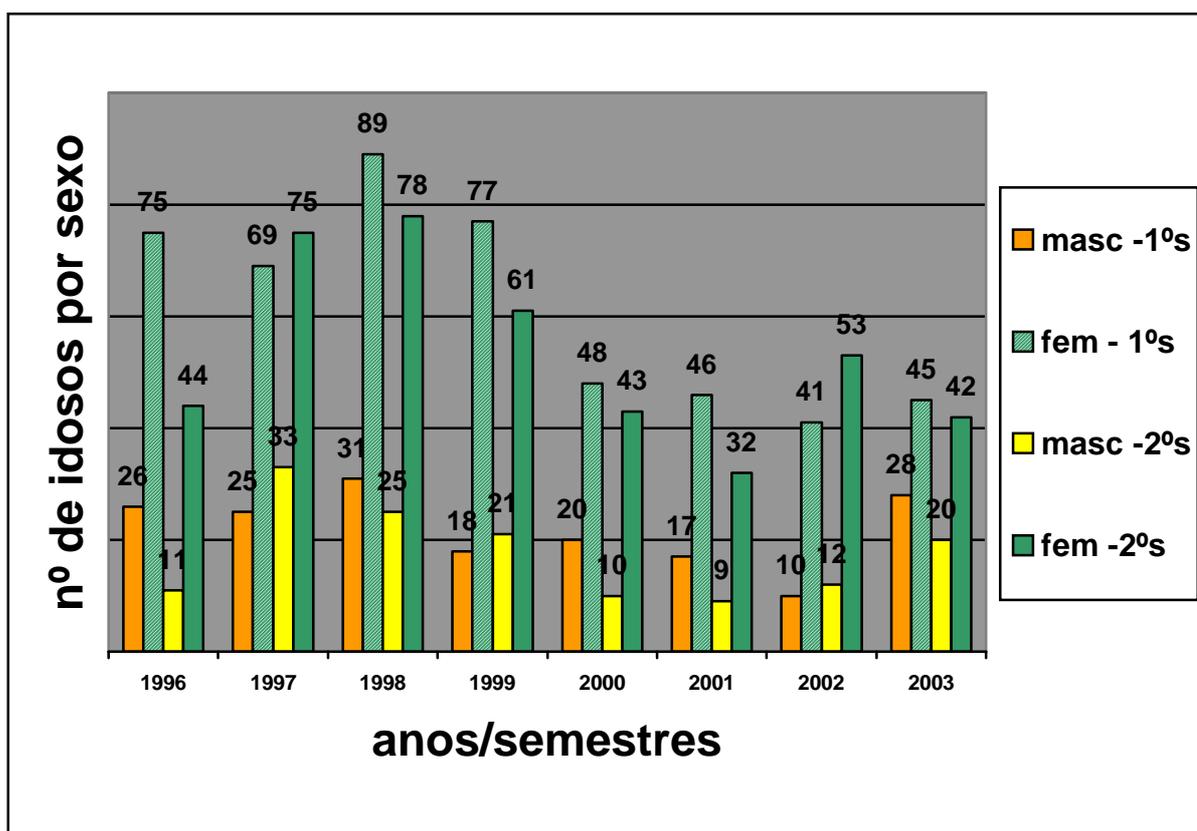
ANO	SEMESTRE	Nº MATRICULAS
1992	PRIMEIRO	214
1992	SEGUNDO	83
1993	PRIMEIRO	99
1993	SEGUNDO	64
1994	PRIMEIRO	88
1994	SEGUNDO	62
1995	PRIMEIRO	72
1995	SEGUNDO	87

Fonte dos dados: DERCA (Departamento de Registro e Controle Acadêmico)- UFSM, 2003.

A partir de 1996, os dados estavam mais organizados. Encontramos listas dos nomes das pessoas que haviam conseguido a matrícula e suas respectivas disciplinas. Era então necessário fazer um levantamento do número de pessoas (idosos) por sexo que havia freqüentado o Projeto, já que a listagem apresentada, apesar de ser oficial de acordo com os funcionários, não

apresentava essa divisão. Para tanto, apresentamos um gráfico ilustrativo do número de idosos matriculados desde 1996:

**GRÁFICO 01:** nº de Alunos Especiais II (por sexo), que realizaram matrícula durante os semestres dos anos relacionados.



Organização: Giovelli, M., 2004.

Antes da análise do gráfico, é necessário salientar que os números possuem discrepância com os números apresentados pelo DERCA como oficiais. O gráfico foi construído com base fiel nas cópias das listas de matriculados em cada semestre, constantes nos arquivos do DERCA. Constatadas as diferenças, fez-se necessário uma nova contagem do número de pessoas nas listas e chegou-se a dois importantes pontos:

1º- Não é possível determinar o número exato de homens e mulheres pois as listas e fichas de pedido de matrícula não apresentam o sexo do indivíduo, ficando a contagem, submetida somente ao do nome da pessoa. Por tanto, esses valores divididos por sexo são aproximados.

2º- Ao conversar com os funcionários do Departamento de controle, sobre as diferenças nos números da lista apresentada como oficial e as listagens com matrículas ditas também oficiais, o argumento foi que, alguns idosos chegam depois do período de matrícula desejando matricular-se, e como ainda resta vaga na disciplina solicitada, o idoso é incluído ficando em uma listagem separada.

Devido à desorganização dos dados encontrados, com certeza alguns números podem ter se perdido, mas para nós, a importância está em termos uma dimensão dos números do projeto, mesmo que não sejam exatos.

Analisando o gráfico 01, podemos observar que o número de matriculados teve um decréscimo considerável em 2000 e nos anos seguintes manteve-se dessa forma. Se considerarmos o fato de que a população está envelhecendo e que o número de velhos aumenta, então os números nos fazem pensar que o projeto possui falhas, ou na motivação, ou divulgação, ou inovação.. .

#### **4.1.2-As mais procuradas ...**

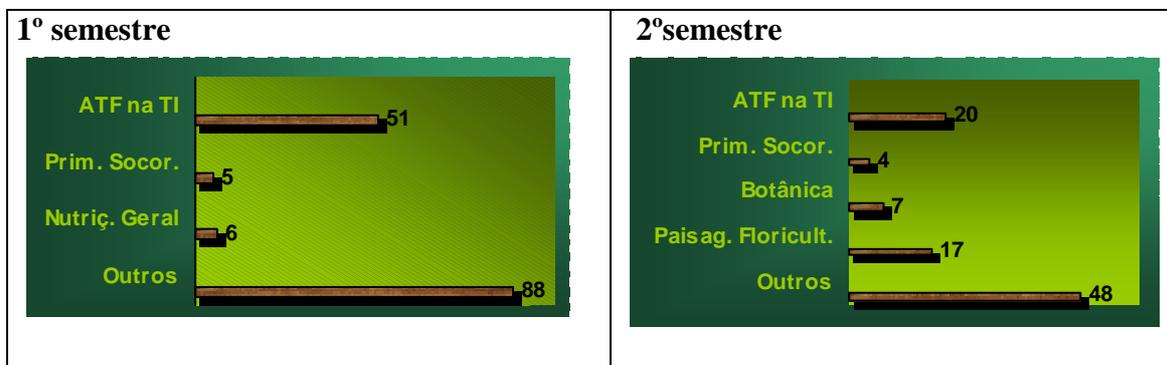
Na apresentação do Projeto Aluno especial II, importante seria apresentar as disciplinas mais procuradas pelos idosos durante esses anos que se passaram. Como o número de inscrições é grande é também enorme a variedade de disciplinas, optamos por construir quadros ilustrativos com as disciplinas mais procuradas, e ressaltar que os números apresentados não representam o número de pessoas, pois uma única pessoa inscreveu-se em mais de uma disciplina.

Ex: **Bernardete .....DEC 601 ATIVIDADE FÍSICA NA TERCEIRA IDADE**

**Bernardete .....MTD 209 BIOMECANICA DOS EXERCÍCIOS FÍSICOS**

## ANO DE 1996

Figura 01: Nº de inscrições- disciplinas mais procuradas

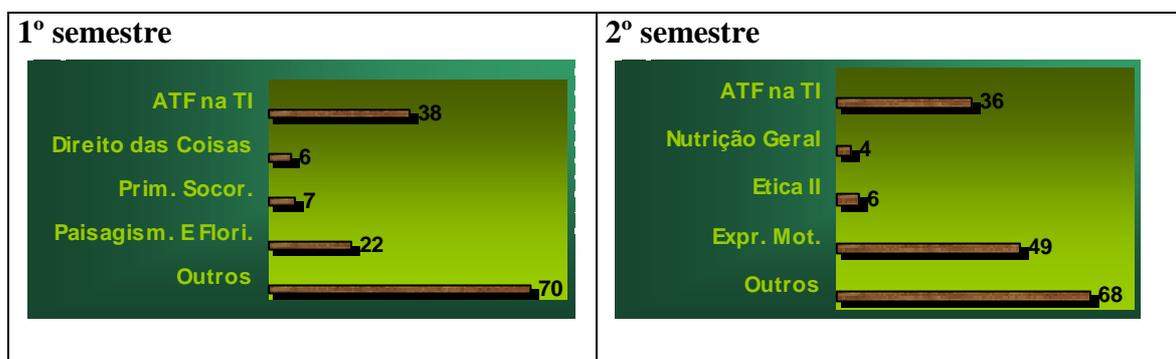


Organização: Giovelli, M., 2004.

Observamos, que em 1996, a disciplina mais procurada foi Atividade Física na Terceira idade, disciplina do Curso de Educação Física. A linha que demonstra “Outros”, engloba todas as outras disciplinas da Universidade dos mais diferentes cursos.

## ANO DE 1997

Figura 02: nº de inscrições- disciplinas mais procuradas



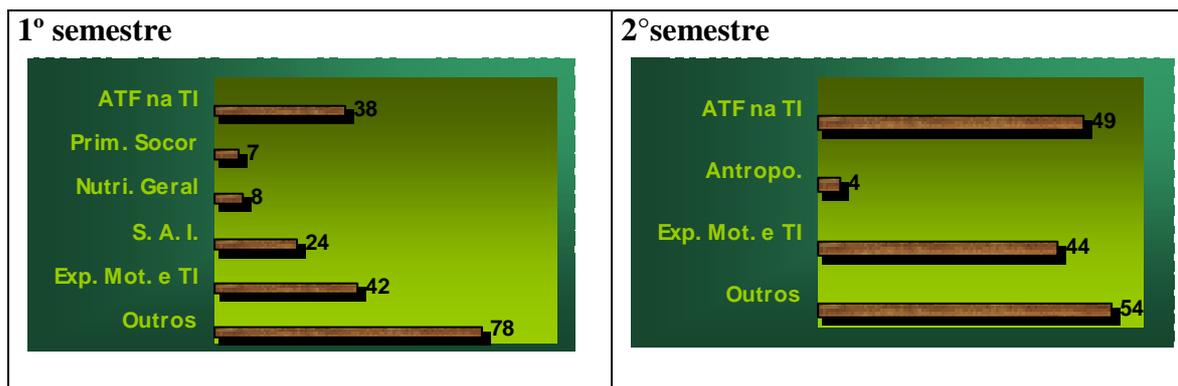
Organização: Giovelli, M., 2004.

No segundo semestre de 1997 o NIEATI, ofertou uma disciplina classificada como Atividade Complementar de Graduação (ACG), denominada Expressão Motora e Terceira Idade. Essa disciplina teve grande número de inscritos, como podemos ver no gráfico acima, esse grande número acreditamos ser devido a essa disciplina de ser nova e voltada para o trabalho

com a Terceira Idade usando elementos de dança e música cativando ainda mais os alunos idosos.

## ANO DE 1998

**Figura 03** : nº de inscrições- disciplinas mais procuradas

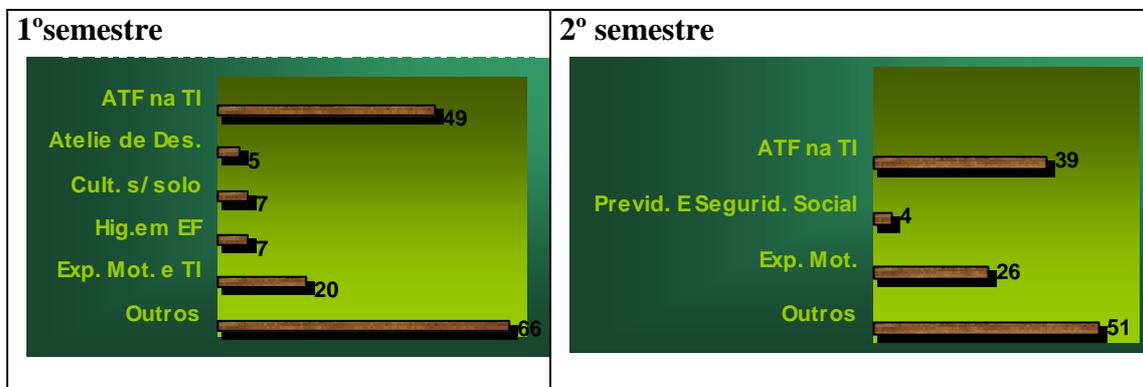


Organização: Giovelli, M., 2004.

Novamente em 1998, as disciplinas do NIEATI, são as mais procuradas, são elas: Expressão Motora e Terceira Idade e Atividade Física na Terceira Idade. Observando esses números, pode-se afirmar que os idosos de Santa Maria e região tem uma referência no Centro de Educação Física uma referência da Universidade, pois é no CEFD mais precisamente no NIEATI, que os idosos fazem a matrícula para os projetos na piscina, que inscrevem-se para os eventos e também fazem o pedido de matrícula para as disciplinas do Projeto AL II .

## ANO 1999

Figura 04: nº de inscrições- disciplinas mais procuradas

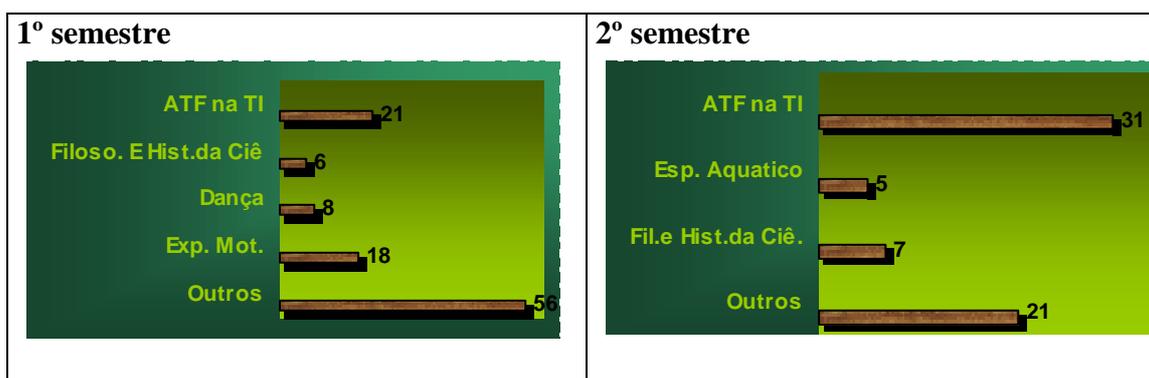


Organização: Giovelli, M., 2004.

O rótulo “outros”, trás matrículas nas mais diversas disciplinas espalhadas pelos cursos da universidade: Psicologia I, Sociologia Geral, Ateliê de Pintura, Algoritmo e Programação, Anatomia dos Sistemas, Percepção Musical I, Direito de Família, Topografia I, Silvicultura Geral A, Física IV....

## ANO DE 2000

Figura 05: nº de inscrições- disciplinas mais procuradas

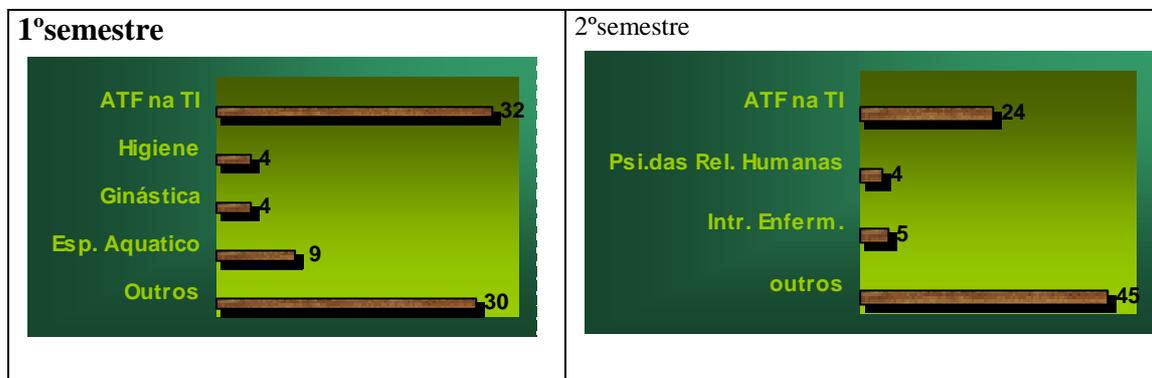


Organização: Giovelli, M., 2004.

No segundo semestre de 2000, a disciplina Expressão Motora e Terceira Idade, não foi mais ofertada, ainda hoje ouvimos pelos corredores os comentários e a manifestação de desejos para que a disciplina retorne, os idosos se mostram eternos apaixonados pela disciplina.

## ANO DE 2001

**Figura 06:** nº de inscrições- disciplinas mais procuradas

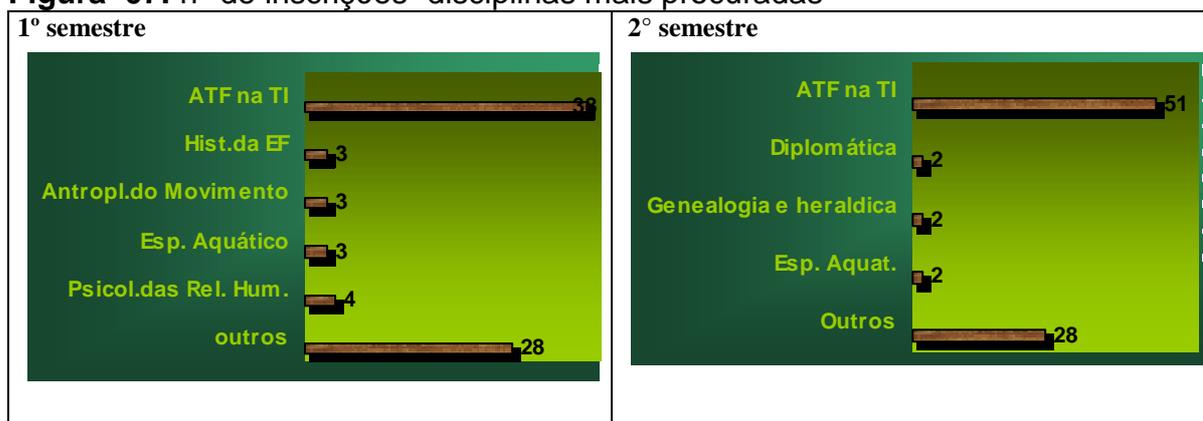


Organização: Giovelli, M., 2004.

Importante destacar as disciplinas de Aquático I e II, que foram juntas na contagem. Os professores apontam para o desejo que os alunos idosos apresentam em aprender nadar ou perder o medo do meio líquido, apesar dos projetos existentes específicos de natação para Terceira Idade, sempre alguém se matricula nas disciplinas obrigatórias do Curso de Educação Física, com o objetivo de aprender mais, sobre natação.

## ANO DE 2002

**Figura 07:** nº de inscrições- disciplinas mais procuradas

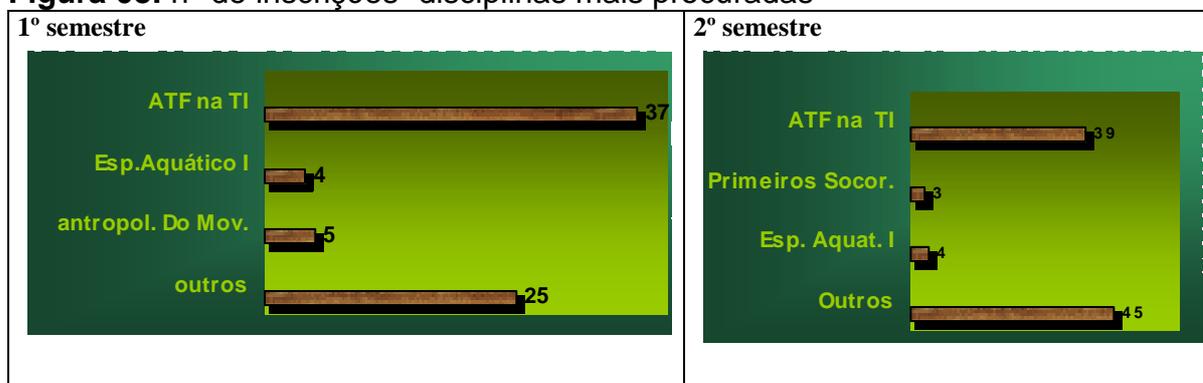


Organização: Giovelli, M., 2004.

Os quadros sempre mostram uma variação considerável entre as disciplinas mais procuradas, com exceção da disciplina de Atividade Física na Terceira Idade .

## ANO DE 2003

**Figura 08:** n° de inscrições- disciplinas mais procuradas



Organização: Giovelli, M., 2004.

A disciplina de Atividade Física na Terceira Idade aparece todos os anos com um considerável número de idosos matriculados, ela se caracteriza por ser uma Atividade Complementar de Graduação sendo portanto optativa para os acadêmicos regulares do curso, foi criada pelo professor “Juca”, também coordenador do NIEATI e dos projetos voltados para a Terceira Idade. A disciplina discute temas voltados para os idosos e constitui-se em dois horários, um somente com os acadêmicos regulares, e outro, em dias diferenciados, com os idosos que são em número maior que os acadêmicos regulares. A disciplina bate recordes de participação de idosos, pois nela encontram-se e discutem temas voltados para o idoso.

## 4.2- APRESENTANDO OS DIFERENTES CENÁRIOS

### ETAPA II

Para uma melhor compreensão optou-se por separar os centros de ensino da mesma forma como foi feita a coleta dos dados, objetivando visualizar diferenças ou semelhanças entre os mesmos. Assim construímos cenários com as observações e as entrevistas coletadas nos centros, para em sua totalidade construir o corpo da universidade, que é onde se dá a educação compartilhada.

### Os olhos do pesquisador...

Seja bem –vindo e sinta-se em casa.

## 1º CENÁRIO CCSH

Centro de Ciências Sociais e Humanas - Curso de Direito  
Disciplina de Direito das Obrigações

### Observação :

*O centro fica em um prédio grande, no centro da cidade, com corredores largos, claros e antigo, a impressão que se tem é de estar nos corredores de um colégio de Ensino Médio, as salas são lado a lado com classes, mesinha e cadeira, os andares são pequenos e os corredores não muito largos.*

*No primeiro momento surgiram as dúvidas em relação ao local das salas e coordenações. Procurei observar o local de concentração dos alunos, que na verdade, não é muito diferente dos outros cursos, sempre no hall, e em frente ao prédio.*

*O hall do prédio é lotado de estudantes com feições, traços adolescentes, sempre conversando animadamente. A impressão que se tem é que os alunos do colégio*

*Santa Maria que fica em frente estão espalhados pelo hall do CCSH. Pelos corredores ouve-se o “toc-toc”, dos saltos dos sapatos, meninos e meninas muito bem vestidos, parece que rosa é a cor da moda .*

*Tive uma ótima recepção pela funcionária da portaria do prédio, e também na coordenação do Direito. Os professores mostraram-se interessados e solícitos em ajudar, deixaram e-mail, telefone e pediram para assistir à conclusão do trabalho.*

*Bem, o CCSH não me pareceu um ambiente extrovertido, seus aspectos estruturais aos olhos do pesquisador, pareceram sérios e comportados, nem na biblioteca, nem nos corredores, não se vê uma pintura, um quadro. Não há poesia nem cor e apesar disso, todos os anos existem AE II matriculados em disciplinas desse centro principalmente no curso de Direito.*

*Vamos aos “colegas”. No primeiro dia da observação cheguei com um pouco de atraso, (9:30), na sala, tive que passar pelas costas da professora, em frente à turma, recebi alguns olhares, mas ninguém perguntou nada, nem a professora, procurei sentar na única classe que restava, por sorte próxima ao AE II, o qual defini pela idade e pelo rosto conhecido nas aulas da piscina, porém não tive certeza do seu nome. Ao observar a turma percebi que os alunos estavam de prova. Código Civil, sobre as mesas e a professora sorteando pontos e os questionando. Talvez por isso a seriedade.*

*Ao perceber a minha presença, o AE II, cochicha com o colega ao lado e oferece sorrindo o seu Código, o seu livro. Fiquei embaraçada, me senti vulnerável e perplexa com aquele gesto, mas ao mesmo tempo feliz por saber que o idoso percebeu que havia algo errado comigo. Agradei e sussurrei que estava só observando a aula da professora para fazer uma pesquisa.*

*A turma parece madura, os alunos respondem com seriedade as questões da prova oral, argumentando e defendendo, e todos ouvem seus colegas com atenção e silêncio. A cada resposta o AE II voltava-se para o aluno que fala e presta atenção. A cada resposta dos alunos, a professora argumenta e propõe outros exemplos, demonstrando dominar a matéria. Ao final das questões orais, a professora orienta a todo, para uma dissertação escrita, sem consulta, os alunos guardam o material. Uma aluna levanta-se e vai conversar com o AE II, ele escuta e faz afirmações com a cabeça.*

*A professora explicou a próxima etapa da prova, argumentando sobre conduta, sobre responsabilidade, solidariedade e autonomia diante do comportamento dos alunos em respeitar os colegas na hora da prova.*

*11:40- Todos, menos o AE II, iniciam a prova escrita. Silêncio total, mentes funcionando e “fumaça das canetas”. Rapidamente as folhas vão se enchendo de tinta azul, o AE II apenas observa.*

*Final da prova. A professora novamente argumentou sobre futuro profissional, pede opinião sobre a forma de avaliação. Muitos opinam, falando ao mesmo tempo... descobri que a aula iniciou as 7:30 hs. No final da aula, os alunos saem conversando animadamente, o AE II, arruma suas coisas calmamente, então a professora o procura e pergunta se ele deseja fazer a prova em outro horário, ou acrescentar uma questão a mais na prova escrita. Seu (...) ! A professora o chama pelo nome. AE II responde que tem dificuldade de memorizar e expressar verbalmente e prefere marcar a prova escrita.*

*Sáimos os três da sala, expliquei minha presença desculpei-me pela invasão e por ter chegado atrasada, a professora apesar de simpática demonstra dúvida mas oferece-se em outro horário para fazer a entrevista, e despede-se apressada.*

*12:00- Para preservar a identidade do meu colaborador vou chamar o idoso de **Aluno Especial II - 1 (AE II - 1)**. Ao sairmos da sala, ele me convida para conhecer a biblioteca onde vai fazer a renovação de um livro de Direito. Conversamos e diz gostar muito de estar fazendo algumas disciplinas do direito, apesar de no início sentir medo da reação dos jovens, talvez o achassem antiquado. Renovou o livro na biblioteca onde esperou na fila junto com os mais jovens, a funcionária pareceu conhecê-lo, perguntou como estava e sorriu, saindo da biblioteca, que por sinal possui um aspecto antigo, o sistema de renovação ainda é manual, e estava cheia de alunos esbarrando-se entre as prateleiras, o AE II-1 convidou-me para almoçar. Bela oportunidade, mas não podia, agradei e prometi voltar, confirmei a presença dele na próxima aula e me despedi.*

## **Os Personagens...**

### **AE II-1**

AE II-1, é um senhor de pele morena, calvo, magro e muito elegante, bem arrumado, tem 81 anos e o Ensino Médio Incompleto, Militar aposentado, não fosse pela surdez ninguém diria que tem essa idade. Sua presença nos corredores, biblioteca, na sala, não causava espanto, parecia que os que o cercavam estavam acostumados com sua presença. Discreto e atencioso, mais observava do que falava, seus gestos não chegaram a ser tímidos, mas comedidos, conseguia relacionar-se bem com a turma embora não questionasse nem argumentasse durante a aula.

### **Professora -1**

Nossa Professora-1 exerce magistério superior a sete anos, tem 33 anos, demonstra simpatia e confiança em suas aulas, transmite claramente aos alunos a matéria sempre contextualizando com fatos reais, fazendo os alunos perceberem-se em uma situação real. Durante as aulas enfatizava a conduta dos estudantes do direito, falava do respeito ao ser humano. É uma pessoa que fala muito, o tempo todo.

### **Aluna regular-1**

Aluna Regular –1 tem 19 anos e está no quarto semestre de Direito, é a aluna que várias vezes levantou-se de seu lugar para auxiliar o AE II-1, não é parente, mas o faz com tanto prazer e tranquilidade que mais parecia sua neta. Quando interrogada sobre o Projeto Aluno Especial II, não soube dizer como o idoso inscreveu-se, mas sabia que existia um projeto Aluno especial que os idosos podiam fazer algumas cadeiras na universidade. Ela aparentava ser calma, não conversava muito em sala de aula e sua expressão foi sempre tranqüila, assim é a nossa AR-1.

## **Em cena...**

AE II-1 está apenas no segundo semestre no projeto, o qual teve conhecimento através dos jornais. Quando interrogado sobre o que era o projeto Aluno Especial II, AEII-1 respondeu:

*- Olha; eu suponho que seja para dar oportunidade àquelas pessoas que, não por não ter tido antes mas, que por algum motivo ou outro deixaram passar a oportunidade. Então deve ser uma oportunidade.*

Suas falas expressam o seu sentimento ou talvez a história de sua vida, onde outros motivos não permitiram que continuasse a estudar ou que conhecesse o mundo do Direito.

*- (...) eu sempre gostei, é um assunto muito envolvente que sempre me chamou a atenção, eu até assisti Ajúris, essas polêmicas que a gente assiste na televisão, através dos jornais... então vai despertando a curiosidade da gente, eu sempre tive aquela curiosidade de me interar mais dos fatos.*

A professora concorda que é uma oportunidade a quem não teve condições de freqüentar as salas de uma universidade, quando interrogada sobre o que é o projeto AE II, suas respostas são incertas:

*-Na verdade o que eu sei é o mínimo, dentro daquela idéia da universidade cumprir um papel social, de estender e possibilitar para as pessoas que já tem uma certa idade, ascender a um curso superior, enfim, mas é mínimo assim, e eu tenho notado de uns anos pra cá, e eu comecei em 97, não era tão recorrente, agora de forma mais intensa eu sempre tenho alunos especiais II, é nessa condição, em sala de aula, com muita freqüência, mas eu não sei ainda assim ó... sempre soube que é quando tinha vaga, mas não sei se há uma reserva de vaga, não sei como isso é tratado, que critérios são utilizados para seleção desses alunos, não sei em que média eles procuram se procuram muito o curso de direito, isso eu não sei essa parte burocrática eu não sei.*

A entrevista com o AE II -1, desenvolveu-se em um ambiente tranqüilo, em frente à piscina do Centro de Educação Física, nesse momento percebemos que usava aparelho auditivo, apesar de repetir as questões, suas falas foram sempre coerentes. Sobre a disciplina, o AE II-1 acrescenta:

*- Olha, valeu a pena. Essa disciplina é muito envolvente porque ela trata de contratos, tem uma série de implicâncias que até a gente pode usar no dia a dia da gente, então isso que me chamou mais a atenção, e a gente vai se esclarecendo, tomado conhecimento, a gente pensava que uma coisa era assim, na realidade não é, perante a lei é bem diferente né, então isso faz com que a gente tome uma compreensão maior.*

A educação toma forma e desenvolve o papel de educar, o idoso reconhece que aprendeu, e humildemente expressa esse aprendizado, a descoberta de um mundo novo. Enquanto sabemos que a educação e o sistema escolar passaram por mudanças radicais ao longo dos anos, AE II -1 conta como foi a sua época de estudante:

*- Completamente diferente, aquelas disciplinas rígidas, uma das coisas que eu estranhei agora, como eles se comportam; claro tudo evoluiu, nos considerávamos os nossos professores uns verdadeiros deuses, pra nós o professor era tudo, nós ficávamos quietinhos ali, ninguém dava um pio, não se conversava, e hoje a gente, a gente nota, é completamente diferente, aquele relacionamento com o professor com o aluno.. até teria que mudar era muito rígida a disciplina naquela época!*

Freire (1996), descreve vários pontos referentes ao educador progressista, sobre o que significa ensinar. Para o autor a prática educativa é afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança, diálogo, respeito, humildade.

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar (p. 159 -160).

A época que fala AE II-1 nos lembra as histórias que os avós contam de seu tempo, e nos trazem arrepios ao ouvir algo como "vara de marmelo", castigo atrás da porta ajoelhados sobre "grãos de milho". Histórias que ouvimos que mais parecem cicatrizes doloridas, e talvez por isso a educação hoje assuma outro gosto, outra importância na vida de muitos idosos.

*- Eu acho que hoje a gente aprende melhor e mais dado aquele entrelaçamento que a gente tem com o professor, vamos dizer*

*aquele diálogo, no meu tempo a gente não perguntava nada para a professora, ele ditava a matéria, botava na pedra naquele tempo, hoje quando eu digo, meu filho diz: Pai, era no teu tempo, agora é quadro pai!!! (Risos....) então era ali, ela passava lá né, e hoje não, hoje a gente tem aquela franqueza né, pergunta o que a gente não entendeu, eu acho a de hoje melhor.*

Falando em liberdade, em diálogo na sala de aula, a educação passa a considerar os aspectos da vida de cada um como processos de aprendizagem compartilhando experiências e vivências, enriquecendo o ensino. Paulo Freire (1996) defende a prática educativa transformadora, onde o educador tem papel fundamental, percebendo que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

*- Assim ó, eu vejo o processo que nós mantivemos na universidade como um processo burocrático, tecnicista ..., tudo aquilo que tu disseste acredito que faz parte do mundo da educação, mas nós aqui no Direito, na verdade nos cursos jurídicos, a gente tem uma dificuldade maior de trabalhar essas questões lúdicas, ou de um processo que seja mais humanizador, um pela nossa própria formação, que ela é deficitária nesse sentido, e enquanto os profissionais das licenciaturas, eles fazem uma interlocução com autores, né, com... pedagogos, enfim, no caso da aula jurídica... nos não temos esse diálogo com outros autores, então isso dificulta um pouco, somado com os problemas de recursos estruturais que muitas vezes nos impossibilitam a utilização e a criação de novos espaços do processo de ensino aprendizagem, então isso são dificultadores que nós enfrentamos (Professora - I).*

Procurando desvendar a educação compartilhada, percebemos as falas dos professores quanto a compreender o processo de educação e quanto ao diálogo e relacionamento das gerações em sala de aula.

*- Bom, antes de entrar, ou logo que eu entrei eu tinha uma expectativa, assim como eu ia ser recebido no meio deles, então eu até temia, como ia ser recebido, mas depois com a continuidade, eu senti que a maneira diferente, eu fui muito bem acolhido eles me aceitaram muito bem, então eu não tenho nada de diferença de discriminação, portanto eu fiquei muito a vontade (AE II- I).*

Aqui percebemos que o velho foi bem recebido, e sua lentidão, dificuldade de raciocínio, surdez, são motivos para que o professor preste mais

atenção as suas aulas, e que alguns colegas aproximem-se para auxiliá-lo com a matéria.

*- Ah!(...) não é minha parente não, o meu diálogo foi o seguinte, claro no meio de um assunto os jovens sempre tem a mentalidade mais aguçada né, eles gravam com mais facilidade, eu disse assim: Olha (...) tu não quer me adotar? Risos. Perguntei e ela sorriu e me adotou, e ela me ajuda muito (AE II).*

A professora da disciplina concorda com a aproximação da AR - 1 e argumenta sobre o processo humanizador que se tornam as relações entre idoso e aluno nas salas do Direito.

*- (...) eu vi isso na semana passada inclusive, uma coisa bem comum, nós trabalhamos das 7:30 ao meio dia naquela atividade da prova e no intervalo, fizemos um intervalo reduzido e eles foram no bar, e a (...) que é a que mais auxilia o Seu (...) normalmente, foi comprar um Nutri, uma barra de cereal e o Seu(...) se antecipou e disse: - Não, eu pago a barra de cereal! que dizer, algo que na época dele não existia, uma barra de cereal, mas então assim ó, e ela disse: - Não Seu (...), não precisa! E Ele: - Mas eu faço questão, hoje a tua barra de cereal é eu que pago! Então assim ó, até a própria apropriação por parte da pessoa mais velha de um hábito de consumo que é dos jovens e que ele ta interado nisso porque ele viu que ela comia sempre a barra de cereal e então hoje ele ia pagar, então, as questões assim por exemplo todos nós passamos a falar de frente para ele, eu às vezes me perco, porque ele usa aparelho, ele tem problema de audição, então todos nós acabávamos tendo que falar quando ele tava nos olhando, porque senão ele não ia ouvir, aprendemos a agir daquela forma, então assim eu acredito, claro que de forma ainda não desejável, eu acho que nós somos ainda preconceituosos, nos vivemos em ilhas, ns temos os nossos grupinhos, e os nossos grupinhos nos bastam, mas eu acho que isso serve de confrontação, só saber que alguém que as 7:30 da manhã tá ali, sem faltar um dia, isso com certeza já serve de estímulo e exemplo para esses acadêmicos.*

AR-1, é a acadêmica que mais se aproxima do AE II. Durante as observações percebemos sua dedicação chegando a pensar que poderia ter algum parentesco ou algo especial.

*- Não, não tem, é porque ele é meu colega como os outros também, então....*

*Eu particularmente, eu tenho um contato bastante grande porque eu ajudo ele em certos aspectos, como procurando livros e alguma coisa mais, mas a maioria da turma fica avessa à presença do velho em aula.*

Quanto à participação do AE II, a sua contribuição no diálogo, a AR-1 observa um aspecto natural e importante:

*-Sim, ele muitas vezes ele dá sua contribuição, mas o problema que tá acontecendo é que como ele é o único idoso, ele acaba ficando mais retraído e fica mais na dele, então ele consegue passar a experiência se a gente mantiver um contato mais próximo com ele, não na sala de aula (Aluna regular).*

E concorda que o velho pode contribuir, apoiando o Projeto Aluno Especial II.

*- Com certeza, porque além de proporcionar a ele que estude, que tenha uma ambiente de faculdade, propicia aos outros alunos as experiências dele.*

*Como eu já falei, ele não tem só aquele ensino que a gente tem em sala de aula, ele tem experiências de vida muito melhores que a nossa, então com isso aí ele pode contribuir, pode contribuir com a nossa aprendizagem, talvez até mais do que a gente espera.*

A opinião da professora quanto à presença do velho e sua contribuição, levanta novamente a questão da experiência, a sabedoria dos mais velhos, e como afirma Both (1999), a personalidade dos seres humanos precisa de experiências próximas, ninguém se constrói apelando só para o mundo das idéias construídas em referências abstratas e desenraizadas.

*- Olha, eu acho que é humanizador, né a gente sabe das dificuldades deles, as dificuldade do próprio jovem e as dificuldades do professor, nesse processo, porque ele via de regra, passou muito tempo sem estudar ou não estudou em um ritmo de curso superior. Ele não tem, muitos deles, não dá pra generalizar, mas muitos deles não tem o mesmo pique, eles necessitam de um acompanhamento diferenciado assim, indicando uma leitura, as vezes falando a mesma coisa várias vezes, mas normalmente assim ó, eles fazem intervenções que são intervenções qualificadas porque eles trazem todo o seu exemplo de vida, coisas que eles já passaram, se eu falar para um jovem sobre um contrato de locação talvez ele nunca tenha sido locatário ou locador, mas se eu falar isso para uma pessoa de mais idade pode ser que a vida inteira dela ela tenha figurado como locatário,*

*então ela vai ter além do aspecto de teoria de fundo de base que eu to falando, e que todos vão ter acesso, ele reúne a experiência prática dele nesse aspecto, então assim quando eles conseguem se soltar se sentir integrado, que nem sempre acontece, eles acabam trazendo uma contribuição bastante rica.*

Professora 1, salienta também o aspecto humanizador do projeto, o significado que o velho pode trazer para a sala de aula, o despertar da solidariedade nos alunos:

*- (...) e tem um aspecto assim da solidariedade, que não acontece também em todas as turmas, porque o jovem normalmente é voltado para o seu próprio umbigo e se estabelece uma questão de competitividade entre eles. Essa turma que tu estás acompanhando, é uma turma assim ó, que eu constatei ali e eu passei a inclusive conhecer e a ver com outros olhos alguns alunos que embora eu tivesse trabalhando quase um ano todo com eles, esse ano eu fiquei o ano todo com eles, eu comecei a ver com outros olhos a partir do momento que eu via a forma como tratavam o Seu (AE II-1), sabe assim, de ir mostrar coisas, de levar na biblioteca, de levar no xerox, de emprestar livro, de ensinar como se faz as coisas, então assim a questão humanizadora que isso tem, porque nós não podemos pensar na pessoa de mais idade, bom ele cumpriu mais uma etapa agora ela ta descartada, nós não somos descartáveis, né e especialmente o operador jurídico que ele vai trabalhar ou julgando causas de pessoas que também tem idade avançada, ou advogando para essas pessoas, então a dimensão humana, eu acho que no direito a gente perde muito essa dimensão, a dimensão humana, bom ele é um ser humano tá ali, tem uma contribuição riquíssima de vida, né, então ao invés de discriminá-lo vamos aprender com ele, e alguns ali nessa turma fazem isso muito bem, então eu acho que trouxe um viés humanizador, apesar de todas as dificuldades do processo.*

*Na segunda observação, cheguei cedo e qual minha surpresa ao encontrar na sala um grupo de rapazes e o AE II-1 conversando animadamente, tentei me afastar e ficar observando mas fui logo abordada pelo Aluno Especial II, pois ele desejava saber se iria entrevistá-lo, conversamos e logo a professora chega com mais alguns alunos, aos poucos a sala vai se enchendo, todos falam e riem ao mesmo tempo. A professora faz comentários sobre as provas, sobre as próximas aulas brinca com os alunos, AE II-1 observa.*

*Eis que a professora resolve me apresentar e explicar minha presença na sala de aula. Foi uma enxurrada de perguntas, calmamente tentei responder uma a uma sem dar muitos detalhes, mas percebi que minha observação estava comprometida. AE II-1 parecia assustado, chegou a me perguntar se na entrevista teriam questões sobre a condição financeira!*

*A professora espera um aparelho para apresentar um trabalho enquanto isso alunos movimentam-se na sala. A aluna da aula passada levanta-se e vai até AE II-1, pega um livro e mostra algo folheia o livro, a aluna explica pega o seu caderno, mostra: - É o que ela vai dar agora! AE II-1 pega o caderno e sai da sala. O comportamento da acadêmica é estranho, o faz com tanta dedicação enquanto nenhum outro aluno dirige-se para o AL II.*

*8:15- aula ainda não iniciou. AL II retorna com cópias nas mãos, entrega o caderno e agradece, senta-se, mas a acadêmica dirige-se novamente a ele, abaixa-se perto da classe e explica a matéria, AL II faz anotações.*

*8:40- Chegou o aparelho, inicia então a aula, acalma-se o burburinho. Só a professora fala. Algumas trocas de olhares, cochichos, risos... então aparece na porta um senhor de cabelos brancos, muito bem vestido. Risos e olhares. Ouço um murmúrio ao meu lado: - Véio! Tenho nojo desse veio! Porém não entendi algumas outras palavras, tive a impressão que ele queria que eu ouvisse, pois sabia que minha pesquisa era com o Aluno Especial II.*

*9:30- Intervalo*

*O mesmo aluno durante o intervalo abordou-me: - Precisa conhecer o seu “R...”! Esse é o cara! O tom era irônico e mais dois alunos riam-se muito.*

*Percebi que falavam do sorridente senhor que aparecera na porta, não podia definir os sentimentos. As perguntas que fiz não me trouxeram respostas claras, mas confesso que senti um arrepio, e queria voltar lá um dia para entrevistar esse senhor.*

*Concluída a segunda observação marcamos a entrevista com AE II-1, a qual já estamos descrevendo neste tópico, a entrevista foi realizada com a professora e uma aluna, procuramos entrevistar a aluna que auxiliou durante a aula o AL II, a mesma ofereceu-se para a entrevista.*

As entrevistas já descritas anteriormente foram todas concedidas por seus autores e nos dão uma dimensão mais clara deste cenário, e para encerrar, apresento os comentários e sugestões para o Projeto.

*-Pelo que eu tenho visto assim, Ele não é o único aluno eu acho que está sendo bem encaminhado, porque da mesma forma a gente não pode excluir os idosos da sala de aula como também a gente não pode trazer todos porque eles tem suas rotinas de vida (Aluna Regular-1).*

*- É eu acredito que precisaria assim ó uma, talvez uma divulgação ou até uma sensibilização, e acho que as duas coisas vem juntas, né porque, porque...o próprio acadêmico ele não tem muita idéia, do que aquela pessoa ta fazendo ali, ele não sabe, aquele contexto quais são os critérios, o que ele pode tirar de bom daquela relação, que troca pode ser feita. Então acho que se houvesse alguma coisa nesse sentido, até pra que outras pessoas também soubessem, bom aí a gente poderia pensar: aí vai gerar uma demanda enorme; mas, pode até ser, especialmente pra quem trabalha com o acadêmico nessa condição especial II, e para a comunidade os acadêmicos que estão ali, eu acho que era importante sensibilizar. (...) eu achei bem importante o viés social da tua pesquisa, eu achei importante, acho que tu tem que procurar publicar depois esses resultados, porque normalmente a gente tá muito robotizado, então esse aspecto humano assim é importante, especialmente porque eles vivem num tempo diferente né, eles vivem num tempo diferente do nosso, quem sabe a gente não possa se impregnar um pouquinho desse tempo deles e ganhar um pouco mais em lentidão no sentido bom da palavra, porque hoje a gente atropela tudo a gente não tem tempo pra nada, e eles vem falar com a gente com um tempo..., com uma perspectiva, uma calma....eles não atropelam... eles ficam horas às vezes para poder serem atendidos, então quem sabe a gente se humanizar um pouco com isso, seria isso (Professora-1).*

A professora salientou o aspecto humanizador do projeto, e acrescenta o tempo dos mais velhos, a lentidão como algo positivo, diante de uma sociedade onde o tempo relaciona-se com dinheiro e progresso pessoal, onde tudo segue a escravidão do relógio, parece que para o idoso, o relógio não assume mais uma importância primordial em suas vidas, serve apenas como referência.

## **2º CENÁRIO CAL**

**Centro de Artes e Letras - Curso de Música  
Disciplina de Educação o musical na Infância**

### **Observação :**

*O mundo se agita! Do Terceiro andar ouço uma batucada de Daniela Mércuri, parece ser a música Pérola Negra.*

*Agora parece um tango, que soa atrás de mim. Os corredores vazios, alguns poucos transeuntes, mas a impressão é que atrás das portas as salas estão cheias de pessoas e são como caixas surpresa que a qualquer momento abrir-se-ão em som, luz e cor. Com certeza esse foi o centro que mais me impressionou pela vida nos corredores, pelos detalhes, pelos objetos estranhos, pelo colorido desse prédio antigo.*

*Fui até a coordenação encontrei o professor e conversei com ele, apresentei-me, falei da finalidade do trabalho, marquei a entrevista e fomos para a sala.*

*Mais espetacular que os corredores é a sala, pequena, e lotada, cheia de cartazes, as paredes possuem um revestimento com furinhos, acho que é algo isolante, não sei bem o que é, o quadro possui as partituras de uma música. Acomodados nos cantos da sala um enorme piano velho que ocupa metade da pequena sala, um teclado, caixas de som, amplificadores um armário e algumas cadeiras, não mais que 20. Na parede ainda, Che Guevara, frases de Paulo Freire, cartazes do Greenpeace, Tim Maia....*

*Os alunos sentam-se em volta da mesa do professor, fica um aglomerado de cadeiras com seus instrumentos acomodados ao lado, muito próximos ao professor. Meu Aluno Especial II, nem parece um idoso, apesar de seus cabelos brancos contrastando com sua pele morena, é um homem robusto, com voz rouca e forte, sorrindo gesticulando, cantarolando e dialogando com o professor. Os assuntos são os mais variados possíveis, semana acadêmicos, situação financeira do centro, política... até chegar ao tema da aula, fazer uma música pra crianças, e o professor salienta em*

*suas explicações: - Música e movimento não andam separados! E dirige-se a mim: - Aproveitando, apresento a vocês uma colega da Educação Física que está conosco hoje!*

*Assovios, batidas dos pés no chão, dedilhando um violão... assim os alunos estudam para a tarefa, sem contar que quase todos, inclusive o AE II carregam garrafas d'água e tomam constantemente durante a aula.*

*Os alunos apesar da espontaneidade e alegria que demonstravam, opinavam com seriedade nos assuntos e pareciam ter total domínio sobre o seu instrumento musical. Ambiente agradável, povo hospitaleiro, AL II totalmente integrado com a turma, me senti muito bem !*

## **Os personagens...**

### **Aluno Regular-2**

É um acadêmico do quarto semestre de Música, aparenta ser muito simples e muito simpático. Com seus 25 anos é muito educado e aparenta características, "jeito" de menino. Sentamos na escada perto da sala, antes da aula, interrompidos por alguns colegas que passavam e cumprimentavam, conseguimos fazer a entrevista de forma bem agradável, antes da segunda observação.

### **AL II-2**

Pele morena e cabelo muito branco, fumante, 58 anos, tem um jeito "bonachão", com sua voz grave, ou rouca, está sempre cantarolando e nos intervalos se alguém toca, sai a dançar pela sala, em passos pequenos entre as cadeiras. Totalmente integrado com a turma, conversa animadamente opinando sobre todos os assuntos, calmamente. Não tem curso superior, somente concluiu o ensino médio, Oficial da Reserva aposentado, atualmente cantor e compositor.

## Professor-2

Tem um sotaque ao falar que não se consegue definir, também usa aparelho dentário, talvez por isso o sotaque. É uma pessoa calma e brinca muito em sala de aula, parece um acadêmico qualquer no diálogo que desenvolve com os alunos. Alguns cabelos brancos aparecem demonstrando seus 53 anos, Formado em Educação Artística Licenciatura Plena, Especialista em Educação musical e Mestrado em Educação.

*Na segunda observação vou direto a sala de aula, encontro alguns alunos sentados no chão, discutindo sobre o trabalho: uma música para crianças. Aproveitei o momento e me aproximei, pedi para algum voluntário conceder-me a entrevista no final da aula. Um rapaz ofereceu-se e marcamos.*

*Logo o professor chegou, entramos na sala. Comentários sobre a semana que passou, faz chamada, o AE II, está incluído no final. O professor então dirige a apresentação dos trabalhos, na mesma sala pequena, estou ao lado do AE II-2, estamos todos sentados em meia lua, próximos ao professor, posso ver o caderno do AE II-2, muito organizado e lotado de anotações.*

*O relacionamento entre os Alunos Regulares e o Aluno Especial II, bem como ambos com o professor, e muito harmonioso, o AE II-2, opina sempre, conversa, o professor pede sua opinião.*

*O professor comenta sobre a avaliação e salienta que o aluno não deve “passar em branco”. Prefere um aluno que se movimente, que seja necessário chamar a atenção, do que um aluno inerte. - **Ser ator, comunicador, ter expressão corporal, enfim, este será professor!***

*Um aluno toca o piano da sala, brincando com os dedos nas teclas, enquanto o professor faz a chamada. Após o professor orienta para as apresentações do trabalho.*

*Duas acadêmicas levantam-se uma vai ao quadro escreve a letra da música, baseada no livro Concerto para corpo e alma de Rubem Alves. As meninas contam a história explicando como seria a aula para as crianças, uma delas pega seu instrumento musical, um violino, e começa a tocar enquanto a outra canta seguindo a letra do quadro.*

*Toda a turma canta. É de arrepiar!*

*Detectando um problema, o professor faz uma comparação com uma música do Teixeira, mas não consegue lembrar da letra, então dirige-se para o AE II-2, pedindo ajuda. Prontamente um vozeirão surge na sala, os alunos regulares cantam junto. Discutem então sobre a música. O professor coloca alguns CDs infantis como exemplo, observo que os pés se movem, no ritmo da música. Um aluno faz menção do uso de materiais alternativos para a construção de músicas infantis, o professor apóia, relembra fatos. E assim segue até o final da aula, alunos e professor envolvidos por assuntos musicais, erros e acertos, tonalidades, letras erradas...*

*Termina a aula 11:53, dirijo-me ao AE II e agendo a entrevista, o professor pede uma cópia do trabalho final.*

### **Em Cena...**

Ao ser questionado sobre o seu relacionamento com o AE II-2, em sala de aula, o Aluno Regular, responde:

*- Ah, normal um colega como qualquer outro, assim a gente se relaciona bem... é bem legal... Conseguimos conversar, normal, normal, como se tivesse a minha idade assim, normal...*

O Aluno Regular -2, diz que a contribuição dos mais velhos está na experiência de vida:

*- (..) as pessoas idosas tem muita estrada, digamos assim, de certa forma eles vão ter muito para passar, pra tirar como experiência pra tua vida pessoal, pra tua própria vida acadêmica, eu acho isso importante.*

É interessante conhecer o que cada jovem argumenta e pensa sobre o envelhecimento, sobre o seu envelhecimento. De acordo com suas respostas podemos entender o que pensa parte da sociedade e como também detectar formas de preconceito a partir do que pensa sobre a velhice e sobre onde deve ser o lugar dos velhos.

*- Bom, é, uma prova pra ser bem sincero, porque só de pensar no fato que vou envelhecer e morrer é uma coisa que quem não parou pra pensar é estranho né, mas envelhecer é uma coisa que*

*a gente tem que estar preparado, tanto fisicamente como mentalmente, né, as duas formas tem que ser exercitadas, com leituras, com exercícios, cuidando da saúde com bons hábitos e eu acho que tem que ser uma constante na vida desde sempre, desde a juventude, até o fim dos tempos, assim o cara ter uma vida sadia e poder aproveitar ela em todos os sentidos.*

*Inserido na sociedade, eu acho que tem que estar no contexto porque é importante, como eu falei esse contato assim eles têm muito a ensinar, por exemplo eu adoro ouvir, conversar ser atendido por pessoas mais idosas, eles tem mais paciência, sabem de muitas coisas, assim isso é muito legal.*

Em um mundo a “mil por hora”, novamente um jovem fala da calma e paciência das pessoas mais velhas, o que para muitos é um incomôdo a espera e a lentidão, para esse jovem significa virtude nas pessoas mais velhas.

Sobre o relacionamento, o AE II-2, expõe claramente suas falas, mostrando o perfeito diálogo que se estabelece, demonstra esforço em participar.

*- Ah! Muito bem! Graças a Deus me considero muito bem relacionado com meus colegas, eles sendo todos jovens podendo ser meus filhos, a gente tem um perfeito entrosamento e eu procuro também é... me adaptar com eles, haja vista essa diferença de faixa etária e de conhecimento até porque eu sou oficial da reserva, então eu procuro “desaparecer” tudo isso para me enturmar com eles. Conversamos vários assuntos de cunho particular de cunho social, esse entrosamento é muito interessante.*

A educação que se compartilha satisfaz aos desejos do AE II, que busca qualificação profissional aos 58 anos.

*- Eu escolhi essa disciplina porque eu já sou músico profissional a mais de 30 anos, e tô querendo me especializar me qualificar melhor. Eu sou cantor e violonista, e realmente está atendendo às minhas expectativas, principalmente na parte mais de técnica que eu quero aperfeiçoar muito mesmo, na licenciatura plena eu penso que eu não vou nunca exercer essa função, é pra aproveitar essa parte de qualificação técnica, tanto para o canto quanto para o instrumento.*

Percebemos que a família incentiva AE II-2, e o processo de educação avança seus limites.

*- Fui totalmente incentivado, pela minha filha minha esposa meus filhos, ficaram muito felizes de eu retornar a estudar e são meus incentivadores nº 1.*

Pensamos o projeto como um processo que se desenrola pautado pela educação, experiências de vidas impregnadas de cultura e saber, e nesse processo o professor tem papel fundamental na construção de diálogos, na liberdade das expressões e manifestações corporais, é necessário que o professor entenda o que se processa nesse encontro de gerações em sala de aula.

Professor- 2 conta suas experiências :

*- As experiências que eu tenho tido, todas elas... tem sido ótimas experiências com o aluno idosos. Em sala de aula, a primeira experiência que eu tive faz alguns anos, muitos anos atrás eu recebi um ex-colega meu, músico, que veio para fazer uma disciplina, e isso foi muito bom porque ele estabeleceu um vasto relacionamento com os outros colegas, todos jovens, como tu dissestes anteriormente e foi uma coisa muito gratificante para mim, para turma e logicamente pra ele também, e ele nos ensinou muito, isso que eu acho que é importante, a oportunidade que nós temos com esse projeto de ter contato com pessoas que têm uma outra experiência de uma outra posição, digamos na pirâmide social, e, com uma outra idade, então observa de forma diferente do que um jovem e de que nos mesmos que estamos aqui dentro do ambiente acadêmico.*

E o professor fala ainda, sobre a educação que pensa para o projeto e para a vida.

*- (...) eu acredito que se não houver uma educação dialógica não há educação, o que há é simplesmente uma instrução um adestramento do aluno em certas habilidades que ele vai desenvolver dentro da sala de aula. A questão de fugir do tema central, objetivo da aula, eu não acredito que a gente fuja e sim pode ser que a turma toda, o conjunto de indivíduos que está inserido naquele momento naquele espaço pedagógico opte por seguir outro caminho mas todas essas experiências, todas essas discussões... se a gente tem que discutir sobre o jogo de futebol que aconteceu ontem, se nos temos que discutir sobre um problema, um crime que aconteceu no nosso meio, se nos temos*

*que discutir sobre a própria educação, eu acho que tudo isso é válido, e nós temos discutido muito, sobre a nossa educação, a nossa própria posição. Eu sempre estou frisando para os alunos que nos somos uma elite porque ser hoje um estudante e um professor universitário é pertencer a um pequeno grupo dentro de toda a sociedade, mas nós ao mesmo tempo temos que ser conscientes, e não somente ficar na tomada de consciência de que nós pertencemos a essa mesma comunidade, então nós devemos a ela um retorno e esse é o nosso papel de educador.*

E a relação com o AL II:

*- A aula é especificamente educação musical na infância, então esse aluno nosso, ele traz a sua experiência. Ele fala dos seus filhos, ele fala das suas experiências anteriores e serve até para nós, como motivo e como causa de um diálogo que se faz muito mais extenso sobre bases mais reais (Professor-2).*

As sugestões são sempre um olhar sobre o que vem acontecendo e nada melhor que quem convive com a realidade do projeto, quem coordena um curso e ainda é professor com um idoso em sala de aula. Professor-2 apresenta sua sugestão.

*- É eu acho que uma das coisas que o projeto deveria tentar, eu acho que cada vez mais se faz premente a essa situação, tentar esclarecer mais aos professores de todos os cursos o que é o Projeto Aluno Especial, porque se tenta a inclusão desses idosos dentro dessa conformação acadêmica que nos possuímos, eu acho que todo e qualquer esclarecimento, é bem vindo. Nós temos indo e vindo uma série de professores, então os professores muitas vezes são desavisados e questionam, como me colocam um aluno dentro de sala de aula? Ah, mas ele não tá fazendo regularmente? como é que é isso aí? então eu acho que a cada início de ano deveria se fazer assim uma incursão nesse sentido em todos os cursos, para tentar explicar para o pessoal, eu sei que não é fácil isso aí, a nossa universidade é bem grande né, tentando um pouco alavancar e sedimentar aquilo que os coordenadores, que os professores um pouco mais antigos fazem, de explicar, de tentar explicar para os colegas mais jovens, porque às vezes a gente fala e não é bem entendido. No nosso curso especialmente, Marivana, nós temos algumas dificuldades básicas, porque de repente, ele, aluno do projeto pretende se matricular em aulas que são individuais, então aí nos chocamos com a questão que é disponibilidade de horários dos professores, então esse é bem mais difícil, sempre tentamos encaixá-los dentro de aulas de grupo, né, pequenos ou grandes ou médios grupos*

*mas que sejam aulas coletivas, que eu penso que aí se cumpre melhor o papel deles e o nosso também.*

De acordo com o Relatório do Projeto de 1999:

Conforme proposta, a Universidade Federal de Santa Maria deve oferecer um número de vagas por disciplina, colocadas à disposição pelos professores titulares das mesmas, em quantidade especificada pelo professor e seu departamento, aos idosos inscritos no projeto “Voltando a Estudar”(Dez, 1999, p. 01)

Já, o Artº 3º, da resolução nº 0011/92, que versa sobre a regulamentação da matrícula do Aluno Especial II, nos diz:

Salvo justificativas apresentadas pelos colegiados de Cursos à Pró-Reitoria de Graduação, todo o saldo de vagas em disciplinas, estarão à disposição do Aluno Especial II, junto às coordenações de Curso, que prestarão orientação à inscrição.

Considerando esses aspectos e a fala do professor, parece-nos mais sensato que as coordenações juntamente com os professores, conhecedores de suas disciplinas, apresentem os números de vaga, para o Aluno Especial II, de acordo com as características de cada disciplina, e proporcionem as justificativas formalmente para a não inclusão do Aluno Especial II em determinadas disciplinas.

# 3º CENÁRIO CCS

Centro de Ciências da Saúde - Curso de Enfermagem  
Disciplina de Primeiros socorros

## **Observação:**

*O CCS encontra-se atrás do hospital, é um prédio claro com uma parede quase totalmente de vidro em todos os andares, muito movimentado pessoas entrando e saindo, na entrada um lindo pinheiro de Natal decorado com mensagens. O elevador, estava em pleno funcionamento e para chegar à coordenação do curso tive que ficar na fila do elevador, já que esta se localizava no 4º andar.*

*Lá chegando, fui bem atendida, a funcionária da coordenação recebeu-me muito bem e apesar do número de pessoas buscando informações, deu-me atenção durante todo o tempo, mostrou-se solícita ligando para a professora da disciplina, permitindo-me falar com ela, e constatar que alunos e professores da enfermagem estavam na Semana Acadêmica, participando de palestras e cursos, e por isso não haveria aula naquele dia. Isso reduziu ainda mais minhas chances de observar as aulas com a presença do AE II, pois já era dezembro e as aulas estavam acabando em muitos cursos. Marquei então uma observação por telefone e, de acordo com a informação, era a última aula da turma. Agendei com a professora e então retornei no dia da aula, na semana seguinte.*

*No dia da observação encontrei os acadêmicos do lado de fora da sala, era dia de prova, prova final, as AE II, duas senhoras idosas, não viriam naquele dia. Uma turma animada, a maioria mulheres, algumas de outros cursos como alunos da Educação Física os quais reconheci.*

*A professora, muito simpática, mais parecia uma acadêmica, após conversarmos e descobri que era professora substituta, recém formada, por isso sua semelhança com as acadêmicas. Conversei explicando a pesquisa e aguardei ao lado de fora para fazer as entrevistas. A observação não aconteceu porque não tinha sentido*

*assistir uma avaliação, onde as cadeiras foram organizadas em fileiras, para que não houvesse nem um tipo de diálogo ou relação entre os alunos, e nesse dia as idosas não apareceram. De acordo com o projeto, o AE II não faz avaliação.*

## **Os personagens...**

### **Aluno Regular - 3**

Tem 20 anos e está no quarto semestre de enfermagem, é uma menina simpática e sorridente muito prestativa, fala baixo e com calma. A entrevista aconteceu em um dos bancos próximos a sala de aula, distante das colegas que “tagarelavam” enquanto aguardavam a chegada da professora para aplicação da prova. Ao perguntar ao grupo quem gostaria de gravar entrevista, AR-3 se ofereceu.

### **Professor-3**

Professora-3, com pouca diferença de idade da acadêmica, 21 anos, Enfermeira, professora substituta há 5 meses na disciplina de Primeiros Socorros. Demonstra seriedade e competência em seu trabalho, a entrevista foi realizada após a prova, na sala de aula.

As AL II, não puderam ser entrevistadas pois não estavam presentes, segundo a professora eram três idosas sendo que uma desistiu. Como aquele era o dia da prova e sem a presença das AE II, não fizemos observações, somente as entrevistas.

## **Em cena...**

A professora apresenta dois aspectos: o conhecimento do projeto através do diálogo enquanto colega dos idosos, quando aluna, e um problema não menos importante no projeto, que é a desistência por parte dos idosos, após a matrícula.

*- Eu tive contato com ele desde aluna, né que algumas disciplinas que eu fiz tinham alguns idosos , e eles mesmos contavam pra nós que eles vinham pra universidade, sem fazer vestibular, pra fazer algumas disciplinas que eles tinham interesse. Eles falavam em fazer primeiros socorros, algumas coisas assim, as fitoterapias da vida né, e algumas coisas com plantas eles falavam bastante, esse é o meu conhecimento do projeto.*

*Na minha disciplina foi muito bom, né assim apesar de eu não ter visto , eu não sei assim se é uma disciplina que é uma ACG então são duas horas semanais então fica muito distante eles não conseguiram se integrar né , dois vieram umas três aulas e pararam e uma veio até o final, mas faltou algumas aulas, então eu senti que elas não conseguiram se integrar, mas quando eles tavam em sala, foi muito rico porque como em primeiros socorros assim a gente tem muitos conhecimentos leigos, e alguns conhecimentos que eles tem, eles trouxeram algumas coisas bem ricas, então a gente trabalhou em cima do conhecimento deles, alguns corretos outros não, então a gente sempre trabalhou isso, e não é que por eles tinham conhecimentos errados, né conhecimentos que eu digo de tratamento assim, por exemplo uma determinada situação que tem que prestar um primeiro socorros , é alguma coisa que não só os idosos tem essa idéia, os jovens também tem, e claro que os idosos trouxeram mais, por exemplo, a pomadinha na ferida, então alguma carga eles trouxeram e foi muito bom porque a gente pode trabalhar em cima daquele conhecimento que eles tinham, várias vezes aconteceu isso (Professora-3).*

*- As idosas que tiveram esse ano elas eram mais quietinhas, elas não conversavam muito, se a gente ia fazer trabalho em grupo elas ficavam quietinhas do lado, não respondiam muito, na parte de prática elas não... porque elas diziam que tinham vergonha de fazer a prática conosco mas no semestre passado elas eram mais de conversar com nós, teve um dia que uma delas ficou conversando aqui comigo, falando sobre novela não sei o que, mas as outras vezes não, elas tinham vergonha não sei.... não conversavam muito mas eram bem queridas (AR- 3).*

Às vezes, o diálogo não acontece quando o idoso se retrai. Nesse momento, o professor tem o papel fundamental de estimular a participação do aluno, seja ele idoso ou não, para que o processo de educação não fique só na busca de conhecimento técnico mas também na formação de cada um .

Para que se possa partilhar educação, é preciso diálogo, é preciso que as experiências sejam contadas e compreendidas.

*- (...) a experiência de vida dele é bem maior que a nossa. A gente pode aprender muita coisa aqui na teoria, mas o senso comum o conhecimento de cada dia, é eles que vão trazer pra nós. Eu acho que talvez eles não tenham uma formação em enfermagem como nós mas, o conhecimento do dia a dia deles.... até nós tínhamos uma colega que era auxiliar de enfermagem, meu deus ela sabia um horror, sabe ela contava coisas do dia a dia pra nós, no semestre passado, achei bem interessante (AR- 3).*

Para a Aluna Regular- 3, envelhecer também é adquirir experiência:

*- No sentido de saúde, tu vai perdendo tua saúde, não é uma coisa boa assim, mas no sentido que tu vai adquirindo conhecimento tu vai, tendo experiência de vida, eu não acho uma coisa ruim eu acho uma coisa boa sabe eu quero ficar bem velhinha, tem gente que quer chegar a uma certa idade e morrer eu não quero, eu acho que são pessoas que merecem as mesmas coisas e prioridades que nós sabe.*

AR-3 ainda acrescenta que, lugar de velho é na universidade, nos bailes e festas, até trabalhando se desejarem, e não concorda que fiquem em casa ou trancados em asilos.

A professora diz que existe diálogo e abertura, que as aulas são dinâmicas e participativas, e que a contribuição dos alunos na disciplina é muito importante.

*- Aqui a gente tenta relacionar tudo, então às vezes eles tão te contando um acontecimento que teve, que eles atuaram ou que viram, né e aquilo vai desencadeando pra outras coisas e a gente vai conversando e vai ..., eu acho que tudo acrescenta pode não acrescentar pro meu atendimento mas pode me acrescentar pra vida, para outra disciplina, então acontece muitas vezes a gente estar conversando sobre determinados assuntos e vai e vai e a gente olha pro relógio né vamos voltar, né onde eu parei? Eu sempre proporcionei isso pra eles, é muito interessante que essa turma tinha muito disso, eles trazem muitas vivências, ai uma vez eu vi atendendo assim! tá certo tá errado? Isso enriquece a aula, não fica aquela coisa do giz, da transparência, aqui no curso a gente tem esse diferencial, de metodologia, a gente é de sentar fazer um grupo debater, trazer música, trazer cartaz, trazer revista então tentamos ir sempre para o diferente pra não ficar, decora a ordem disso, daquilo(...) (Professora-3).*

A acadêmica apresenta um olhar diante da sua realidade, os seus avós, constatando que nem tudo são flores, pois existem idosos que “aposentaram-se da vida”:

*- Eu acho bom, porque tipo, eu considero como a minha vó, lá na minha casa eles param de estudar, e parece que não evoluem ficam parados, sabe com as mesmas idéias, e assim não, parece que eles estão evoluindo, não ficam parados no tempo, faz bem isso pra eles, pensar e não ficar só em casa né. Pensando em doença e coisa ...*

Ainda a professora acrescenta uma sugestão: ampliar o trabalho da Educação Física, visto como modelo no sentido de relacionamento

*- Eu acho que é muito interessante a relação que vocês lá na Educação Física, tem com eles, a minha sugestão seria de ampliar a coisa,(...). É interessante o trabalho que vocês tem lá com eles, né de tentar transpor aqui pra gente, porque enfermagem tem tudo a ver com isso, porque a gente tem muito aquela coisa que enfermagem, medicina só lidam com doença, mas a gente tenta mudar isso no curso e isso é saúde mental né, não saúde física só, é saúde mental, mesmo deles, seria legal ampliar a coisa.*

O Centro de Educação Física é visto como referência no trabalho com idosos, e percebe-se uma necessidade nos outros cursos de uma maior divulgação dessa “fórmula secreta “ de como trabalhar com o idoso.

# 4º CENÁRIO CCR

**Centro de Ciências Rurais - Curso de Medicina Veterinária**

**Disciplina de Ornitopatologia**

## Os Personagens...

*- Pelo que eu entendi, o Projeto AL II, é fazer com que as pessoas como no meu caso, se aproximem mais da universidade e possam levar conhecimento no seu trabalho no dia-a-dia e se sintam mais valorizado, que é o que eu tô me sentindo, mais valorizado e aproveitando os conhecimentos que eu tenho aqui, em uma oficina de trabalho que eu tenho fora, ou seja num aviário que eu tenho fora, eu aproveito os conhecimentos daqui, isso pra mim tem enriquecido muito o meu conhecimento e me dá a oportunidade de eu melhorar o meu trabalho (AL II-4).*

### **AL II-4**

Com poucos cabelos brancos, pele queimada pelo sol, jeito calmo e tranqüilo, 56 anos. Cabeleireiro aposentado, AL II-4 possui um aviário em uma chácara. Respondeu calmamente às questões e demonstrou-se muito grato à Universidade pela oportunidade de freqüentar as aulas. Ele participa do projeto somente a um semestre.

### **Professora-4**

Tem 46 anos, 20 anos de magistério superior, com formação em Medicina Veterinária. Muito simpática, disponibilizou sua sala para qualquer eventualidade nas entrevistas, foi solícita e atenciosa. Durante as aulas, brincou com os alunos, conversou sobre outros assuntos, e disponibilizou, o laboratório onde trabalha.

*- Eu acompanho o Projeto desde a criação. Achei muito interessante quando eu vi que, quando várias pessoas souberam, participaram do projeto, e esse é o primeiro semestre que eu tenho um aluno do projeto aluno especial II, e a gente sempre vê que é uma pessoa com bastante interesse por aquela área que a pessoa escolhe. Já observei isso em outras disciplinas que eu*

*acompanhei não como professora responsável, e é um aluno que na maioria das vezes contribui e aprende também (Professora-4).*

#### **Aluna regular-4**

AR-4 tem 23 anos, 10º semestre de Medicina Veterinária. Não há muito o que falar da acadêmica, sua entrevista foi solicitada enquanto saia da sala, mas durante as observações pela turma ser grande, a sala enorme e os alunos ficarem dispersos, não foi possível notá-la, nem avaliar suas características, detalhadamente.

*- (...) eu não tenho muito conhecimento, o que tu me falou é mais ou menos o que eu sabia, que são pessoas que..., eu já tive outro aluno especial, outro colega na de suinocultura também ele era um senhor bem idoso, ele tava ali pra aprender, ele era um aluno especial mesmo como tu dizia, mas eu não tenho muito conhecimento assim...*

#### **Em Cena...**

As falas dos entrevistados apontam para uma melhor divulgação do projeto quanto a seus aspectos técnicos e quanto a pesquisas que mostrem a importância, do projeto, para a vida dos idosos.

*- Eu não tive contato nenhum assim, eu só... A gente era só colega de aula, assim ... conversar a gente nunca conversou, mas não que seja alguma coisa assim de não querer chegar perto da pessoa mas é que a gente nunca teve contato mesmo(AR-4).*

A acadêmica, fala francamente da realidade de muitos jovens que convivem com os idosos em sala de aula. Durante as observações nos centros, o relacionamento entre as gerações nunca foi unânime, existem afinidades como nas relações sociais. Encarando isso como um processo natural pode-se obter outras formas de partilhar educação, como a experiência de vida passada às gerações mais novas.

*- Eu acho que sim, eu acho que eles vem aqui trazer a experiência deles pra nós, esse outro meu colega de suinocultura, ele era criador, então ele contava suas experiências. Eu acho que aquilo ali acrescentava bastante pra gente (AR-4).*

A forma de olhar o envelhecimento mostra maturidade e um olhar voltado para a sabedoria e conhecimento dos mais velhos.

*- Olha, eu acho que é o passar do tempo, a gente adquirir experiência, a gente ter vivido certas coisas, eu acho que isso é envelhecer.*

*Eu acho que envelhecer é um processo positivo. A gente sempre ganha, a gente tá vivendo. E não é porque a gente é jovem que a gente tem certas vantagens, eu acho que a pessoa que já viveu já sabe bem mais, tem muito mais coisas para contar pra gente (AR-4).*

Escolher o novo, e também valorizar a experiência e a sabedoria, produtos do conhecimento e do trabalho, que sempre estiveram presentes na história do homem. Quando o jovem tiver consciência dessa possibilidade, não mais discriminará e nem dará valor somente ao “novo”, a tecnologia, a rapidez dos eletrônicos.

*- É eu acho que prova assim a força de vontade que eles tem porque, uma pessoa que já terminou de estudar tá aqui justamente pra aprender mais alguma coisa. As vezes eles não têm tempo pra fazer outra coisa, mas eles estão dedicando o pouquinho que eles tem pra aprender mais, né (AR-4).*

A professora, destaca as relações sociais :

*- A minha disciplina é uma disciplina que tem muito da vida prática. A principal dificuldade é que muitos alunos não tem interesse pela área das aves né, a veterinária é muito ampla, a maioria prefere cachorro e gato e tal, mas eu tento motivar eles para esses conteúdo que eu trabalho, e esse inter-relacionamento é super importante porque as empresas que eles estão trabalhando estão na frente desse tipo de coisa né, e se eles não aprenderem a se relacionar em grupo né, a gente tem muito trabalho em grupo, a necropsias em aula prática são feitas em grupo, as discussões... a parte mesmo do futebol, como agora eles brincaram, o aluno é gremista eu sou colorada, eu vou ralar, não, eu acho que, a gente tem que entender as diferenças, e muitas vezes, é com a diferença que a gente cresce né, e a gente tem alunos de diferentes dificuldade às vezes um se sai muito bem na parte escrita, não se sai muito bem na parte oral e aí vão aprendendo e a gente vai trocando os pontos.*

A professora fala do relacionamento em sala de aula. Para ela o diálogo e o bom relacionamento entre professor- aluno, aluno-aluno é algo fundamental na disciplina. As pessoas se realizam no diálogo, no encontro, na abertura aos outros, assim também se constrói educação.

Durante a entrevista, com a professora, uma importante sugestão foi apresentada :

*- Eu acho assim, que os professores, eu por exemplo, por surpresa recebi o aluno, nós não estamos preparados para receber, então a partir da vivência com este primeiro aluno é que eu vou ver na próxima vez essa parte da, do relacionamento que eu mesma não promovi com ele, e com a turma né. Então, talvez, preparar um pouquinho mais o professor que recebe, para fazer um trabalho melhor, já que o AL II precisa de um atendimento especial, porque ele tá entrando realmente numa turma que todo mundo se conhece e não conhece ele, e nesse aspecto, eu acho, que precisa ser feita alguma coisa para os professores que acolhem fazer um trabalho melhor. Eu tratei ele como um aluno normal, mas acho que eu deveria ter feito alguma diferença que facilitasse o relacionamento entre eles, e também assim por causa dos termos a gente tem os termos muito técnicos é uma disciplina que os alunos já fizeram patologia..., então pra mim são termos assim muito banais, não há necessidade de revisar, talvez com ele, muitas vezes eu senti assim, ao perceber o exterior dele, ele não estava, com aqueles termos em dia, e provavelmente não porque ele não teve esse conhecimento anterior, e isso pode ter prejudicado a aprendizagem dele.*

Um aspecto bem importante já apresentado anteriormente é o papel do professor para que haja o diálogo entre as gerações. É preciso estimular o idoso a participar, pois, realmente, ele entra em uma turma que já caminha junto há alguns anos e como qualquer pessoa, é normal sentir-se retraído em um ambiente onde a maioria já sabe os aspectos e personalidades de cada componente. O processo de ambientação é lento, leva alguns meses. É como ser “bixo” na Universidade, tudo é novo, e é preciso aprender até o caminho da sala de aula.

Descrevendo o cenário, *eu diria que é um prédio “gaudério”, nos poucos minutos que fiquei sentada no hall, observei vários rapazes e meninas com botas, alguns com chapéu e bombacha e muito chimarrão circulando. Nas paredes estavam*

*expostos trabalhos, pôsteres sobre pesquisas com doenças transmitidas ao homem pelos animais. Nos corredores muito limpos via-se o brilho da cera no chão. Subi as escadas para a sala de aula.*

*Uma sala enorme, entro, ouço alguém cantarolar uma música gaúcha, muitos alunos já estão sentados, inclusive o AE II, um pouco mais isolado no fundo da sala.*

*Sento-me atrás do AE II. A professora chega dirige-se ao retroprojetor, já falando com os alunos, brincado.... Alguns alunos ainda entram na sala, os que passam pelo AE II, cumprimentam-no. AE II não parece ser de idade avançada, possui poucos cabelos brancos.*

*A aula acontece com apresentações de trabalhos e parece que o AE II não está em nenhum grupo. Ele apenas observa atentamente. Um acadêmico lhe alcança o chimarrão, AE II toma tamborilando os dedos na classee.*

*No final AE II dirige-se a um acadêmico que acabara de apresentar um trabalho e conversam no final da sal. Falam sobre aves. O acadêmico ofereceu-se para auxiliar no que estiver ao seu alcance, travam uma diálogo agradável, e o assunto é sobre aviários, aves, doenças... enfim, o acadêmico termina dizendo: - **Tudo bem, sem problemas o que pudermos ajudar, estamos aí pra isso!***

*Completei a observação marcando a entrevista no mesmo dia com AE II e com a Professora e Aluna regular, na próxima aula.*

AE II, justifica a escolha da disciplina pela necessidade de entender determinadas doenças, determinados acontecimentos que poderiam surgir em seu aviário, fazendo assim uso direto do conhecimento adquirido na sala de aula.

Em busca de conhecimento AE II-4, apresenta uma sugestão para o projeto:

*- Uma dificuldade que eu vejo é que eu gostaria de começar as aulas desde o início, porque eu peguei como diz o gaúcho, eu peguei o barco andando, aí fica difícil de eu acompanhar, se eu pegar no início do trabalho, nos primeiros dias eu já estar dentro da aula, vai facilitar o meu aprendizado e eu vou ter um aproveitamento muito melhor, por isso que eu vou entrar em contato com os professores, com o departamento de veterinária para ver se eu consigo já nos primeiros dias desse ano, quando começar as aulas, eu já estar junto.*

A solicitação do AE II- 4 é o desejo de muitos Alunos Especiais II, pois a matrícula só é feita após todas as outras matrículas, Aluno Regular e Aluno Especial I, com isso já se vai mais ou menos 20 dias de aula, sem que os idosos possam freqüentá-las, portanto, além de já inserirem-se em uma turma desconhecida, chegam com “atraso”, dessa forma fica difícil para aluno e professor recuperar o tempo perdido.

Ao ser interrogado se conseguia conversar com os colegas, AE II- 4 lembra que um dos assuntos é o futebol onde é craque, e diz sonhar em treinar uma escolinha desse esporte, e conta também com a experiência da “universidade do asfalto”.

*- Perfeitamente, dá pra conversar, porque eu tenho bastante experiência, né, e já vem da parte de futebol e isso aí já me ajudou muito a eu ter facilidade de me comunicar com as outras pessoas, de entender as outras pessoas mesmo eu não tendo o mesmo nível cultural que eles tem, mas eu tenho a universidade do asfalto e a universidade do asfalto me dá muito conhecimento prá eu poder participar.*

AE II-4, agradece à Universidade, sente-se apoiado pela família, e muito feliz:

*- Olha, eu tenho cinco filhos, quatro são formados, 2 advogados, um administrador e um formado em letras e o outro é também acadêmico de Direito agora. Bom, todos eles estão mais do que maravilhados, mais do que felizes porque imagina um pai que sempre lutou pra criar 5 filhos conseguir dar um determinado padrão de vida pra eles e depois no fim da vida, dar a alegria de estar numa universidade. E eu me sinto revitalizado como homem fisicamente, intelectualmente e moralmente, olha, eu só tenho palavras a agradecer a Universidade Federal de Santa Maria, por me dar essa oportunidade, e agradecer a Deus por fazer com que eu tivesse no momento certo, na hora certa para ouvir as coisas certas e ter a oportunidade de entrar na universidade.*

Na segunda observação, *cheguei cedo, pois havia marcado entrevista com a professora após aula. Aguardei na sala que, aos poucos, foi enchendo-se ficou lotada, nunca vi turma tão grande. Estavam encerrando o semestre, e dois grupos aguardavam para apresentar os trabalhos, observei que o AE II-4, não apareceu.*

*A aula transcorre normalmente. Os alunos apresentando seus trabalhos, alguns prestando atenção, os que estão mais no fundo da sala, próximos a mim, estão conversando. A professora ao final das apresentações, intervém sorridente, faz comentários, e brinca com os alunos.*

*Ao final das apresentações a professora explica a avaliação para a próxima aula, e deixa na saída da sala as notas dos trabalhos ou qualquer coisa assim. Não entendi ao certo, mas isso causou uma enorme fila, para observar as folhas sobre a mesa na porta da sala. Muitos olhavam a folha e saíam, enquanto alguns conversavam com a professora. Diminuindo o tumulto dirigi-me a ela e realizamos a entrevista na sala mesmo.*

# 5º CENÁRIO CEFD

Centro de Educação Física – Curso de Educação Física  
Disciplina de Aquático I

*- Eu acho que talvez eu tenha um pouco de dificuldade de encarar assim eu tenho tendência a ficar muito agitada, de repente se eu não puder fazer alguma coisa, digamos assim que, não necessariamente vai ter alguma doença, mas é mais provável, e eu tenho medo disso, de ter que ficar mais parada, alguma coisa assim, só que... eu acho que eu considero uma fase normal, tem que encarar da melhor forma possível, tem que continuar as atividades e ser o mais assim, incluso dentro da sociedade possível, assim, como se fosse qualquer outra fase. (Aluna Regular- 5)*

Iniciamos este cenário com as palavras da acadêmica AR- 5, aluna regular do Curso de Educação Física. Para Ar-5, talvez seja difícil envelhecer. Ao responder ficou pensativa assim como a maioria dos entrevistados quando interrogados sobre o que pensam em relação ao envelhecimento. Realmente é muito difícil responder a esta pergunta sem cair em contradição, pois ,cada vez mais, estamos tentando nos afastar do envelhecimento, embora naturalmente aproximemo-nos a cada dia de nossa vida, percebemos que ao invés de nos prepararmos para sermos velhos, tentamos negar o envelhecimento. O horror das rugas, nos acompanha dia a dia. O olhar crítico de alguém sobre a nossa aparência nos causa verdadeiros arrepios. Por que? Se nem a ciência conseguiu determinar a idade que se envelhece, que se é velho, mas sim afirmar que envelhecemos a cada dia, porque ainda fazemos afirmações em tom discriminatório ? – *Nossa como “fulana” está envelhecida!*

No CEFD, é muito comum ver os idosos entrando e saindo de salas, circulando pelo hall, pela piscina e ginásio. É impossível não notá-los, no dia da matrícula para a piscina. Filas enormes formam-se no hall, e no dia da matrícula para as disciplinas do Projeto Aluno Especial II, o NIEATI recebe dezenas de idosos.

Gostaríamos de interrogá-los e saber como foi o seu envelhecer, se sofreram algum dia algum tipo de discriminação, saber qual a importância da aparência para eles? Se a feiúra conota-se com o envelhecimento? Talvez, só a experiência vivida por cada um poderá nos responder.

O local das observações, foi a piscina, um mundo fantástico, pois o meio líquido sempre causa fascínio ao ser humano. Nas aulas na piscina, os acadêmicos entram e saem sorrindo animados .

### **A observação:**

*7:55- Cheguei na piscina, com a permissão da funcionária entrei no vestiário. Duas senhoras estavam trocando de roupa, são rostos conhecidos circulam pelos projetos do NIEATI há muito tempo participam da maioria das atividades. Conversavam animadamente sobre depressão:*

***-Eu não sou assim, eu não gosto de quem vive reclamando...***

*Sem interferir entrei rapidamente na piscina. Ao ver-me, o professor me chamou, como já havia entrado em contato uma semana antes explicando a intenção de minha visita as suas aulas, não foi preciso demais esclarecimentos, então o acompanhei até a sua sala. No computador mostrou-me seus e poesias relacionados aos seus alunos, inclusive às alunas idosas presentes em suas aulas. Voltamos para junto da piscina, todos os alunos já estão na água, o professor então explica a aula fora d'água, os alunos escutam atenciosos.*

*Sinto saudades....*

*O professor pede para deslocarem-se batendo pernas com a prancha, 3 pessoas por raia. As duas idosas não se separam e ficam com uma colega aluna regular, conversam e riem o tempo todo. Sob orientação do professor devem deslocar-se até o centro da piscina. Comentários das AE II:*

***-Duvido, não saio do lugar! Risos...***

*As AE II participam, tentam, agora sem prancha, com os braços para frente, o professor se aproxima e orienta agachando-se e falando mais baixo para as alunas, as idosas explicam para o professor que possuem dificuldade em deslocar-se na água e de respirar corretamente.*

*O próximo exercício, é nadar sem bater perna, o professor fica próximo a raia das idosas e pede para uma delas olhar para ele enquanto nada, em sentido contrário vem um colega regular e ... choque de cabeça. Muitos risos.*

*O professor dirige a palavra para todos, fala do exercício e faz comparações do aprender a nadar com a vida, de libertar-se dos medos, enfim, passa outro exercício agora com material diferente. Com o barulho da água as idosas não escutam e viram-se para mim que estou mais próxima, e perguntam se sei como usar o material que tem nas mão. Respondi que o modo correto é entre as pernas, enquanto faz os movimentos de braço. As AE II esperam os colegas iniciarem o exercício, depois por último tentam executá-lo.*

*Ao término da aula, uma idosa auxilia a guardar o material junto com os colegas. Já no vestiário, “conversas a mil”. Mulheres, né ! As AE II, participam opinando sobre a aula, falando de suas dificuldades. Dirijo-me a elas e marco a entrevista lá fora nos bancos em frente à piscina, já com a acadêmica regular agendo a entrevista no bar do centro de Educação Física, as colegas apontaram uma menina, que vou chamá-la de AR- 5.*

## **Os personagens...**

### **AL II-5**

A escolha entre as AE II aconteceu pela disponibilidade em prestar a entrevista. AL II- tem 65 anos, Ensino Médio Incompleto, aluna de Aquático I. Sempre sorridente, animada e brincalhona, é figura comum aqui no CEFD, participa de várias atividades como dança, coral, hidroginástica.

### **Professor -5**

Com 51 anos e 27 anos de magistério superior, Professor-5, recebe este nome por causa do anonimato necessário aos colaboradores para que este trabalho seja publicado. Graduado em Educação Física e Doutor em Ciência do Movimento Humano, é uma pessoa fácil de descrever. Seu jeito calmo e brincalhão, demonstra que fez do lúdico sua forma de viver, em tudo

que faz, suas aulas, as informações que passa aos alunos, os projetos tudo é impregnado de bondade e amor, parece apaixonado pelo que faz.

### **Aluna Regular-5**

Tem , extrovertida, parece ser uma líder na turma pois a indicação foi unânime por parte das colegas. Está no 4º semestre, cursa regularmente o curso de Educação Física e já teve em várias disciplinas, colegas AL II, no momento tem duas colegas idosas na disciplina de Aquático I. Realizamos a entrevista no bar do prédio da Educação Física.

### **Em cena ...**

Ao ser interrogada sobre se houve ou não alteração no trabalho do professor, a aluna regular responde:

*- Acho que não. Às vezes ele pára dá um pouco mais de atenção, mas, às vezes até os próprios colegas ajudam o idoso, Acho que não tem alterado muito. Só no que diz respeito à atenção, se ele dá um pouquinho mais de atenção porque eles têm um pouquinho mais de dificuldade mas, sem problema nenhum.*

Percebemos que talvez não seja necessária uma pedagogia especial para trabalhar com terceira idade mas sim, alguns cuidados diante das limitações dos alunos e uma maior interlocução com o idoso para que o processo de educação aconteça.

O reflexo das aulas acontece na fala da AE II-5:

*- Escolhi essa disciplina, pra eu aprender a nadar e estar junto com os alunos que é uma coisa muito gostosa. Ta ótima, meu Deus! Estou aprendendo bastante coisa, bastante técnica que a gente não sabia, estou aprendendo...*

Sobre os colegas:

*- É ótimo, todos eles dão atenção para a gente, brincam com a gente, me carregam até no colo dentro da piscina! Risos... é verdade coisa mais querida... porque eu sou baixinha né...*

A aluna regular fala sobre o relacionamento, entre jovens e idosos.

*- Eu já tive um colega no segundo semestre se não me engano, é normal assim, até a gente fica, a gente presta atenção porque eles gostam bastante de conversar sabe, daí a gente procura, tem colegas que não mas a maioria procura, prestar atenção no que eles falam, porque eles tem mais experiências e tal, e é bem legal assim o convívio assim, bem normal, não é tão diferente..., claro tem mais brincadeiras, a gente faz brincadeiras com eles, é bem interessante. Eu acho que, eles tem muita experiência, no caso quando eu tive esse colega foi em Fundamentos da Educação Física. E ele contava como era na época dele, assim para a gente uma base até histórica, assim, e como mudou, pra gente vê que mudou, que era muito diferente as coisas naquela época. Eu acho que contribui sim, e também ali a gente as dificuldades que eles tem e a gente pode aprender como ajudar as pessoas assim.*

Seguindo a mesma linha de raciocínio, o professor da disciplina apresenta as dificuldades dos mais jovens em se relacionar com os mais velhos:

*- Acontece e isso é uma coisa muito interessante, como os meus alunos, em um determinado momento, eu uso uma estratégia, ensinar a dar aula para a terceira idade, onde eles trazem grupos de fora da sua atividade regular, eles tem que trazer o pessoal da Terceira Idade para receberem aula, eu quase que exijo que haja uma participação dos alunos juntamente com o pessoal de terceira idade. Eu observo a dificuldade que os jovens tem de se inter-relacionar com o pessoal mais velho, e quando eu tenho a oportunidade de fazer uma análise, eu procuro dizer a eles o porque dessa dificuldade de dar a mão para uma pessoa de terceira idade, de abraçar uma pessoa de terceira idade né, então é uma tentativa de mostrar a eles que é necessário, que é saudável, que é muito importante essa relação entre os velhos e os jovens, até porque nós de certa forma, eles são o nosso futuro, né, nós também temos que nos preparar, eliminar alguns preconceitos como se a velhice fosse um preconceito, e que amanhã depois nós estaremos nessa situação. Acredito até que pelo pioneirismo das pessoas que estão freqüentando esses projetos, essas aulas eles estão preparando um campo melhor pra nós, que quando eu chegar lá na terceira idade, muitos dos preconceitos certamente terão caído, eles estão arando a terra, estão preparando a terra para o nosso futuro, o nosso futuro como velho vai estar muito melhor do que certamente foi o futuro deles (Professor-5).*

Falando em preconceito, o professor lembra aspectos importantes da discriminação da sociedade em relação ao corpo, e levanta um questionamento sobre como se sente um idoso ou idosa que já não é considerado como “belo”, diante de uma sociedade alucinada pela perfeição corporal.

*- (...) sempre me chama a atenção muito mais pelo número de mulheres que o de homens, e eu estou convencido de que realmente as mulheres são muito mais inteligentes, muito menos preconceituosas do que os homens, e me parece que um dado estatístico é verificar o número de mulheres que tem a coragem em que pese toda esta propaganda, o valor do corpo, das curvas, da beleza exterior da mulher, em que pese todas essas campanhas publicitárias que são uma guerra contra essas mulheres que já tem 70, 80, 90 anos, elas vem aqui colocam seu maiô não tem medo de expor o seu corpo diante de uma coisa que eu acho imprescindível, que a velhice é uma conquista! E essa conquista tem que ser celebrada, e me parece que isso que é o grande mote da participação dessas pessoas. Por isso é que eu aceito eles na minha aula, por isso que eu não me canso de ficar observando quando eles estão na água, até porque existem muitas pessoas aqui que eu conheço, é muito interessante a gente observar essa dinâmica da terceira idade aqui na Universidade.*

Ao observar as aulas desta turma percebemos que, muito além de uma educação que se compartilha, existe uma grande felicidade nos seus participantes, acreditamos que um fator responsável seja o meio em que se desenvolvem as atividades, o meio aquático, e a ludicidade que permeia a aula. Porém o fio condutor é o professor.

*- É eu sou um sujeito que tem uma formação, digamos assim na área do lazer e da recreação. Eu não saberia, eu jamais poderia ser um professor pragmático, embora eu tenha participado de atividades pragmáticas na Educação Física, a competição, a competição é uma coisa extremamente pragmática, muito parecido com o ensino que tem por aí em algumas escolas que pregam a competição entre as crianças, e que, por essa razão, sem dúvida enche os consultórios psiquiátricos e psicólogos de jovens, porque a busca é do sucesso, mas eu acredito que antes de ser sucesso é preciso ser feliz então as minhas aulas, tem essa direção, né, eu faço da minha obrigação, do meu conteúdo previsto no plano pedagógico, as disciplinas, mas eu tento fazer delas, é..., uma atividade prazerosa com meus alunos, onde eu jamais perco a oportunidade de abrir janelas, né, se eu estou dando aula de nataçao e tenho que usar Picasso como exemplo,*

*eu uso, se eu tenho que falar da conjuntura política da universidade, aproveitando determinadas experiências, eu uso, se eu tenho que falar de valores, eu às vezes aproveito o pessoal de terceira idade das minhas aulas pra demonstrar que alguns valores, infelizmente ao longo do tempo se perderam e talvez por esta razão, essa busca desenfreada do sucesso antes de ser feliz, é que nós tenhamos uma sociedade com muitos problemas, porque nós temos muitas pessoas com sucesso, mas homens absolutamente frustrados. Eu há pouco tempo ouvi de um aluno uma coisa que eu não gostaria jamais de dizer para alguém. Ele me disse: Professor, o meu pai é advogado a 54 anos, hoje ele criou uma estrutura em volta dele que não pode mais abandonar a profissão de advogado, mas ele nunca gostou do que ele fez. Então que pena desse homem que passou toda uma vida fazendo o que não gosta, quer dizer teve sucesso profissional, mas seguramente como homem não é feliz.*

Contrastando AE II conta como foi, em poucas palavras, seu tempo de colégio:

*- Era rígida, Não podia nem olhar pra trás que tomava castigo né, não podia rir dentro da sala de aula que tomava castigo ia de pé pra trás da porta.*

Para o professor a presença do velho faz a diferença através de sua carga de valores.

*- Eu acho muito importante porque uma coisa que eu observo, do pessoal que trabalha comigo, que freqüenta as minhas aulas, do projeto AE II, é importante a carga de valores que essas pessoas trazem, uma vez que eu procuro fazer com que os meus alunos, chamar a atenção dos meus alunos para essa carga de valores, né, são educados, são muito receptivos, então é interessante essa, a própria experiência de vida que eles trazem né eles criam um clima, eu vejo que os alunos tratam eles de maneira diferenciada, eles tem um carinho especial com esse pessoal, da mesma forma como eles demonstravam com os alunos, então se cria um clima muito amistoso na sala de aula. Como eu não tenho a preocupação de exigir dessas pessoas o grau de exigência que eu tenho com os outros alunos, então eu procuro deixar eles absolutamente à vontade, eu quero que eles tenham prazer, é pra isso que eles estão aqui, a vida deles na universidade na minha maneira de entender é muito mais uma maneira de saúde mental, né de integração social, a fuga da solidão, a busca de contato com pessoas, isso é que importa, tanto é que o AE II, não prevê a participação em prova, em momento algum faço esse tipo de*

*exigência, eu quero que eles tenham prazer de participar das minhas atividades.*

No mesmo sentido:

*- A gente sabe que frequenta as aulas né, mas não tem aquele título de ganhar diploma a gente só vai ter o conhecimento( AE II-5).*

Para concluir, as sugestões do professor apontam problemas técnicos e humanos no projeto.

*- Uma das coisas que eu tenho, que eu tinha conhecimento não sei se houve modificação, é que uma vez inscritos junto ao DERCA, eles, para frequentar as disciplinas, precisariam da autorização do professor da disciplina, me parece que essa é uma questão, que se não foi modificada tem alguns problemas, eu mesmo tenho a experiência de ter recebido alunos sem que alguém me tivesse perguntado se eu autorizaria a entrada de Terceira Idade, naturalmente eu autorizaria sempre, mas poderia ocorrer às vezes algum constrangimento né, com alguém que não deseja que o pessoal de terceira idade participe das atividades regulares da Universidade. Isso é uma coisa que precisa ser novamente revista, para que não crie um constrangimento para as pessoas que vem aqui com o espírito aberto, desejando uma nova experiência com a universidade. Eu acho que nós teríamos que tentar estimular mais a participação do pessoal da Terceira Idade, nas atividades regulares do CEFD, eu vejo às vezes em alguns programas de canto ali no hall da Educação Física, e só vejo o pessoal da Terceira Idade, é preciso que se faça alguma coisa para que se traga o jovem para perto deles. (...) é sempre interessante ouvir as experiências de vida de algumas pessoas, isso pode ser muito útil para um jovem que tem todo um caminho para percorrer.*

O depoimento do professor encerra essa parte do trabalho, onde podemos observar que encontramos na universidade professores que se preocupam com a questão do envelhecimento e procuram passar aos seus alunos essa preocupação para que através da educação realmente aconteça cidadania.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A conclusão de um trabalho parece ser sempre a que mais exige do pesquisador, nossas mentes estão impregnadas de pontos, questões descobertas, e dúvidas que ainda pairam perturbando. Ao pensar em escrever esse capítulo saltam embaralhadas e sofregamente, as idéias estudadas ao logo de todo trabalho.

A intenção aqui é de uma forma clara e precisa, apontar em que ponto chegou a caminhada, os frutos que rendeu e para onde olhar a partir desse momento.

Lembrando dos nossos objetivos, parece-nos mais fácil este começo:

### **1- OS NÚMEROS DO PROJETO, AS INTENÇÕES DO AE II**

Ao levantarmos o número de idosos matriculados no projeto Aluno Especial II, percebemos que, como mostra o gráfico 01, temos um pico de 1996 a 1999, com uma média de matrícula durante esses quatro anos, de 189,5 alunos matriculados, e nos anos seguintes, tivemos uma queda, de 2000 a 2003, a média foi de 119 alunos matriculados por ano; 70, 5 alunos a menos em média.

Podemos assim fazer algumas constatações, com base nos dados apresentados, embora muitos idosos ainda são os mesmos que iniciaram o projeto, sabemos que a população vem aumentando, ou seja, tem “velho novo chegando”, e talvez esse velho não esteja sendo avisado da existência do projeto. Durante as entrevistas percebemos que muitos desconhecem o projeto Aluno Especial II em suas condições básicas necessárias para uma participação efetiva. Percebemos também que o período destinado às matrículas é divulgado precariamente, as informações não vem até o idoso e

é necessário procurar informar-se, “correr atrás”, pois o período é curto e os procedimentos de matrícula são demorados.

Os professores e alunos assemelham-se na dúvida de como acontece o projeto, de como ficaram sabendo sobre a sua existência, e não sabem explicar claramente como se processa a matrícula e os detalhes do projeto. Isso demonstra uma grande falha do projeto, ou talvez falta de interesse de professores e alunos, em saber como e porque o idoso chegou a sua sala de aula, quais suas intenções e anseios com relação à disciplina. Um bom diálogo e uma atenção maior ao AE II, em sala de aula, parece-nos sensato para resolver parcialmente esse problema, pois o idoso pode dar informações valiosas, já que teve que passar por todos os procedimentos para chegar a sala de aula.

Da análise dos documentos podemos ainda destacar os cursos mais procurados e as disciplinas mais procuradas, como vemos nas figuras do capítulo de discussão dos dados, da figura 01 a 08 temos as disciplinas mais procuradas correspondentes aos semestres de 1996 a 2003. O que vale salientar é que a disciplina complementar do Curso de Educação Física, Atividade Física na Terceira Idade, sempre aparece como uma das mais procuradas senão a mais procurada.

De acordo com os dados, podemos atribuir tamanha procura, por ser ministrante da disciplina o professor José Francisco Silva Dias, autor do projeto e autor de tantos outros projetos. Pode-se dizer que o professor Juca, como é carinhosamente chamado, é uma pessoa muito popular na luta por melhor qualidade de vida dos idosos, principalmente os idosos de Santa Maria. Também podemos destacar que a disciplina é direcionada para os alunos de Terceira Idade, pois o próprio nome: Atividade Física para a Terceira Idade, denota uma das únicas disciplinas voltadas para o envelhecimento humano. Desta forma recebem atenção direta do professor sendo o foco dos temas de discussão, o próprio idoso.

Importante também destacar que apesar do número de idosos matriculados na disciplina Atividade Física na Terceira Idade, tivemos uma boa

distribuição dos idosos pelos cursos, nas mais variadas disciplinas, isso nos mostra um grande interesse em buscar conhecimento, um grande viés da educação. Como exemplo usamos o curso de Direito, que nos semestres de 2003, sobressai-se aos demais cursos, com relação ao número de disciplinas procuradas, inclusive ao Curso de Educação Física. Só no primeiro semestre foram 18 disciplinas do Direito e 9 da Educação Física.

Esse dado nos questiona quanto ao interesse dos idosos em aprender algo, em buscar conhecimento pois a característica de um curso de Direito é ser bastante técnico/teórico, voltado para os conteúdos a serem aprendidos. Percebemos nas falas dos idosos entrevistados, que a escolha pela disciplina acontece, não só pelos relacionamentos mas pelas trocas no campo da ciência, pela vontade de adquirir um conhecimento acadêmico nunca antes disponibilizado e viabilizado. Muitos pretendem usar o conhecimento para a profissão, para o lazer, ou a realização de um sonho.

Deste modo entendemos que quando os idosos buscam a universidade, assim como nós, o primeiro passo é a informação, o conhecimento, saber o que não se sabia. Mas o que surge dessa busca vai muito mais além, vai em direção da humanização, da valorização e o ganho não acaba sendo somente do idoso, mas do professor e do aluno regular, pois se assim não fosse, uma revista ou um livro nos bastariam para adquirir conhecimento. Por isso parece-nos importante assumir um compromisso de melhor divulgação do projeto para, que os idosos desfrutem melhor desse benefício, e a comunidade acadêmica esteja preparada para recebê-los.

## **2- DIVULGAÇÃO E CONHECIMENTO SOBRE O PROJETO**

Um projeto de extensão necessita de avaliação constantemente, de divulgação e renovação, nessa tentativa é que foi criado, e acontece de 2 em 2

anos, o Seminário de Avaliação do Projeto Aluno Especial II, onde professores, autoridades ligadas a Universidade, alunos regulares e Alunos Especiais II, são convidados a apresentarem suas propostas, suas dúvidas, suas experiências, visando divulgar e melhorar sempre mais.

Levando em consideração que todos os anos ocorrem trocas de professores, professores são substituídos e o quadro de funcionários da Universidade passa por constantes mudanças, concluímos que o seminário torna-se insuficiente para sanar todas as dúvidas, que possam surgir de semestre a semestre.

Os professores entrevistados assumem, não conhecer o projeto, e que constantemente recebem alunos idosos, em suas disciplinas. Não sabem sobre os objetivos, ignoram os critérios para a matrícula e alguns conhecem o projeto das conversas com o próprio AE II, em sala de aula.

Uma das propostas desse trabalho é apostar na divulgação do projeto Aluno Especial II - Universidade e Idosos - Voltando a Estudar; junto aos professores de cada curso, com a inclusão do assunto (Projeto AE II), na pauta das reuniões obrigatórias aos professores e coordenadores de cada curso. Torna-se também fundamental uma melhor divulgação visual, tanto nos veículos de comunicação da universidade como com cartazes “claros e agradáveis“, espalhados pelos murais de toda a universidade, avisando os alunos regulares que terão um colega da Terceira Idade.

Percebe-se a necessidade também de um retorno aos professores da disciplina sobre seu trabalho, sobre os números e conseqüências do seu trabalho. Elaborado no NIEATI, o Seminário do AL II, surgiu com a intenção de sanar essas dúvidas, apresentar os resultados e descobrir novos caminhos, mas sabe-se que a participação dos professores e acadêmicos regulares é muito fraca, o seminário que deveria ser o ponto máximo para a divulgação e troca de experiências, torna-se muito fraco pela ausência dos professores e acadêmicos regulares. Assim percebemos ainda mais que se torna urgente encontrar outros meios de divulgação para o Projeto AL II.

### **3- A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR INFLUENCIA NA EDUCAÇÃO ENQUANTO PRÁTICA COMPARTILHADA**

Percebemos na apreciação das entrevistas que a formação do professor é um aspecto relevante para a realização de uma educação que se compartilha, onde o diálogo intergeracional acontece de forma natural e indispensável ao processo de educação. A forma como o professor conduz o aprendizado, como passa os “conteúdos”, a matéria, a ação comunicativa do professor, o sentido que transmite, tudo interfere na educação compartilhada. Os conteúdos didáticos, o cotidiano, as relações, a sala de aula, a metodologia, e a intenção de mediar a vida dos alunos pela melhoria de sua qualidade, são instrumentos da caminhada pedagógica, de acordo com Both, 2001.

Os professores de uma formação técnica, possuem uma pedagogia mais técnica, detêm-se na explicação dos conteúdos em aulas mais expositivas e teóricas. O contrário também pode ser salientado, alguns professores transpareceram uma formação mais humanista, alguns dizem-se inclusive Freirianos de opção e de formação. Desta forma entendemos que um caráter mais espontâneo, a exposição de assuntos do dia a dia, a vida de cada aluno e de “conversas” que não sejam relativas ao foco central da aula causam uma relação de amizade entre professores e alunos. Dialogando sobre a vida, o cotidiano e as experiências de cada um, vamos desenvolvendo o aspecto humanitário de cada componente desta relação, se o professor entende e permite a manifestação do aluno idoso, este sente-se mais a vontade e propor suas idéias, lembrando sempre que sua experiência de sala de aula foi na maioria dos casos, coberta de repressão e de um respeito camuflado aos “mestres” do seu tempo, portanto a liberdade de expressão e manifestação é sempre muito cautelosa, marcada pela espera e indecisão, ainda hoje.

O caráter pedagógico do professor apresenta influências nas relações intergeracionais, bem como, a característica das aulas, das disciplinas, o tema que é tratado em sala de aula. Nas disciplinas do Direto e da Medicina Veterinária, as aulas foram expositivas e apresentaram pouca participação do aluno em manifestações extras, sobre assuntos que não fosse o tema da aula, no entanto os professores dirigiam-se constantemente a turma como um todo, mas raramente ao AE II. Em contrapartida com as disciplinas práticas da música e da Educação Física, os professores dirigiram-se o tempo todo aos alunos e principalmente aos idosos, que diversas manifestou-se com opiniões e expondo suas experiências. Nas disciplinas observadas nesses cursos, os alunos especiais II possuíam uma integração clara e de fácil observação, o idoso opinava, suas cadeiras e posições em aula demonstravam envolvimento com os acadêmicos regulares e com o professor, as expressões eram naturais e não aflitas em silêncio, procurando ouvir o que o professor falava.

Entendemos que o professor é peça fundamental na construção do diálogo intergeracional, na exposição dos conteúdos e na boa convivência em sala de aula por parte dos alunos, para que assim aconteça uma educação partilhada com trocas e transformações.

#### **4- É NECESSÁRIO DIÁLOGO E CONVIVÊNCIA PARA PARTILHAR EDUCAÇÃO**

Para que se possa partilhar algo, são necessários os elementos e os indivíduos, e para que não seja só uma troca é necessário um tempo de convivência entre os indivíduos. No projeto A E II, temos um aspecto muito importante a ser salientado: o idoso freqüenta as aulas com algumas semanas de atraso. Isso acontece, devido a matrícula, pois somente após as vagas preenchidas e contabilizados os saldos de todas as disciplinas da

Universidade, é que o idoso vai fazer a matrícula, chegando a sala de aula com desvantagem em relação a turma.

Vejamos a situação: uma turma que já se conhece há alguns anos ou no mínimo há um semestre, e um idoso que não conhece ninguém da turma, e ainda chega a sala de aula perdendo todo o entrosamento inicial, programação da disciplina, alterações de horário, apresentação do professor... a que ser um idoso muito extrovertido para poder entrosar-se e relacionar-se com os colegas mais jovens.

Durante as observações das aulas e nas falas dos entrevistados, podemos salientar que todos os idosos tentaram de alguma forma relacionar-se com os colegas mais jovens, mas a maior incidência de conversas e questionamentos com relação a aula, aconteceu nos intervalos, antes da aula e na saída da aula, principalmente nas disciplinas mais técnicas e com o tempo regulado para a conclusão do conteúdo a ser dado. Sabemos que ninguém se educa sozinho, entendemos de extrema importância a partilha das vivências de cada um, concordamos que o diálogo é uma exigência da própria existência humana, e acreditamos que educação se constrói, dos “papos “ nos corredores, das risadas sem compromisso, da abertura do professor ao permitir diálogos sobre o mundo e sobre a vida. Por isso esses momentos deveriam ser proporcionados dentro da sala de aula, durante a aula, dessa forma, das brincadeiras poderiam surgir as idéias, da confiança adquirida no relacionamento, poderiam ser expostas as vivências de cada um, dando vida as informações técnicas. Dessa forma, educação se torna uma prática compartilhada, que gera respeito, confiança, amor, conhecimento e melhora a vida dos envolvidos.

Novamente apontamos o professor como o timoneiro do navio, que pode de acordo com os seus gestos, determinar, proporcionar, estimular ou reprimir, as manifestações e relações do Aluno Especial II dentro da sala de aula. Também é importante lembrar que o conteúdo da disciplina, com suas exigências e peculiaridades influencia muito.

## **5- OS ALUNOS REGULARES, ACREDITAM NA EXPERIÊNCIA DE VIDA**

A experiência de vida talvez seja o maior bem que uma pessoa idosa possa transmitir as pessoas de menos idade. Crescer, aprender com as dificuldades, contar histórias de um tempo que já passou. Tudo isso pode auxiliar os mais jovens na construção de suas identidades, na formação de seu caráter. As pessoas constroem -se das experiências, e também dos relacionamentos, nesse contexto está a educação como veículo para proporcionar de forma ordenada essas relações entre os seres humanos.

Os jovens que conviveram com o Aluno Especial II, relataram o que sentiram e o que viram desse relacionamento, suas falas contam que o que vale é a experiência de vida e a lição de força, e de ânimo que os idosos podem passar.

## **6- OS PROFESSORES, ACREDITAM NO ASPECTO HUMANIZADOR**

Todos os professores entrevistados elogiaram o projeto AL II, e acreditam também nas trocas, e no aspecto humanizador que o idoso traz a sala de aula. Com o cuidado de não banalizar as expressões que podem surgir desse aspecto educacional, vale lembrar que o professor após conhecer o projeto AE II, deve aproximar-se do idoso e proporcionar as mediações possíveis para que realmente a educação seja algo que se compartilha, envolvendo assim de forma natural a humanização do ambiente acadêmico. Sem perder o foco do conhecimento, da ciência e do respeito.

O projeto AE II, é humanizador para o idoso, que pode sentir-se mais cidadão, mais valorizado e mais capaz, trazendo um retorno, abrindo portas para o seu convívio social e melhorando a auto-estima, conseqüentemente desencadeando processos benéficos na vida de cada idoso. Para o Aluno Regular, a presença de um idoso em sala de aula, pode lhe trazer uma dimensão maior sobre os conceitos de envelhecimento, pode influenciar na formação da sua identidade, e se esse relacionamento for positivo, teremos um adulto ciente do respeito e da luta por melhores condições de vida de todos os cidadãos.

## **7- COMO SE DESENVOLVE O PROCESSO EDUCACIONAL, LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS QUE OCORREM NO PROJETO ALUNO ESPECIAL II?**

Durante esse um ano de trabalho procurei incessantemente, a resposta para essa pergunta. Apesar das limitações e falhas da pesquisa, acredito poder responder, que o processo educacional pode ser visto como algo que se compartilha entre professores, alunos e idosos, em um ciclo onde todos participam e envolvem-se, contribuindo de alguma forma para que a educação aconteça em sua forma plena, de humanização, libertação e autonomia de cada envolvido. Um emaranhado em busca do conhecimento, que entendemos ser possível com o envolvimento de todos esse fatores já citados. O idoso torna-se peça fundamental pois pode acrescentar as aulas tudo o que a vida já lhe ensinou, e todo seu exemplo, em buscar a realização de sonhos, após tanto tempo de vida. Pode também reforçar a mudança no conceito sobre o envelhecimento, levando esse para os aspectos positivos de capacidade, autonomia e qualidade de vida.

Não podíamos deixar de registrar, que todo esse trabalho só foi possível porque o NIEATI, continua a dar passos em direção e na busca do envelhecimento saudável. O núcleo é um exemplo em pesquisas e projetos com a Terceira Idade, e nos transmite todo o respaldo necessário para a elaboração de trabalhos como esse, que visou contribuir também com a melhoria do projeto Aluno Especial II, apontando sugestões, e analisando seus efeitos.

A luta por um envelhecimento melhor deve ser de todos nós, e um dos caminhos com certeza é a educação. Quando as escolas e universidades entenderem melhor o envelhecimento do ser humano, compreenderão que o idoso pode ser fundamental na construção da cidadania, dentro das salas de aula. As rugas e a experiência de ter vivido em um tempo que já passou, nenhum livro e nenhum papel poderão representar.

## 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, R. **Revista a Terceira Idade**. São Paulo, p. 41-55, ago.,2000.

BERQUÓ, E. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da População no Brasil. **Anais do I Seminário Internacional sobre Envelhecimento Populacional**: uma agenda pára o final do século. Brasília: Ministério da previdência e Assistência Social e Secretaria da Assistência Social, 1996.

BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral. Tradução: Storniolo, Ivo ; Balacem, Euclides Martins. São Paulo: Ed. Paulus, 1996.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, LDA.,1994.

BOTH, A. **Gerontogogia: Educação e Longevidade**. Passo Fundo: Imperial, 1999.

BOTH, A. **Educação Gerontológica**. Erechim: São Cristóvão, 2001.

BOURGEOIS, L. A intervenção Educativa na Velhice. In: **I ENCONTRO IBERO-AMERICANO: A INTERVENÇÃO EDUCATIVA NA VELHICE DESDE A PERSPECTIVA DE UMA PEDAGOGIA SOCIAL**, 1.:2002, Caxias do Sul. Anais...Caxias do sul, 2002. p.11-28.

CANCIAN, C. D. O. & DIAS, J. F. Como Vivem “Nossos Velhos” Asilados? Um retrato das condições de vida dos idosos dos asilos de Santa Maria/RS. **Caderno Adulto**. Santa Maria: UFSM, CEFD,NIEATI, 2000. p.13-31.

CANÔAS, C. S. **A condição humana do velho**. São Paulo: Cortez, 1983.

CLAVIJO, M. V. & PORTERO, C. F. Aprendizaje Universitario y Personas Mayores: el aula de la experiencia de la Universidad de Sevilla. **Revista Escuela Abierta**. Sevilla, n.3, p. 33-55, out. 1999.

CORTELLETTI, I. Possibilidade e Limites de uma Educação para Idosos: Metodologias e novas Tecnologias. In: **I ENCONTRO IBERO-AMERICANO: A INTERVENÇÃO EDUCATIVA NA VELHICE DESDE A PERSPECTIVA DE UMA PEDAGOGIA SOCIAL**, 1.:2002, Caxias do Sul. Anais...Caxias do sul, 2002. p.59-72.

DEBERT, G.G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M.M.L.(org). **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro:FGV,1998. p.49-67.

DIAS, J. F. S. Diagnóstico da Situação do Idoso em Santa Maria/RS e sua relação com a formação de Profissionais pelo CEFD da UFSM. 1986.**Dissertação** ( Mestrado em Movimento Humano)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1986.

\_\_\_\_\_. Construindo a Velhice Consciente: Uma estratégia de parceria com a Educação. **Tese** (Doutorado em Educação). Santa Maria, 1997.

DOLL, J. Pedagogia Social e a Realidade Brasileira. In: **I ENCONTRO IBERO-AMERICANO: A INTERVENÇÃO EDUCATIVA NA VELHICE DESDE A PERSPECTIVA DE UMA PEDAGOGIA SOCIAL**, 1.:2002, Caxias do Sul. Anais...Caxias do sul, 2002. p.48-53.

FERRIGNO, J. C. O Estigma da Velhice: Uma Análise do Preconceito aos Velhos à Luz das Idéias de Erving Goffman. **Revista A Terceira Idade**. São Paulo, v.13,nº 24, p.48-56, abr-2002.

FREIRE, P. **Educação e Vida**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FURTER, P. **Educação e reflexão**. 16 ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

GADOTTI, M. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. **História das Idéias Pedagógicas**. 8 ed. São Paulo: Atica, 2002.

GATTO, I. B. Aspectos Psicológicos do Envelhecimento. In: NETTO, M. P. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. p.109-113.

GIOVELLI, M. Atividade Física e Aposentadoria: Suas relações na construção de um novo projeto de vida. **Anais do XVI Jornada Acadêmica Integrada**. Universidade federal de Santa Maria. Mar. 2002.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

HAYFLICK, Leonard. **Como e por que envelhecemos**. Tradução: Ana Beatriz Rodrigues, Priscila Martins Celeste- RJ: Campus, 1996, p.211-250

HURTADO, J. G. G. M. **O Ensino da Educação Física: Uma Abordagem Didática**. 2 ed. Curitiba: Educa/Editor, 1993.

JUNQUEIRA, E. D. S. **Velho e Por que não?** Bauru: EDUSC, 1998.

KÜHNER, M.H. Do conflito ao convívio de Gerações: Diálogo.... **Revista a Terceira Idade**. São Paulo,v.12,nº23.p.7-23, nov-2001.

LEME, L. E. G. A Gerontologia e o Problema do Envelhecimento: Visão Histórica. In: NETTO, M. P. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. p.13-25.

LORDA, C. R. **Recreação na Terceira Idade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATSUDO, S. M. M. Envelhecimento e Atividade Física. Londrina: Midiograf, 2001.

MAZO, G. et all. **A Atividade Física E O Idoso: concepção gerontologica**. Florianópolis/ Santa Catarina: UDESC, 2001.

MAZO, G. Z . Atividade Física: atitudes dos idosos frente ao envelhecimento. **Kinesis**. Santa Maria: UFSM, p. 77-99, 1991.

MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

MERCADANTE, E. Aspectos Antropológicos do envelhecimento. In: NETTO, M. P. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. p. 73-81.

MORAGAS, R. M. **Gerontologia Social: envelhecimento e qualidade de vida**. 14ªed.São Paulo: Paulinas, 1997.

MOSQUERA, J. J. M. **Educação: novas perspectivas**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

NÉRI, A. L. & CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NÉRI, A. L., DEBERT, G. G. (orgs.). **Velhice e Sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1999. p.113-140.

NÉRI, A. L.(org.). **Psicologia do Envelhecimento**: Temas selecionados na perspectiva do curso de vida. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 13-14.

NETTO, M. P. & BORGONOVI, N. Biologia e Teoria do envelhecimento. In: NETTO, M. P. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. p. 44-59.

NETTO, M. P. & PONTE, J.R. da. Envelhecimento: Desafio na transição do século. In: NETTO, M. P. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. p. 03-12.

NICOLA, I. P. Educação Popular Gerontológica. In: **I ENCONTRO IBERO-AMERICANO: A INTERVENÇÃO EDUCATIVA NA VELHICE DESDE A PERSPECTIVA DE UMA PEDAGOGIA SOCIAL**, 1.:2002, Caxias do Sul. Anais...Caxias do sul, 2002. p. 73-85.

NOVAES, M. H. **Psicologia da Terceira idade: conquistas passíveis e rupturas necessárias**. 2 ed. Rio de Janeiro: NAU, 1997.

ODORIZZI, C. M. A .Uma pedagogia para a velhice: o desafio da construção de um trabalho com idosos no Brasil. 1996. **Tese** (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do RS, Porto Alegre, 1996.

OLIVEIRA, P. S. Universidade Aberta e Co-Educação de Gerações. **Revista a Terceira Idade**. São Paulo, nº 12, p.5-9, ago-1996.

OLIVEIRA, R.C. S. Velhice: Teorias, conceitos e preconceitos. **Revista a Terceira Idade**. São Paulo, v.13,nº25, p.36-51, ago-2002.

OKUMA, S. O. Dimensões Psicológicas para o Envelhecimento e a atividade física. In: FARIA JUNIOR, A. G. *et all* . **Atividades Físicas para a Terceira Idade**. Brasília: Sesi, 1997. p. 39-45.

\_\_\_\_\_. **O idoso e a atividade física: Fundamentos e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1998.

OSORIO, A. R. Possibilidades y Limites de una educación para las Personas mayores: Prácticas a partir de diferentes enfoques pedagógicos. In: **I ENCONTRO IBERO-AMERICANO: A INTERVENÇÃO EDUCATIVA NA VELHICE DESDE A PERSPECTIVA DE UMA PEDAGOGIA SOCIAL**, 1.:2002, Caxias do Sul. Anais...Caxias do sul, 2002. p. 169-188.

PALMA, S. R. **Idoso no Terceiro Milênio: Projeção e Estatística X Condição Social**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2000.

PALMA, L. S. & CACHIONI, M. Educação Permanente: Perspectiva para o Trabalho Educacional com o adulto Maduro e com o Idoso. In: **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. RJ: Guanabara Koogan, 2002.

PASCHOAL, S. M. P. Epidemiologia do Envelhecimento. In: NETTO, M. P. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. p.26-39.

RIBEIRO, M. P. Terceira Idade, Família e Relacionamento de Gerações. **A Terceira Idade**. São Paulo: SESC, nº 16, 1999. p. 47-52.

SACRISTÁN, J. G. Os inventores da Educação: E como nós a aprendemos. In: **Pedagogias do século XX**. SEBARROJA, Jaume Carbonell ....*et all*, (orgs); trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 15-23

STUART-HAMILTON, I. **A Psicologia do Envelhecimento: uma introdução**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SINÉSIO, N. B. **Universidade da Melhor Idade: Uma proposta Salesiana Para Idosos**. Campo Grande: UCDB, 1999.

TREVISAN, Tatiana Valéria . Atividades lúdicas com Idosos da Quarta – Colônia: Um estudo de Caso. p. 191 **Dissertação** (Pós – Graduação em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, 2000.

VIEIRA, B. E. **Manual de Gerontologia**. Rio de Janeiro: Revinter Ltda, 1996.

WEINECK, J. **Biologia do Esporte**. São Paulo: Manole, 1991.

ZIMERMAN, G.I. **Velhice: Aspectos Biopsicossociais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

---

**ANEXOS**

---

---

ANEXO 01

CÓPIA RESOLUÇÃO DO ALUNO ESPECIAL II

---

ANEXO 02

CÓPIA DA LISTAGEM DE MATRÍCULA DO ALUNO  
ESPECIAL II, NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2003

---

**ANEXO 03**

**CÓPIA DAS QUESTÕES NORTEADORAS PARA  
ENTREVISTA COM ALUNO REGULAR**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO  
HUMANO**

**SUBÁREA: Pedagogia do Movimento Humano**

**LINHA DE PESQUISA: Processos didáticos pedagógicos e culturais do  
Movimento Humano no trabalho com a Terceira Idade.**

**TÍTULO DO PROJETO: DIÁLOGO INTERGERACIONAL E EDUCAÇÃO :  
UMA PRÁTICA COMPARTILHADA.**

**AUTORA: Prof. Marivana Giovelli**

**ORIENTADOR: Prof. Ms. Marco Aurélio Acosta**

**QUESTÕES NORTEADORAS PARA ENTREVISTA COM ALUNO REGULAR**

<b>LOCAL:</b>	<b>DATA:</b>	<b>HORA:</b>	<b>DURAÇÃO:</b>
<b>NOME:</b>	<b>SEMESTRE:</b>	<b>IDADE:</b>	<b>Fone p/ contato:</b>

- 1- Na sala de aula, (nome da disciplina) você tem um colega idoso que faz parte de um projeto intitulado Aluno Especial II. O que você sabe sobre este projeto?
- 2- O que voce pensa sobre continuar a estudar nessa idade?
- 3- A presença do velho (no ambiente) em sala de aula alterou o trabalho do professor?
- 4- A UFSM agiu de forma correta ao abrir este espaço aos velhos?
- 5- Como é seu contato com o velho em sala de aula? Porque?
- 6- Você acha que o velho pode contribuir de alguma forma para o processo educacional de jovens universitários? De que maneira?
- 7- Qual sua concepção (o que você pensa) sobre o envelhecimento humano?
- 8- Para você, “onde é lugar de velho”?
- 9- Gostaria de falar mais alguma coisa que não perguntei?

---

ANEXO 04

---

CÓPIA DAS QUESTÕES NORTEADORAS PARA  
ENTREVISTA COM ALUNO ESPECIAL II

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO  
HUMANO**

**SUBÁREA: Pedagogia do Movimento Humano  
LINHA DE PESQUISA: Processos didáticos pedagógicos e culturais do  
Movimento Humano no trabalho com a Terceira Idade.**

**TITULO DO PROJETO: DIÁLOGO INTERGERACIONAL E EDUCAÇÃO:  
UMA PRÁTICA COMPARTILHADA.**

**AUTORA: Prof. Marivana Giovelli**

**ORIENTADOR: Prof. Ms. Marco Aurélio Acosta**

**QUESTÕES NORTEADORAS PARA ENTREVISTA COM ALUNO  
ESPECIAL II**

**LOCAL: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_ HORA: \_\_\_\_\_**

**DURAÇÃO: \_\_\_\_\_**

**DADOS:**

**IDADE: \_\_\_\_\_ ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_ FONE: \_\_\_\_\_**

**DISCIPLINA: \_\_\_\_\_**

- 1- Sabes o que é o projeto Aluno Especial II?
- 2- À quanto tempo frequenta a Universidade como aluno especial II?
- 3- Porque escolheste esta disciplina?
- 4- O que voce está achando da disciplina?
- 5- Do professor?
- 6- Dos colegas?
- 7- Voce consegue trocar informações com os colegas?
- 8- Vocês conversam somente sobre a disciplina?
- 9- Como foi sua época de colégio/faculdade?
- 10-O que sua família pensa sobre voce estudar novamente?
- 11-Como entendes a educação na Universidade?

---

ANEXO 05

---

CÓPIA DAS QUESTÕES NORTEADORAS PARA  
ENTREVISTA COM PROFESSORES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO  
HUMANO**

**SUBÁREA: Pedagogia do Movimento Humano**

**LINHA DE PESQUISA: Processos didáticos pedagógicos e culturais do  
Movimento Humano no trabalho com a Terceira Idade.**

**TÍTULO DO PROJETO: DIÁLOGO INTERGERACIONAL: E EDUCAÇÃO  
UMA PRÁTICA COMPARTILHADA**

**AUTORA: Prof. Marivana Giovelli**

**ORIENTADOR: Prof. Ms. Marco Aurélio Acosta**

**QUESTÕES NORTEADORAS PARA ENTREVISTA COM PROFESSOR**

**LOCAL:**

**DATA:**

**HORA:**

**DURAÇÃO:**

TEMPO DE MAGISTÉRIO SUPERIOR: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

FORMAÇÃO: \_\_\_\_\_ FONE: \_\_\_\_\_

- 1- Conhece o Projeto Aluno Especial II?**
  
- 2- Qual sua opinião sobre o velho em sala de aula?**
  
- 3- Como entendes o processo de ensino, levando em consideração, uma menor formalidade, uma educação humanista, com liberdade..., onde a sala de aula pode ser ambiente de troca de experiências, brincadeiras e vivências?**
  
- 4- Consegue perceber relações intergeracionais na sala de aula?**
  
- 5- Gostaria de deixar alguma sugestão para melhoria do projeto?**

---

ANEXO 06

**INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA OBSERVAÇÃO**

**ESTRATÉGIA DE OBSERVAÇÃO/INSTRUMENTO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO**  
**HUMANO**

**SUBÁREA: Pedagogia do Movimento Humano**

**LINHA DE PESQUISA: Processos didáticos pedagógicos e culturais do**  
**Movimento Humano no trabalho com a Terceira Idade.**

**TÍTULO DO PROJETO: DIÁLOGO INTERGERACIONAL E EDUCAÇÃO :**  
**UMA PRÁTICA COMPARTILHADA.**

**AUTORA: Prof. Marivana Giovelli**

**ORIENTADOR: Prof. Ms. Marco Aurélio Acosta**

**LOCAL: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_ hora: \_\_\_\_\_ DURAÇÃO: \_\_**

**DISCIPLINA: \_\_\_\_\_**

**REGISTRO DE FREQUÊNCIA- Alves–Mazzotti (1998).**

**O professor:**

<b>Dirige a palavra aos alunos como um todo</b>	
<b>Dirige a palavra a algum aluno regular específico</b>	
<b>Dirige a palavra ao idoso</b>	
<b>Estimula a participação na discussão</b>	

**Os alunos:**

<b>Conversam entre si sobre a disciplina</b>	
<b>Conversam com o professor</b>	
<b>Conversam sobre outros assuntos que não a aula</b>	
<b>Os alunos dirigem-se ao idoso</b>	

**O aluno E II/ idoso:**

<b>Dirige a palavra ao professor</b>	
<b>Dirige a palavra aos colegas sobre o assunto da aula</b>	
<b>Conversa com os colegas sobre outros assuntos</b>	
<b>Conversa com o professor sobre outros assuntos</b>	
<b>Fala das suas experiências</b>	

## **OBSERVAÇÃO AMBIENTE**

### **Antes da aula:**

#### **1-Como é a chegada, o burburinho, onde está o idoso?**

Não veio

Atrazou-se

Chegou sem falar, entrou e sentou

Chegou, cumprimentando entrosou-se com os colegas

#### **2-Quem é o idoso?**

Características:

### **Durante a aula:**

#### **1-Como porta-se o idoso?**

Demonstra timidez

É alegre e espontâneo

Gesticula, movimenta-se

Conversa

Presta atenção a aula

Dialoga com o professor, contesta-o

Fala do passado de sua vida

#### **2- O que o idoso falou?**

-

-

#### **3- Quais as manifestações corporais?**

### **Depois da aula:**

#### **1- Onde está o idoso?**

Despede-se de alguém

Sai em silencio

Conversa com os colegas

Dirige-se para.....

### **Disposição na sala de aula:**